



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Francisca Maria Lima Ribeiro

**A EFICÁCIA DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA E O FUTURO
PAPEL DO TRADUTOR**

**Relatório de Estágio do Mestrado em Tradução, orientado pelo Doutor Jorge
Manuel Costa Almeida e Pinho, apresentado ao Departamento de Línguas
Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra**

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

A EFICÁCIA DA TRADUÇÃO AUTOMÁTICA E O FUTURO PAPEL DO TRADUTOR

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A eficácia da tradução automática e o futuro papel do tradutor
Autor/a	Francisca Maria Lima Ribeiro
Orientador/a(s)	Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
Júri	Presidente: Doutora Cornelia Elisabeth Plag
	Vogais:
	1. Doutor Fernando Gonçalves Ferreira Alves
	2. Doutor Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho
Identificação do Curso	2º Ciclo em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Português e duas línguas estrangeiras (Inglês/Alemão)
Data da defesa	30 de outubro de 2020
Classificação do Relatório	18 valores
Classificação do Estágio e Relatório	17 valores



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Agradecimentos

Ao Dr. Jorge Almeida e Pinho, meu orientador, por ter sempre as respostas mais rápidas às minhas dúvidas, pela disponibilidade excepcional mesmo em tempos mais complicados e por todas as correções que me permitiram avançar neste relatório com mais confiança.

À Dra. Cornelia Plag, por disponibilizar sempre os materiais mais relevantes e pelo gosto contagiante pela tradução, que me fez ter certeza de que estava onde queria estar.

Ao Dr. Simão Cunha, ao Dr. Rodolfo Lima e aos restantes colegas da SDL, que me receberam da melhor forma e me proporcionaram uma experiência de estágio valiosa.

A todos os meus amigos, por me ajudarem com as minhas dúvidas apesar do pouco contexto que lhes dava e por todas as questões existenciais debatidas durante este período.

Ao Luciano, por passar horas a ouvir sobre tradução automática, mesmo contrariado.

Aos meus pais e à minha irmã, pela confiança que têm em mim e por me proporcionarem o conforto que precisava para concluir esta etapa.

RESUMO

A eficácia da tradução automática e o futuro papel do tradutor

Num mundo em que as nossas vidas são dominadas pela tecnologia, é cada vez mais essencial conseguir acompanhar os progressos tecnológicos e tirar o melhor proveito dos benefícios que nos podem trazer. No contexto da tradução, a tradução automática é um dos progressos tecnológicos mais importantes e úteis, sobretudo a nível empresarial. Considerando que é muito provável que os sistemas de tradução automática venham a ser cada vez mais utilizados, a um ponto em que o peso dos seus benefícios os tornará (quase) indispensáveis, este relatório explora esta tecnologia de ponta, dando a conhecer as suas noções mais básicas e fazendo uma contextualização dos seus desenvolvimentos até aos dias de hoje. Não descartando a importância da parte inicial do Relatório de Estágio, focada naquela que foi a experiência do estágio na entidade de acolhimento, os principais objetivos do relatório passam por investigar a eficácia da tradução automática nos diferentes setores e tipos de conteúdo e por explorar a questão “o tradutor como novo revisor?”. A base para a primeira investigação consiste num inquérito feito a tradutores profissionais, relativamente aos setores/tipos de conteúdo em que a tradução automática obteve um melhor desempenho. Já a base para a segunda questão incide sobre uma comparação entre os processos de tradução, de tradução com pós-edição e de revisão, com vista a entender com qual dos dois o processo de tradução com tradução automática (pós-edição) mais se assemelha. Os resultados das duas análises demonstram **1.** que a tradução automática terá potencial em qualquer setor/tipo de conteúdo e que **2.** o processo de revisão se aproxima substancialmente do processo de pós-edição, deixando em aberto a possibilidade de, no futuro, estes dois processos serem amalgamados num só.

Palavras-chave: tradução automática, estágio em tradução, tradução, pós-edição, revisão

ABSTRACT

The effectiveness of machine translation and the future role of the translator

In a world where our lives are ruled by technology, the need to keep up with the latest technological advancements and getting the most benefit out of them has become a necessity. In the context of translation, machine translation is one of the most useful and important landmarks in terms of technological progress, especially on a business level. Considering it is very likely that machine translation systems will become increasingly more used, reaching the point where its benefits will make its use (almost) mandatory, this report explores this state-of-the-art technology, raising the awareness on its most basic levels and contextualizing its progress until the present time. Notwithstanding the relevance regarding the first part of this report, focused on the experience gathered during the internship, the main goals of this report concern investigating the effectiveness of machine translation in different sectors and types of content and exploring the question “is the translator the new reviser?”. The ground for this first investigation stems from a survey conducted among professional translators, regarding the different sectors/type of content where machine translation showed a better performance. The latter investigation, on the other hand, concerns a comparison between the processes of translation, translation with post-editing and revising, with a view to understand with which of the two the translation process with machine translation (post-editing) most resembles. The results of both analyses demonstrate the following **1.** machine translation has great potential, regardless of sector/type of content, and **2.** the process of revising is largely similar to the process of post-editing, leaving the possibility of, in the future, both processes coming together as one.

Keywords: machine translation, internship in translation, translation, post-editing, revision

Índice

Introdução.....	1
Parte 1.....	3
I. A empresa	3
1.1. Caracterização da entidade de acolhimento	3
1.2. Ambiente, espaço e comunicação na empresa	6
II. O estágio curricular	9
2.1. Descrição geral.....	9
2.2. Atividades realizadas	13
2.3. Metodologia de trabalho	17
III. Projetos.....	20
3.1. Exemplos de projetos	20
3.2. Excertos de projetos	21
IV. Conclusões sobre o estágio	27
Parte 2.....	29
I. A tradução automática	29
1.1. Contextualização histórica	29
1.2. Noções básicas e problemas inerentes à tradução automática	35
1.2.1. Problemas de ambiguidade	37
1.2.2. Expressões idiomáticas	41
1.3. Abordagens à tradução automática	43
1.3.1. Tradução automática estatística.....	43
1.3.2. Tradução automática neuronal.....	46
1.4. Análise de excertos com tradução automática	48
II. A eficácia da tradução automática nas diferentes áreas de tradução.....	54
2.1. A tradução nas áreas de <i>Marketing</i> , <i>TI</i> e <i>Automotive</i>	54
2.1.1. A tradução de <i>Marketing</i>	55
2.1.2. A tradução de <i>TI</i>	59
2.1.3. A tradução de <i>Automotive</i>	61
2.2. Estudo sobre a tradução automática de diferentes conteúdos	63
2.2.1. Análise do estudo e conclusões	64

Parte 3.....	74
I. O papel do tradutor no mundo da tradução automática	74
1.1. O tradutor como novo revisor?	76
1.1.1. O processo de tradução.....	77
1.1.2. O processo de tradução com pós-edição.....	79
1.1.3. O processo de revisão	81
1.1.4. Exemplos práticos.....	85
1.1.5. Conclusões.....	90
II. As tendências deformadoras na tradução automática	95
2.1. A analítica da tradução.....	96
2.2. Análise de excertos com tradução automática de acordo com as tendências deformadoras.....	101
Conclusões.....	107
Bibliografia	111

Introdução

Confrontada, pela primeira vez, com o mundo da tradução no contexto empresarial, fui exposta às inovações tecnológicas de apoio à tradução mais úteis em termos de produtividade e relevantes em termos da qualidade da tradução produzida. Contudo, foi a tradução automática que, de todas elas, teve mais destaque. Com a rápida evolução tecnológica que permitiu desenvolvimentos substanciais no apoio ao processo de tradução (como o desenvolvimento de sistemas de tradução automática neuronais) a tradução automática tornou-se uma ferramenta essencial no mundo da tradução, sobretudo quando estão em causa clientes exigentes e prazos de entrega apertados. Neste sentido, além de dar a conhecer o trabalho realizado durante o estágio, este relatório pretende explorar vários aspetos relacionados com a tradução automática, nomeadamente a sua origem e evolução, as abordagens à tradução automática mais utilizadas na atualidade e os maiores problemas que os sistemas de tradução automática ainda enfrentam atualmente. Fornecida esta contextualização da tradução automática nos dias de hoje, os maiores objetivos deste relatório serão tentar dar a conhecer, através de dados estatísticos, em que setores e tipos de conteúdo a tradução automática possui um melhor ou pior desempenho e, posteriormente, considerando as mudanças que a tradução automática tem trazido à metodologia de trabalho de um tradutor, abordar a questão “o tradutor como novo revisor?”.

A primeira parte do relatório abordará a minha experiência como estagiária na entidade por mim escolhida. No primeiro capítulo dar-se-á a conhecer a empresa de acolhimento, nomeadamente através de uma breve nota acerca da empresa, da descrição do seu funcionamento interno e da caracterização do espaço de trabalho, do ambiente entre colegas e das formas de comunicação utilizadas dentro do escritório. O segundo capítulo terá enfoque no estágio curricular, do qual, inicialmente, será feita uma descrição geral, seguida de uma referência às atividades realizadas durante esse período e, por fim, de uma descrição da metodologia de trabalho utilizada. O terceiro capítulo incidirá sobre os tipos de projetos realizados durante o estágio. Serão dados exemplos práticos desses projetos para que seja mais fácil entender-se em que consistiam, terminando com uma reflexão parcial, mas conclusiva, em relação à minha experiência na empresa.

A segunda parte do relatório estará relacionada, exclusivamente, com a tradução automática. O primeiro capítulo servirá como uma forma de contextualização histórica da tradução automática, explorando a sua evolução desde as primeiras ideias até aos dias de hoje. Serão ainda exploradas algumas noções básicas sobre a tradução automática, de forma a que seja possível, em seguida, refletir sobre alguns problemas que ainda persistem e dar a conhecer as abordagens à tradução automática mais utilizadas na atualidade. O capítulo será concluído com uma análise de excertos com tradução automática, considerando os seus maiores problemas e qualidades. O segundo capítulo desta segunda parte terá enfoque na análise de um estudo, com o objetivo de entender quais poderão ser as áreas nas quais a tradução automática é mais ou menos eficiente. Para tal, inicialmente, serão mencionadas as principais características de certas áreas, uma vez que poderão estar relacionadas com o melhor ou pior desempenho da tradução automática.

O primeiro capítulo da terceira e última parte do relatório estará, sobretudo, relacionado com o papel do tradutor num mundo dominado pela tradução automática, cuja principal questão, aliás já referida no início deste ponto, será “o tradutor como novo revisor?”. Para isso, serão analisados os processos de tradução, de tradução com pós-edição e de revisão, com o intuito de averiguar se o processo de tradução com tradução automática (pós-edição) se encontra mais próximo do processo de tradução ou do processo de revisão. Após serem tiradas conclusões neste sentido, terá início o segundo capítulo desta parte, na qual será abordada a analítica da tradução (*analytic of translation*), uma análise proposta por Antoine Berman. Para concluir o capítulo, serão analisados excertos traduzidos com tradução automática, considerando as tendências deformadoras mencionadas por Berman na analítica da tradução.

Por fim, serão feitas algumas considerações finais relativamente ao estágio e também em relação a toda a investigação e a todas as questões que culminaram neste relatório de estágio. Tentar-se-á fazer uma espécie de síntese de todos os resultados obtidos durante a escrita deste relatório, deixando em aberto algumas questões que poderão ser exploradas em estudos posteriores.

Parte 1

I. A empresa

1.1. Caracterização da entidade de acolhimento

Foi na SDL Portugal que tive a oportunidade de exercer as minhas primeiras funções como tradutora e de ficar a conhecer, da forma mais realista e completa, aquele que é o mundo da tradução em contexto empresarial.

A sigla SDL não será estranha para a maioria dos tradutores que habitualmente utilizam ferramentas de apoio à tradução, nomeadamente o *software* de tradução SDL Trados Studio. No entanto, apesar de se tratar de uma empresa conhecida por desenvolver *software* de tradução, a SDL fornece igualmente serviços de tradução para as mais diversas línguas, indo ao encontro de um dos seus objetivos fundamentais: permitir que toda a gente se compreenda em qualquer língua e em qualquer lugar¹.

A SDL é uma empresa multinacional, fundada em 1992, em Maidenhead, e conta atualmente com 59 escritórios espalhados por todo o mundo. Possui cerca de 1200 linguistas *in-house* e 15700 *freelancers*, que traduzem para mais de 180 pares de línguas. Segundo o *site* da empresa, para além de serviços de tradução, a SDL oferece também, entre outros serviços, serviços linguísticos como interpretação, localização de *software* e transcrição, nas mais diversas áreas, como *Automotive* e *Marketing* ou setores como o jurídico e financeiro, facilitando a comunicação a nível global. Traduz para 90 das 100 principais marcas a nível mundial, sendo exemplos a Philips, a Canon, a China Airlines e a Allianz.

Anteriormente, a empresa cumpria as funções gerais para toda a Península Ibérica, em Granada, Espanha. Atualmente, com escritório em Portugal, a SDL situa-se no Porto, em atividade desde 2016, e é gerida pelo Dr. Simão Cunha (*Language Office Director*,

¹ Grande parte das informações específicas à empresa referidas neste relatório, como os seus objetivos, serviços e dados estatísticos, poderão ser encontradas no seu website, <https://www.sdl.com>.

segundo a nomenclatura utilizada pela empresa). Num espaço ainda relativamente pequeno, a empresa acolhe 27 trabalhadores *in-house*, um número a ser aumentado aquando da sua expansão para um escritório de maiores dimensões, numa zona do Porto mais acessível aos seus trabalhadores em termos de zonas de restauração e de transportes. Além dos tradutores *in-house*, a empresa possui também vários *freelancers*, uma grande ajuda, por exemplo, no aumento da produtividade em dias de muito fluxo de trabalho.

A flexibilidade é uma das características mais notórias da empresa, tanto em termos de horário como de prazos de entrega de trabalhos. No que toca ao horário de trabalho, a hora de entrada estende-se entre as 8:30h e as 9:30h, e a hora de saída, entre as 17h e as 18h, com 1h para almoço. O trabalhador pode escolher o horário que mais se adequar às suas necessidades, tendo apenas de ter em consideração as 8h diárias de trabalho. Para além de ser vantajoso cada pessoa poder gerir as suas horas de trabalho tendo em conta, por exemplo, os horários dos transportes públicos, a SDL proporciona ainda a hipótese de os seus trabalhadores poderem terminar o dia de trabalho uma hora mais cedo todas as sextas-feiras (um dia designado *Happy Friday*), sendo para isso apenas necessários 15 minutos de trabalho adicionais durante o resto da semana. Já em relação aos prazos de entrega das traduções, é possível prolongá-los, em certas ocasiões, caso o tempo limite comprometa a qualidade das traduções a realizar, assegurando sempre as traduções mais cuidadas. Desta forma, o tradutor tem mais tempo para rever a tradução, tornando menos provável que se sinta desmotivado por achar que realizou um mau trabalho.

Em termos de organização interna, os trabalhadores da empresa estão distribuídos por três equipas distintas, sendo elas a equipa de *Automotive*, a equipa de *Marketing* e TI e a equipa de *Life Sciences* (segundo a nomenclatura utilizada pela empresa). Dentro de cada equipa existe um *Line Manager*, uma pessoa com conhecimentos gerais sobre cada conta (nomenclatura utilizada para “cliente”), cuja função é, essencialmente, liderar a sua equipa, assegurando que tem todo o material de que precisa para que o seu trabalho possua a melhor qualidade possível. Ainda relativamente a esta forma de organização das equipas, é de destacar o papel dos tradutores *lead*, os responsáveis pelas diferentes contas. Estes tradutores possuem um conhecimento aprofundado das contas que lhes são atribuídas, sendo responsáveis por gerir os projetos, enviar as traduções aos outros tradutores e rever traduções das respetivas contas.

Cada tradutor traduz, maioritariamente, textos ligados às temáticas da sua equipa. Contudo, em alturas de maior fluxo de trabalho (principalmente dentro da equipa de *Marketing*, a que normalmente recebe mais traduções), os tradutores das diferentes equipas podem ter de fazer traduções um pouco diferentes das habituais. Deste modo, ao mesmo tempo que ajudam as outras equipas, os tradutores têm a oportunidade de desenvolver as suas capacidades de tradução em áreas nas quais não traduzem normalmente.

Na empresa, as línguas de partida variam, principalmente, entre o inglês, o alemão, o francês e o espanhol. Os tradutores têm a oportunidade de traduzir de línguas nas quais não têm um conhecimento muito aprofundado, mas que gostariam de explorar e de melhorar. Isto funciona como uma forma de incentivo à aprendizagem de novas línguas e como um novo desafio, essencial para que o trabalho na empresa seja mais dinâmico e produtivo. Todos os projetos são traduzidos para o português, sendo que, para além de tradutores cuja língua materna é o português europeu, a SDL dispõe também de vários tradutores cuja língua materna é o português do Brasil, uma vez que o mercado de tradução para o português do Brasil é bastante extenso.

Como já foi referido anteriormente, os tradutores são divididos em equipas conforme os tipos de texto que traduzem e as temáticas em que se inserem. A equipa de *Marketing* e TI, como o nome indica, traduz, principalmente, textos com carácter publicitário e informático, pelo que anúncios, campanhas de produtos, manuais de instruções de dispositivos multimédia e *software* são alguns exemplos do tipo de conteúdo mais traduzido. No que toca à equipa de *Automotive*, os conteúdos traduzidos são já mais técnicos, girando especialmente em torno da indústria automóvel e de equipamentos industriais. Manuais de instruções que requerem conhecimentos bastante concretos relativamente ao funcionamento de, entre outros, equipamentos agrícolas ou de teste são exemplos do tipo de conteúdo traduzido nesta equipa. Por fim, relativamente à equipa de *Life Sciences*, mais ligada à saúde e à biotecnologia, são traduzidas, por exemplo, bulas de medicamentos, manuais de instruções de equipamentos hospitalares e, por vezes, documentos jurídicos.

Preocupada com a segurança, a consistência e a qualidade dos seus serviços e produtos, a SDL está certificada com várias normas ISO, sendo exemplos a ISO

17100:2015, a ISO 2700 e a ISO 14001, relacionadas, respetivamente, com a qualidade dos serviços de tradução, a gestão de serviços de TI e a gestão ambiental. Com a ajuda destas normas, a empresa pretende construir e manter uma relação de confiança com os seus clientes, bem como garantir o funcionamento seguro e de qualidade das suas tecnologias e serviços.

Todos os anos, a empresa mostra-se disponível para dar formação a estagiários. Apesar de a maioria dos estagiários que tem recebido serem estudantes da Universidade do Porto e da Universidade do Minho (compreensível devido à localização das universidades e da empresa), cujos estágios decorrem, normalmente, no segundo semestre do respetivo segundo ano, a SDL procura também receber estudantes de outras universidades, independentemente da altura do ano em que os seus estágios decorram. O facto de a SDL ter assinado o protocolo com a Universidade de Coimbra, pela primeira vez, demonstra o interesse que tem em dar uma oportunidade a estagiários que não estudem necessariamente nas universidades a que estão habituados e a levar o nome da SDL mais longe.

A empresa acaba por contratar muitos dos seus estagiários, uma vez que se trata de uma mais-valia (e é relativamente mais “seguro”) contratarem pessoas que, num período à experiência, tenham adquirido conhecimentos sobre o funcionamento da empresa e até mesmo conhecimentos sobre as preferências de certos clientes. Na verdade, muitos dos tradutores que trabalham atualmente na SDL realizaram lá o seu estágio curricular, pelo que alguns deles acabaram por terminar o mestrado ao mesmo tempo que trabalhavam. Toda a empresa tem o maior interesse em que os seus estagiários sejam bem-sucedidos academicamente, sendo que estes tradutores foram sempre ajudados pelos membros da SDL em termos de materiais ou de esclarecimento de dúvidas e incentivados a terminarem os estudos, mesmo já se encontrando a trabalhar na empresa.

1.2. Ambiente, espaço e comunicação na empresa

Uma das primeiras coisas de que fui informada no meu primeiro dia na empresa foi que no escritório se usava a forma de tratamento informal. Algo que à partida parece tão simples, consegue ser imensamente útil para ajudar a reduzir a “barreira” que por

vezes sentimos quando falamos com pessoas que certamente têm mais experiência de trabalho do que nós. É prático e permite que não haja aquele nervosismo inicial, quando, num ambiente novo, ainda não sabemos de que forma é que os outros preferem ser tratados. Estas relações informais entre trabalhadores proporcionam um ambiente de trabalho mais “ligeiro” e amigável e ajudam a que, por exemplo, os tradutores não tenham receio de partilhar as suas dúvidas ou opiniões com os colegas, aumentando a qualidade do seu trabalho.

Foi possível observar um ambiente de entreajuda em relação a todas as equipas. Se alguém tivesse dúvidas relativamente à tradução que estivesse a realizar, expunha-as aos colegas e discutiam sobre a melhor forma de traduzir certos termos. Se houvesse algum problema a nível de *software* ou erros em certos programas, havia sempre um tradutor com mais experiência nesses casos que se mostrava disponível para ajudar. E, caso se deparassem com qualquer problema, os tradutores podiam recorrer não só aos seus colegas de equipa, mas também aos colegas das outras equipas e aos restantes tradutores da SDL, mesmo que pertencessem a outros escritórios.

Recordo-me que a primeira tradução que recebi me tinha sido enviada por uma tradutora da equipa de *Marketing* que se encontrava a trabalhar num escritório fora de Portugal. Mostrou-se, desde o início, disponível para me ajudar com qualquer coisa que necessitasse, recebendo-me da mesma forma agradável que me tinham recebido os outros colegas em regime *in-house*. Apercebi-me logo de que os meus colegas de trabalho não seriam apenas aqueles com quem convivía todos os dias no escritório e que teria de comunicar de outras formas com os restantes tradutores da SDL.

Dentro do escritório, a comunicação era então efetuada por chat, utilizando o Skype for Business; por e-mail, utilizando o Outlook; ou então verbalmente. O Skype era principalmente utilizado para o esclarecimento de dúvidas mais breves, fossem elas relativas às traduções ou às suas instruções. Era também uma forma de os tradutores poderem pedir aos colegas de outras equipas que se deslocassem ao seu lugar para o esclarecimento de dúvidas, sem que fosse necessário levantarem-se para isso. O Outlook, por sua vez, era essencialmente utilizado para o envio de encomendas de tradução, para avisar os colegas de que a tradução estava concluída ou revista e para passar informações e avisos que fossem pertinentes a todos. Com os colegas que trabalhassem fora do

escritório, era ainda possível realizar chamadas através do Skype, caso quisessem tratar de assuntos que não fossem tão breves.

A empresa possui uma rede partilhada por todos os tradutores do escritório, na qual se encontram diversos tipos de materiais úteis, designadamente memórias de tradução organizadas por diferentes clientes e por diferentes áreas, instruções adequadas a certas traduções, bases terminológicas, entre outros. Os materiais são acessíveis a todos os tradutores, apesar de serem utilizados sobretudo pelos *leads* das contas, que estão normalmente responsáveis por preparar as encomendas de tradução, nomeadamente projetos já com as memórias e as bases terminológicas aplicadas. Alguns destes materiais podem também ser acedidos através do SDL Trados GroupShare, uma ferramenta *online* que permite gerir projetos de tradução, em tempo real, de forma simples e rápida.

A organização do espaço é um dos fatores que facilita a comunicação no escritório e que torna o ambiente na empresa mais informal e descontraído. O sistema de *open-space* permite que todas as equipas, à exceção da equipa de *Life Sciences* (numa divisão à parte), trabalhem na mesma divisão, encontrando-se apenas distribuídas por mesas diferentes. Ainda partilhando o mesmo espaço, encontra-se também o *Language Office Director*. Numa outra divisão existe uma sala que pode ser utilizada, por qualquer pessoa, para reuniões, conferências e formações, sempre que necessário, existindo ainda outra sala, numa espécie de “cave”, adequada aos mesmos fins. A última divisão corresponde a um pequeno local para refeições, no qual estão disponíveis os equipamentos e materiais de cozinha necessários para que os trabalhadores possam trazer as suas próprias refeições de casa.

Na mesa da equipa de *Marketing*, a equipa com que trabalhei, tinha ao meu lado o meu orientador de estágio e *Line Manager*, Dr. Rodolfo Lima. Esta disposição facilitou muito a nossa comunicação e, para além disso, ajudou a que o meu orientador pudesse acompanhar de perto todo o meu progresso. Na minha opinião, este acompanhamento consiste num dos pontos essenciais para um bom estágio, uma vez que nos permite evoluir e melhorar ao aprender com a ajuda de alguém que já possui uma vasta experiência de trabalho.

II. O estágio curricular

2.1. Descrição geral

O meu estágio teve início a 16 de setembro de 2019 e fim a 12 de dezembro de 2019, tendo estagiado durante aproximadamente 3 meses. Por ter de frequentar aulas em Coimbra uma vez por semana, a empresa disponibilizava-me o dia livre todas as sextas-feiras, de forma a que pudesse deslocar-me para Coimbra a tempo de assistir às aulas que na altura frequentava.

O meu primeiro dia na SDL Portugal iniciou-se às 11h da manhã, permitindo-me a familiarização com a zona onde a empresa estava localizada e encontrá-la sem qualquer problema. Fui logo recebida pelo Dr. Simão Cunha, que me apresentou àqueles que seriam os meus futuros colegas de trabalho e me explicou, de forma breve, como funcionava a empresa e em que consistia a SDL. Logo de seguida, fui apresentada ao meu orientador de estágio, o Dr. Rodolfo Lima, que desde o início mostrou ser das pessoas mais prestáveis durante o período do meu estágio. Reunimo-nos e falou-me um pouco mais da SDL e do seu funcionamento, com enfoque nos objetivos do trabalho que eu iria realizar na equipa de *Marketing* e em como este se iria desenvolver ao longo do estágio.

Foi-me explicado que o horário de entrada e de saída da empresa seria bastante flexível, como já referido anteriormente, tornando possível a escolha do horário que mais se adequava às minhas necessidades. O meu horário, estendia-se, então, normalmente, das 9h às 17:45h, perfazendo as 8h diárias. Esta hipótese de escolha do meu próprio horário de trabalho permitiu-me organizar o dia de forma a conseguir trabalhar nas horas em que, por norma, sou mais produtiva, o que desde o início foi uma grande motivação. O facto de a hora para almoço ser também bastante flexível, tendo a duração máxima de 1h, permitiu que, almoçando mais rapidamente, pudesse sair do trabalho mais cedo do que o normal (desde que cumpridas as 8h diárias), sempre que tal fosse necessário.

De forma a controlar as horas de trabalho, o tempo utilizado na realização de todas as tarefas e o tempo gasto na hora de almoço (também útil para a definição de orçamentos), a SDL dispõe de um *software* designado *Timesheet*. Trata-se de uma janela que o tradutor ativa todos os dias assim que começa o seu trabalho na empresa, iniciando

uma espécie de cronómetro que estará ativo até o tradutor dar o trabalho como terminado no final do dia. Nesta janela, o tradutor tem de preencher vários espaços: um com o código do projeto, fornecido na encomenda de tradução, e outro com a operação em curso, na qual, normalmente, preenchia o tipo de tradução que estava a realizar (com *Interactive Machine Translation* (iMT), *Statistical Machine Translation* (SMT) ou *Neural Machine Translation* (NMT)), com “familiarisation and research”, caso ainda estivesse na fase de pesquisa, ou com “QA check”, se estivesse na fase de revisão da tradução, nomeadamente a realizar a correção ortográfica e o QA (localização de erros nas *tags*, na numeração, etc.). Sempre que preenchesse os dados relativamente a um novo projeto, era aberta uma nova janela na *Timesheet*, na qual tinha de colocar o número de palavras correspondentes ao projeto de tradução em questão. Quando não me encontrava a trabalhar em nenhum projeto, preenchia o código do projeto com “translation” e a operação com “planned training”, uma vez que quando não traduzia estava, geralmente, a fazer formações *online*.

Para mim, que nunca tinha feito traduções com prazos tão curtos, com o objetivo de serem entregues a clientes “reais”, a *Timesheet* foi uma ferramenta especialmente útil, pois permitia-me controlar o tempo que demorava a traduzir um certo número de palavras, tendo em conta o tipo de tradução de que se tratava. Desta forma, fui conseguindo, progressivamente, fazer uma estimativa do tempo que demoraria a traduzir certas encomendas de tradução e cumprir sempre os prazos que me eram dados.

Os primeiros dias de estágio, para além da familiarização com o funcionamento da empresa, consistiram também na familiarização com as ferramentas de apoio à tradução a serem utilizadas, tanto através de formações *online*, todas disponibilizadas no *website* da SDL, como de formações lecionadas pelos tradutores da empresa que tivessem mais experiência em relação aos temas a serem abordados.

As formações *online* eram constituídas por uma parte teórica, disponibilizada através de vídeos de palestras, apresentações complementadas com áudio, ou documentos em PDF, e, por vezes, por uma parte prática, que consistia em testes de escolha múltipla relacionados com a formação que se estivesse a realizar. Estas formações tratavam de assuntos como o Código de Conduta da SDL, sendo exemplos de alguns dos tópicos das formações a “Proteção de informações da empresa” e a “Privacidade de dados”. Realizei também algumas formações *online* sobre o funcionamento do GroupShare e do SDL

Trados Studio 2019, que complementaram as formações relativas a estas matérias previamente lecionadas pelos meus colegas.

Cheguei à SDL com conhecimentos muito pouco aprofundados no que toca às ferramentas de apoio à tradução. Durante o estágio, o único *software* de tradução por mim utilizado foi o SDL Trados Studio 2019, ligeiramente diferente do *software* de tradução que me ensinaram a utilizar durante o mestrado, o MemoQ. Por esta razão, antes de iniciar qualquer trabalho de tradução, foram-me dadas formações relativamente ao SDL Trados Studio 2019, com ênfase nas funções do programa que mais iria utilizar. Estas formações, bem como os materiais de apoio que me foram fornecidos posteriormente, serviram como base para todas as traduções que viria a realizar na empresa, uma vez que todas elas eram feitas utilizando o Trados.

No segundo dia de estágio, realizei a minha primeira tradução, com a qual pude pôr em prática os conhecimentos teóricos que tinha adquirido nas formações sobre as ferramentas de apoio à tradução. Comecei apenas com uma tradução curta, com vista a aumentar progressivamente o número de palavras por dia. Este progresso foi feito conforme o meu ritmo de trabalho, contando com a ajuda do meu orientador de estágio, que geria diariamente o número de palavras que eu teria de traduzir, tendo em conta o tempo que normalmente demorava a fazer traduções semelhantes. Fui sempre incentivada a progredir com calma e a valorizar a qualidade dos meus trabalhos acima da rapidez com que os fazia, uma vez que o resultado poderia ser uma tradução de fraca qualidade. Desta forma, fui ganhando motivação para organizar o meu tempo de modo a obter o máximo de produtividade e aumentar gradualmente a rapidez com que fazia as traduções, mantendo a qualidade.

A contagem de palavras diárias fazia-se tendo em conta o número de palavras novas, ou seja, as palavras que não constavam das memórias de tradução disponibilizadas, e o número de *fuzzies*, que consistia nos segmentos que já teriam alguma correspondência nas memórias de tradução a serem aplicadas no projeto em questão. O tempo que devia gastar a traduzir um certo número de palavras dependia, maioritariamente, do tipo de tradução automática utilizado e do carácter “simples” ou “complexo” da tradução, pelo

que me era disponibilizada uma folha com a métrica² utilizada na empresa, que podia consultar sempre que necessitasse.

Relativamente aos prazos para a entrega das traduções, normalmente consistiam em prazos relativamente curtos, pois as traduções que realizava eram também, na sua maioria, traduções curtas, mas bastante frequentes. Sempre que terminava uma tradução, tinha já outra tradução que podia iniciar imediatamente. Geralmente, os prazos adequavam-se ao meu ritmo de trabalho, pelo que foram raras as vezes em que tive de entregar alguma tradução fora do prazo previsto, ou alguma tradução que não tenha tido tempo de rever. Tinha a vantagem de poder organizar o meu tempo da forma mais adequada, uma vez que, como todas as outras equipas, a minha possuía também um documento em *Excel online* partilhado, no qual cada tradutor podia verificar quais eram as traduções que lhe iam ser atribuídas nesse dia (e por vezes também para os dias seguintes). Este documento continha ainda as informações relativamente ao número de palavras dos projetos e aos prazos de entrega de cada um. Deste modo, tinha conhecimento das traduções que me iam ser atribuídas com antecedência, podendo organizar o meu tempo e escolher que tradução realizar em primeiro lugar, tendo em conta o prazo e a rapidez com que conseguia traduzir certos projetos. Durante o estágio, não cheguei a realizar nenhuma tradução muito extensa, pelo que uma tradução com aproximadamente 3000 palavras, que cheguei a fazer, já seria considerada uma tradução longa em comparação com as restantes traduções que realizei.

Todas as traduções que realizei ao longo do estágio, à exceção de algumas traduções do alemão, eram feitas com a ajuda da tradução automática, que vinha já aplicada nos projetos do Trados. As traduções contavam também com o apoio de memórias de tradução, fornecidas tanto pelo cliente como pela SDL. Estes dois apoios à tradução tornaram as minhas traduções mais consistentes e o processo de tradução mais rápido, aspetos que pude desenvolver durante o meu estágio e que considero fundamentais no contexto empresarial, por ser, por norma, bastante competitivo.

² Como forma de exemplo, nesta folha podia verificar que, para traduções de línguas ocidentais de carácter “simples”, a métrica da empresa consistiria na tradução de 2500 palavras por dia, correspondentes a 330 palavras por hora.

2.2. Atividades realizadas

Durante o período do estágio, o meu trabalho foi exclusivamente de tradução e todas as traduções que realizei tinham como objetivo serem entregues a clientes reais. Não cheguei a fazer revisões das traduções dos meus colegas, nem a gerir as minhas traduções, visto ainda me encontrar numa fase de aprendizagem. Também nunca fiz traduções de português para outra língua, uma vez que as traduções na SDL eram sempre feitas para o português. O único trabalho de revisão que realizei consistia em rever apenas as minhas traduções antes de as dar por concluídas e as enviar para um tradutor mais experiente que pudesse fazer a revisão final.

Os pares de línguas nos quais traduzi foram inglês-português e alemão-português. Fui questionada, logo no primeiro dia, em relação às línguas que estava habituada a traduzir e se havia alguma língua com a qual gostaria de trabalhar, mesmo que não me sentisse totalmente à vontade com ela. Chegou, aliás, a circular por todas as equipas, um documento online em *Excel*, que consistia numa tabela com o nome das línguas e o nome de cada tradutor da empresa, cujo objetivo era permitir que os tradutores da SDL pudessem explorar mais línguas do que aquelas a que estavam habituados a traduzir, de forma a tornar o seu trabalho mais dinâmico. Apesar de ter tido sempre mais dificuldades a traduzir do alemão para o português, todas as traduções deste par de línguas que me foram atribuídas se adequaram aos conhecimentos que possuía. Sempre que fazia alguma tradução com a qual não me tivesse sentido muito confiante, explicava ao meu orientador de estágio as dificuldades que tinha tido e estas dificuldades eram tidas em conta em traduções futuras.

Como já referi anteriormente, fui colocada na equipa de *Marketing* e TI, uma vez que se tratava da equipa com mais fluxo de trabalho. Durante um semestre, tive o meu primeiro contacto com tradução literária, uma cadeira na qual me foi exigida a utilização de uma abordagem mais criativa à tradução. No entanto, nunca tinha tido muito contacto com a tradução de publicidade. Ao contrário da tradução literária, cujas traduções, no geral, devem respeitar tanto a escrita como a mensagem do autor, a tradução de anúncios devia ser mais livre e ter como objetivo principal adaptar o texto de forma a torná-lo o mais natural possível para o leitor da língua de chegada, mantendo, sempre que possível, a mensagem original. A tradução de *Marketing* mostrou-se, então, um desafio para mim,

visto estar habituada a (e ter preferência por) traduzir textos com carácter mais técnico, nos quais, por norma, não tinha de usar tanto a criatividade e podia traduzi-los de forma mais literal, sem efetuar tantas alterações ao texto original.

Na equipa de *Marketing* e TI, as encomendas de tradução de carácter publicitário que mais recebia eram relacionadas com vestuário e calçado, eletrodomésticos, máquinas fotográficas e respetivos acessórios e *gaming*. No que toca às encomendas de tradução de carácter informático consistiam, sobretudo, em aplicações informáticas para dispositivos móveis e *software*. Uma das vantagens da equipa de *Marketing* e TI era poder variar frequentemente entre traduções mais criativas e traduções mais técnicas e alargar os meus conhecimentos relativamente às características dos diferentes tipos de texto e às respetivas abordagens à tradução. O facto de a maioria dos clientes utilizar expressões semelhantes em todas as encomendas de tradução, de forma a manterem a consistência com textos anteriores, permitiu-me familiarizar-me rapidamente com expressões recorrentes e tornar o processo de tradução mais intuitivo e mais rápido. Todas as traduções pertencentes à minha equipa foram feitas do inglês para o português.

Tendo o meu orientador de estágio conhecimento das minhas preferências relativamente ao tipo de traduções que mais gostava de fazer e com vista a uma experiência de estágio mais alargada, foi-me dada a possibilidade de, para além de traduções da equipa de *Marketing* e TI, poder também fazer traduções pertencentes à equipa de *Automotive*. Estas traduções possuíam um carácter muito técnico, pelo que era essencial fazer uma pesquisa mais intensiva relativamente a certos termos. Apesar de ter preferência pela tradução técnica, tive sempre em consideração que se tratava de um processo bastante mais minucioso e que qualquer erro de interpretação ou falta de clareza na tradução teria um impacto negativo muito maior do que uma tradução de *Marketing* que tivesse algum erro semelhante. Uma falha de tradução num manual de instruções de um corta-relvas, por exemplo, poderia pôr em causa a segurança dos utilizadores. Por este motivo, e devido ao vocabulário muito específico, com o qual, muitas vezes, nunca me tinha deparado, senti alguma insegurança quando comecei a fazer traduções deste tipo. Fui-me apercebendo, no entanto, de que o vocabulário utilizado nestes tipos de texto era bastante semelhante de tradução para tradução. Com a prática, consegui assimilar certas expressões recorrentes e ganhar mais confiança no meu trabalho. As memórias de tradução disponibilizadas pela equipa mostraram também ser uma grande ajuda para o

processo de tradução. Todas elas eram bastante completas e atualizadas, permitindo que as minhas traduções fossem consistentes em termos de vocabulário e expressões, indo ao encontro das preferências dos clientes. As traduções para esta equipa eram feitas nos pares de línguas alemão-português e inglês-português.

Antes de iniciar qualquer tradução, procedia primeiro a um breve trabalho de pesquisa. Este trabalho consistia, essencialmente, em explorar o *website* dos clientes em questão, de forma a ficar a conhecer melhor os seus produtos e a obter mais contexto sobre a empresa em si. Outro dos motivos pelo qual era útil explorar o *website* de certos clientes prendia-se com o facto de muitos deles não disponibilizarem o texto original nem qualquer outro tipo de material de referência na encomenda de tradução, pelo que uma pesquisa rápida de algumas palavras da tradução no motor de pesquisa da *Google* me reencaminhava para o texto original no *website* do cliente. Já após iniciar a tradução, sempre que fosse necessário pesquisar algum termo específico, e dependendo da temática da tradução em questão, recorria ao dicionário ou à base terminológica *online* que mais se adequasse. Utilizava, por exemplo, o *Linguee* tanto para termos mais simples, que não me conseguisse recordar na altura, como para termos mais específicos, tendo em conta apenas os exemplos de tradução cuja fonte fosse segura, nomeadamente exemplos do *Europarl* atualizados; ou a base terminológica *online* da Microsoft, bastante útil para traduções de carácter informático, principalmente para a tradução de *software*. No que toca às traduções de *Marketing*, recorria principalmente aos meus colegas de trabalho, que tinham sempre as ideias mais criativas, mesmo para as expressões mais ilógicas.

Como referido anteriormente, muitos dos clientes não disponibilizavam materiais de referência para a tradução, pelo que raramente tinha acesso ao texto original. Esta falta de materiais tornava o meu processo de tradução mais difícil, pois, por vezes, não era possível distinguir certos títulos do corpo do texto, nem, por exemplo, distinguir o modo infinitivo do modo imperativo, uma vez que o contexto fornecido não era suficiente. Geralmente, nestes casos, a maior ajuda vinha do *lead* da conta, que, por ter já um vasto conhecimento do tipo de conteúdo traduzido para o cliente em questão, conseguia mais facilmente “decifrar” certos segmentos. Quando, mesmo assim, não era possível entender expressões específicas por não haver contexto suficiente, tinha de proceder ao preenchimento de uma *query*. As *queries* eram uma forma de entrar em contacto com o cliente, através de um documento em *Excel*, no qual colocava as minhas questões,

identificando devidamente os segmentos a que correspondiam. A resposta à minha pergunta era partilhada pelos colegas da SDL de outros escritórios, visto que se a questão não fosse relacionada com aspetos específicos do português, a resposta podia ser igualmente útil para a tradução para outras línguas.

Uma das tarefas para a qual tentava arranjar algum tempo, sempre que possível, consistia em ler o *feedback* dos meus colegas, apontar os pontos mais importantes que nele encontrasse e fazer *compares*, um termo que explicarei mais adiante. Recebia, frequentemente, *feedback* das minhas traduções, normalmente com algumas correções a nível da construção frásica e alterações estilísticas. Receber *feedback* foi essencial para poder ter uma maior perceção daqueles que eram os meus erros mais frequentes e, deste modo, conseguir melhorar nesse aspeto. Serviram também para que tomasse atenção a pormenores que achava serem irrelevantes, como a utilização de letra minúscula a seguir a dois pontos ou a utilização de aspas retas em vez de aspas curvas, tendo em conta as normas estilísticas da empresa. Quando não me era enviado qualquer tipo de *feedback*, muitas vezes apenas por esquecimento dos meus colegas, tinha a liberdade de lhes pedir isso sempre que achasse mais necessário, pelo que acabavam por fazer algum comentário relativamente às minhas traduções. No que toca aos *compares*, alguns colegas chegavam até a enviar-me o *compare* da tradução junto do *feedback*, tendo eu apenas de me concentrar nos comentários que fizessem à minha tradução, já contando com o apoio visual das alterações realizadas. Os *compares* consistiam, como o nome indica, na comparação da minha tradução original com a tradução já revista, de modo a verificar quais foram as alterações realizadas durante o processo de revisão. Para isto, utilizava o programa *Change Tracker*, o qual me foi ensinado a usar pelos meus colegas durante o estágio.

Dependendo dos clientes, o Acordo Ortográfico (AO) utilizado podia ser tanto o novo como o antigo. Normalmente, para os clientes alemães, o mais utilizado era o antigo AO, por sua preferência. Pelo contrário, para clientes cujos projetos de tradução estavam ligados a publicidade, por norma, era utilizado o novo AO, tal como aconteceu na maioria das traduções que realizei durante o estágio. A utilização do novo ou do antigo AO vinha quase sempre explícita nas encomendas de tradução, pelo que se não viesse, geralmente significava que teria de utilizar o novo AO.

2.3. Metodologia de trabalho

De forma a garantir uma ótima qualidade de serviços de tradução, o trabalho na SDL consistia num processo muito metódico, no qual, todos os dias, era necessário que seguisse uma lista de tarefas que pode ser resumida nos seguintes pontos:

1. Leitura da encomenda de tradução;
2. Atualização da *Timesheet*;
3. Atualização do documento em *Excel* partilhado com as tarefas de tradução;
4. Criação de uma memória de tradução temporária e aplicação da memória no projeto;
5. Colocação de dúvidas e preenchimento de *queries*;
6. Revisão e QA³;

Assim que recebia o e-mail de um dos *leads* com o projeto de tradução, procedia à leitura da encomenda. A encomenda de tradução incluía tanto as informações necessárias para o preenchimento da *Timesheet* relativamente ao projeto que iria iniciar, como o prazo de entrega e as instruções específicas ao projeto e ao cliente. As instruções, para além do acordo ortográfico, que já foi referido anteriormente, incluíam, por vezes, a indicação de expressões que deviam ser traduzidas de certa forma ou mantidas tal como estavam no texto original; a restrição de caracteres, quando exigida pelo cliente; ou outras observações relevantes, normalmente relacionadas com as preferências do cliente em questão. O e-mail com a encomenda de tradução podia ainda conter documentos anexados que, por norma, correspondiam ao material de referência.

Apesar de poderem parecer pontos irrelevantes, tanto o segundo como o terceiro passo eram de importância extrema para que fosse possível organizar a distribuição das encomendas de tradução e o tempo dispensado a essas tarefas. A atualização da *Timesheet* devia ser constante, uma vez que, ao longo do processo de tradução, as tarefas que realizava iam variando. Deste modo, a operação em curso devia ser alterada conforme a

³ *Quality Assessment*, normalmente traduzido como “Avaliação de Qualidade”

tarefa que estivesse a realizar no momento, sendo que as opções de preenchimento foram já explicadas no ponto 2.1 deste capítulo. Só desta forma era possível controlar o tempo dispensado para o projeto e criar orçamentos com precisão. O terceiro passo, por sua vez, permitia que os *leads* das contas e o *Line Manager* da equipa pudessem verificar em que ponto do trabalho me encontrava, de modo a conseguirem gerir eficazmente as encomendas de tradução que fossem recebendo. Tal como a *Timesheet*, também o documento em *Excel* com as tarefas de tradução devia ser atualizado regularmente, pelo que me cabia colocar uma percentagem aproximada do progresso da tradução que estivesse a realizar no momento e colocar a negrito as tarefas que já tivesse concluído. A omissão deste passo resultaria no atraso da atribuição de projetos por parte do *Line Manager* e, conseqüentemente, na redução da produtividade da empresa.

O quarto passo correspondia à criação de uma memória de tradução temporária. Esta memória era criada apenas para os clientes para os quais estivesse a trabalhar pela primeira vez e devia ser aplicada a todas as suas encomendas de tradução futuras. Independentemente das memórias de tradução que pudessem ser fornecidas pela SDL ou pelo próprio cliente – que, por vezes, se encontravam desatualizadas, servindo apenas como referência – era essencial que criasse as minhas memórias de tradução temporárias e as atualizasse conforme as alterações realizadas no processo de revisão. O objetivo destas memórias temporárias consistia em ter sempre as memórias mais atualizadas e coerentes, principalmente em termos de vocabulário e de expressões regulares. Além disso, tornavam o processo de tradução mais rápido, dispensando, por exemplo, novas pesquisas de certos termos ou expressões. Se, anteriormente, já tivesse criado uma memória de tradução temporária para um certo cliente, neste passo precisava apenas de aplicá-la ao projeto. Ao contrário das memórias de tradução temporárias, as bases terminológicas e as memórias de tradução disponibilizadas pela SDL ou pelos clientes, geralmente, vinham já aplicadas. Depois de ter realizado todos os passos acima descritos, bem como a análise do texto de partida e uma breve pesquisa sobre o tema, iniciava a tradução.

Nesta fase de aprendizagem, era importante colocar dúvidas sempre que alguma surgisse, de forma a conseguir adquirir conhecimentos mais consolidados. Não houve falta de incentivo e disponibilidade por parte dos meus colegas de trabalho, pelo que sempre me senti à vontade para o fazer. Muitas das dúvidas que surgiam relacionavam-

se, por exemplo, com dificuldades em posicionar ou omitir *tags* no Trados, inconsistências entre as bases terminológicas e as memórias de tradução, questões relativas a termos técnicos que desconhecia, termos a traduzir ou a manter inalterados, entre outras. As dúvidas devido a falta de contexto e de textos de referência eram as mais difíceis de esclarecer, sendo que, normalmente, era necessário recorrer às *queries*, um processo já explicado anteriormente.

Durante o último passo, revia, em primeiro lugar, a minha tradução de uma forma mais generalizada. Tinha em consideração aspetos como a concordância, expressões sobre as quais surgiam dúvidas na tradução e, principalmente, os erros que mais eram assinalados na revisão das minhas traduções. Em seguida, utilizava a opção de correção ortográfica, presente no Studio, que me permitia encontrar erros ortográficos, expressões não traduzidas e gralhas. Relativamente à possível inconsistência entre segmentos, numeração colocada de forma errada, diferenças de pontuação entre o texto original e a tradução, esses eram alguns exemplos de erros que eram indicados depois de utilizar o QA *check*, uma outra ferramenta do Studio, essencial para assegurar a qualidade do texto de chegada. Era-me pedido que, para além de rever a tradução, realizar a correção ortográfica e o QA *check*, guardasse também o relatório deste último numa pasta partilhada, à qual o revisor da minha tradução teria, posteriormente, acesso. Desta forma, o revisor possuía já uma lista de erros que podia verificar de imediato, garantindo que nenhum deles tivesse ficado por alterar durante o meu processo de revisão. Posto isto, quanto mais eficaz fosse a minha revisão da tradução antes de ser enviada para o revisor, mais rápido seria o processo de revisão e, conseqüentemente, maior seria a qualidade do meu trabalho e a produtividade da empresa.

Concluídos todos os passos acima referidos, tinha apenas de responder ao e-mail com a encomenda de tradução, para avisar o *lead* de que tinha dado a tradução como concluída. Após a receção do e-mail, o próprio *lead* podia ficar responsável pela revisão da tradução ou, se assim achasse necessário, incumbir essa tarefa a outro membro da equipa. Nesta fase, era igualmente essencial a atualização da *Timesheet* e do documento em *Excel* para poder iniciar outra tarefa.

III. Projetos

3.1. Exemplos de projetos

Pretendo, com esta secção, demonstrar em que consistia a maioria dos projetos de tradução que realizei na SDL, através do quadro apresentado abaixo. Como o número de projetos que realizei durante o estágio foi muito elevado, uma vez que, como já referi anteriormente, se tratava de projetos curtos, apresento apenas alguns exemplos relevantes, de forma a conseguir fornecer uma visão geral da variedade de tarefas de tradução que realizei. É de salientar que, por motivos de confidencialidade, não serão revelados os nomes das entidades para as quais traduzi, ao passo que será apenas dada uma breve explicação do conteúdo de cada projeto. As tarefas de tradução não se encontram por ordem cronológica, uma vez que optei por agrupar as traduções por área/equipa, de forma a que pudesse ser feita uma comparação mais fácil entre os diferentes trabalhos que realizei na mesma área.

Tipo de projeto	Área/Equipa	Tipo de cliente	Descrição da tarefa	Par de línguas
Entrevista para anúncio publicitário	<i>Marketing</i>	Multinacional na área de equipamento fotográfico	Tradução de excertos de entrevistas realizadas a fotógrafos de renome a promoverem certas funcionalidades dos equipamentos da entidade em questão	Inglês-Português
Anúncio publicitário de calçado e peças de vestuário	<i>Marketing</i>	Multinacional na área de calçado e vestuário	Tradução de descrições de calçado e peças de vestuário, nomeadamente as principais características de cada produto	Inglês-Português
Aviso de ajuste de horário	<i>Marketing</i>	Companhia área	Tradução de um aviso de ajuste de horário de embarque direcionado aos	Inglês-Português

			passageiros da companhia aérea	
Aplicação para telemóvel	Informática	Multinacional na área de sistemas de navegação	Tradução de <i>software</i> a ser utilizado numa aplicação móvel. A tradução continha, por exemplo, mensagens de erro e indicações direcionadas ao utilizador	Inglês-Português
Manual de instruções	Informática	Multinacional na área de equipamentos informáticos	Tradução de alguns segmentos de um manual de instruções de uma ventoinha para computador	Inglês-Português
Legendagem de anúncio publicitário	<i>Marketing/Automotive</i>	Fabricante de automóveis	Tradução e legendagem num programa do Studio de um anúncio relativo à qualidade de atendimento nos concessionários do fabricante de automóveis em questão	Inglês-Português
Aplicação para dispositivos móveis	<i>Marketing/Automotive</i>	Multinacional na área de equipamentos para processamento de madeiras	Tradução de <i>software</i> de uma aplicação para módulos de móveis	Alemão-Português

3.2. Excertos de projetos

De modo a complementar a informação fornecida no ponto anterior, relativamente ao conteúdo dos projetos que realizei durante o estágio, exemplifico, através de amostras de traduções, os principais problemas e dificuldades de tradução com que me deparei ao longo do meu percurso na SDL. Os exemplos serão acompanhados por uma pequena reflexão, que poderá incluir as minhas propostas de tradução e o raciocínio que resultou na versão final da respetiva encomenda. Grande parte das tarefas de tradução que realizei consistiam em segmentos individuais sem ligação direta com os restantes segmentos, ou

de pequenos excertos de texto coeso, pelo que os exemplos não serão muito extensos e alguns poderão consistir em apenas uma frase.

Projeto/Área: <i>Marketing</i>	
Par de línguas: Inglês-Português	
Texto de partida	Texto de chegada
<ul style="list-style-type: none"> a) At home in your home. b) Give your music room to breathe. c) Happy birthday, baby! d) Faster than fast. Quicker than quick 	<ul style="list-style-type: none"> a) Em casa, na sua casa. b) Dê à sua música espaço para respirar. c) Feliz aniversário! d) Mais do que rápida. A mais rápida de sempre
Versões revistas	
<ul style="list-style-type: none"> a) Sinta-se em casa. b) Liberte a sua música. c) Feliz aniversário! d) Mais do que simples rapidez: uma câmara que trabalha à velocidade da luz 	
Observações	
<p>Na tradução de <i>Marketing</i>, é essencial estar-se atento às diferenças socioculturais e optar por uma abordagem substancialmente mais criativa do que, por exemplo, a da tradução técnica. Fui-me apercebendo de que, neste contexto, a tradução literal, mesmo em casos cuja tradução não fosse estranha em português, raramente mostrava ser eficaz. Deste modo, procurei sempre encontrar expressões que, não sendo exatamente iguais às do texto de partida, transmitissem o mesmo sentido e soassem o mais natural possível ao público de chegada. As alíneas a) e b) são exemplos de segmentos em que optei por uma abordagem mais literal, achando que, apesar de não ter alterado o texto de partida, o texto de chegada fosse perceptível e transmitisse o mesmo sentido do texto de partida. De facto, as minhas propostas de tradução não seriam consideradas erradas do ponto de vista sintático ou semântico, mas, tratando-se de segmentos de textos publicitários, não tive em consideração aspetos fundamentais como a naturalidade e o carácter apelativo. As versões revistas, por outro lado, são mais simples e de fácil leitura, tornando o texto mais fluido e natural para o público de chegada.</p>	

A alínea **c)** constitui um exemplo de uma tradução em que foi necessário ter em consideração as diferenças culturais dos países do texto de chegada e do texto de partida. Deparei-me com vários casos semelhantes ao longo do estágio, alguns provavelmente mais comuns a todos os tradutores que traduzem para o português, como a omissão de expressões como “please” em frases no imperativo, frequentemente encontradas em manuais de instruções. No entanto, talvez por terem aparecido com tanta frequência, não se mostraram casos problemáticos. O exemplo da alínea **c)**, pelo contrário, levantou certas questões relativamente às formas de tratamento de carácter afetuoso do português em relação ao inglês. A tradução literal do segmento, “Feliz aniversário, bebé!”, não soaria natural ao público português, uma vez que “bebé” não é um termo tão comum no que toca a expressões afetuosas. Além disso, apesar de a entidade em questão optar sempre por um registo mais informal, “bebé” seria uma tradução ligeiramente fora do registo por se tratar de uma expressão demasiado informal e utilizada em contextos bastante específicos. Não encontrada nenhuma expressão que se mostrasse equivalente à original, optou-se pela omissão.

Outro dos principais problemas com que me deparei na tradução de *Marketing* foi o receio de fazer alterações que modificassem, ainda que não muito substancialmente, o texto original, embora estivesse consciente de que teria de recorrer a esse processo na maioria das situações. Este problema aplica-se maioritariamente às alíneas **a)** e **b)**, em que traduzi o texto literalmente, mas também à alínea **d)**, na qual, apesar de ter feito uma tradução mais livre, não consegui ir ao encontro das expectativas do cliente, pelo que a minha tradução foi alterada na revisão. Ao contrário do que aconteceu nas duas primeiras alíneas, na última tentei utilizar uma abordagem mais criativa e menos presa ao original. No entanto, o revisor optou por uma tradução mais explicativa, referindo até de que produto se tratava. Esta alteração foi feita tendo em consideração as preferências do cliente e o tipo de expressões utilizadas em encomendas de tradução semelhantes, sendo que a falta de experiência com o cliente em questão e o receio de fazer alterações desnecessárias foram os principais motivos para uma tradução de menor qualidade.

Projeto/Área: Legendagem de anúncio publicitário

Par de línguas: Inglês-Português

Texto de partida	Texto de chegada
<p>a) I just got back from your dealership about half an hour ago</p> <p>b) Yes well I paid for the initial investigation fee</p> <p>c) But I thought the fact that this fault had been identified without having to ask was really helpful.</p> <p>d) Take care.</p>	<p>a) Acabei de voltar do seu concessionário há cerca de meia hora</p> <p>b) Sim, paguei pela taxa de investigação inicial</p> <p>c) Mas achei que o facto de esta avaria ter sido detetada sem ter de perguntar foi muito útil.</p> <p>d) Fique bem.</p>
Versões revistas	
<p>a) Acabei de voltar do concessionário há cerca de meia hora</p> <p>b) Sim, paguei a taxa de diagnóstico inicial</p> <p>c) Mas achei muito útil esta avaria ter sido detetada sem sequer ter de perguntar.</p> <p>d) Até à próxima.</p>	
Observações	
<p>Este foi o único trabalho de legendagem que realizei na SDL. Já tinha tido algum contacto com a legendagem antes de iniciar o mestrado, apesar de nunca ter aprofundado os meus conhecimentos. Voltar a fazer este tipo de trabalho mostrou-se um desafio, uma vez que, ao longo do mestrado, a maioria dos projetos que realizei foram de tradução técnica. O vídeo consiste num diálogo entre um cliente e o diretor de um concessionário, sendo que a linguagem utilizada, apesar de não ser completamente informal, devido à falta de proximidade entre os intervenientes, é bastante casual. Deste modo, era necessário que utilizasse expressões mais típicas da oralidade para que o diálogo soasse natural na língua de chegada. Os exemplos das alíneas c) e d) demonstram algumas das dificuldades que tive em tornar o texto fluido e de leitura simples. Comparando a alínea c) do texto de chegada com a versão revista correspondente, é possível verificar que a disposição dos elementos na frase da versão revista torna a leitura muito mais simples e rápida, permitindo ao público do texto de chegada ler a legenda atempadamente. No que toca à alínea d), a tradução escolhida para “Take care”, “Fique bem”, não foi a mais adequada considerando o contexto em que se insere, uma vez que a situação envolve duas pessoas que, como já referi, não têm uma relação próxima. Por este motivo, a alteração do revisor para “Até à próxima”</p>	

mostrou ser a escolha mais apropriada, pois soa mais natural em português e representa melhor o nível de proximidade destas duas pessoas.

Na alínea **a)**, é possível observar um dos problemas mais comum a todos os projetos que realizei, sendo ele a utilização exagerada de pronomes possessivos. Possivelmente influenciada pelo inglês e pelo alemão, línguas em que os possessivos se utilizam muito mais frequentemente, por vezes tinha dificuldade em distinguir as situações em que os devia usar das situações em que os podia evitar. Além de ser importante essa distinção, por se tratar de legendas, era ainda mais importante omitir todas as palavras que não contribuíssem para uma melhor compreensão do texto, de modo a facilitar a sua leitura. Por ter recebido mais do que um *feedback* a assinalar o mesmo problema, comecei a prestar mais atenção à utilização dos possessivos e a aperceber-me das situações em que eram essenciais ou facultativos, conseguindo melhorar neste aspeto em projetos posteriores.

Por fim, a alínea **b)** demonstra algumas dificuldades que tive em termos de vocabulário mais específico. Apesar de se tratar de uma tradução de um anúncio, o projeto foi-me atribuído pela equipa de *Automotive*, visto que podia conter vocabulário relacionado com a indústria automóvel. A encomenda de tradução em questão não continha muitas expressões que desconhecesse, no entanto, surgiram alguns problemas com “initial investigation fee”. Depois de fazer alguma pesquisa, e não tendo encontrado resultados nas memórias de tradução fornecidas na encomenda de tradução, procurei nas memórias de tradução resultados para “initial investigation” e “investigation fee”, tendo encontrado um resultado que incluía “investigation” traduzido por “investigação”. Pelo contexto do exemplo da memória de tradução, pensei que “investigação” pudesse ser a palavra técnica utilizada para a expressão em questão, tendo, por esse motivo, optado por essa tradução. Após ter acesso ao *compare*, verifiquei que a palavra utilizada para aquele contexto seria “diagnóstico”, uma expressão que, de facto, é mais habitual e consegue ser mais facilmente associada à indústria automóvel.

Projeto/Área: Tradução de *software*

Par de línguas: Inglês-Português

Texto de partida	Texto de chegada
a) Only invitees can access b) Only you can access c) Reminder for 3 on 4 was canceled.	a) can access exclusivo para convidados b) can access exclusivo para si c) O lembrete para o problema de 3 em 4 foi cancelado.

Observações

Apesar de poderem passar despercebidas, as *tags* podem desempenhar um papel fundamental na compreensão de um texto, nomeadamente em manuais de instruções e na tradução de *software*. Uma *tag* mal posicionada no texto de chegada pode resultar num texto sem sentido, uma vez que, para além de formatarem o texto, as *tags* também podem corresponder a palavras. Por este motivo, quando nas encomendas de tradução não é dada nenhuma informação relativamente ao significado de algumas *tags*, podem surgir algumas complicações no processo de tradução.

As alíneas **a)** e **b)** demonstram exemplos de problemas relacionados com *tags*, devido a falta de informação relativamente a essas partículas. Como é possível observar, a *tag* do texto de partida complementa o resto da frase, sendo que, sem ela, a frase adquiriria outro sentido. Visto que a *tag* se encontra em inglês, e que não é possível alterá-la para a língua de chegada, a tradução para português, “can access exclusivo para si”, ao contrário do texto original, não faria sentido. Daí surgiram dúvidas relativamente ao posicionamento das *tags*, sendo que a única evidência de que, provavelmente, teria de traduzir o segmento imaginando que a *tag* “can access” corresponderia a “acesso” foi existirem, no mesmo projeto, dois segmentos semelhantes aos exemplos **a)** e **b)**, pelo que a única diferença entre eles era não terem *tags*, como se pode observar na figura 1 (<9/> e <13/> correspondem à *tag* “can access”).

Source segment	Target segment
Only invitees can access	Acesso exclusivo para convidados
Only you can access	Acesso exclusivo para si
Only invitees <9/>	<9/>exclusivo para convidados
Only you <13/>	<13/>exclusivo para si

Figura 1 – Amostra de tradução realizada durante o estágio

Após pedir a opinião da *lead* da conta em questão, foi decidido que traduziríamos em conformidade com os segmentos que não continham *tags* e foi preenchida uma *query*, para nos certificarmos de que também essa era a vontade do cliente.

A alínea **c)**, por sua vez, é um exemplo em que o significado das *tags* foi previamente esclarecido na encomenda de tradução. Sem este esclarecimento, a tradução seria completamente baseada na suposição do tradutor, uma vez que, por exemplo, a preposição “on” poderia remeter o tradutor para uma situação temporal, apesar de não ser esse o caso. Tendo em conta que umas das informações relativamente às *tags* dizia que a *tag* “3” consistia numa variável relacionada com vários tipos de problemas que podiam ocorrer, optamos por adicionar a palavra "problema", de forma a tornar o texto mais claro para os leitores do texto de chegada. Além disso, como também foi dada a informação de que a *tag* "4" correspondia ao nome do disco do utilizador, que era também variável, foi possível encontrar uma tradução que se adequasse a qualquer disco, sendo que a opção de tradução "em", para a preposição "on", se mostrou a mais apropriada.

IV. Conclusões sobre o estágio

Apesar de o período de tempo em que estagiei na empresa ter sido relativamente curto, os conhecimentos que adquiri enquanto trabalhava na SDL foram essenciais. Sei que num período mais longo teria aprofundado os meus conhecimentos de forma mais eficaz, uma vez que algumas das formações do plano de estágio da empresa estavam destinadas a ser lecionadas ao longo de seis meses de trabalho e não de três, a duração do meu estágio. Por este motivo, não foi possível aprender a utilizar alguns programas que no futuro facilitariam o meu trabalho como tradutora, como, por exemplo, o SDL Passolo e o Agent Ransack.

Outro dos motivos para a falta de tempo que me podia ser disponibilizado para formações foi o facto de ter iniciado o estágio numa altura em que a empresa se encontrava com um enorme fluxo de trabalho, devido à recente aquisição da *Donnelley Language Solutions* e de um novo cliente, com relevância a nível internacional, que exigia mais disponibilidade por parte dos tradutores da SDL. No entanto, embora não tivesse

sido possível assistir a algumas destas formações, nunca me faltou apoio relativamente a tudo o resto.

Tive oportunidade de fazer parte de um ambiente de trabalho envolvente, com pessoas sempre prontas a ajudar e a ensinar. Aprendi a utilizar novas ferramentas de tradução, fundamentais para quaisquer projetos dos quais poderei vir a fazer parte. Aprendi a valorizar o trabalho em equipa, um aspeto absolutamente necessário no mundo empresarial da atualidade. Não senti, em nenhum momento, que o meu processo de aprendizagem na empresa tivesse estagnado. Senti, pelo contrário, que todos os dias, por mínimo que fosse, havia sempre algo novo a assimilar. Consegui, sobretudo, através de um trabalho versátil, desenvolver as minhas capacidades linguísticas não só na língua de chegada, mas também nas duas línguas de partida e, desta forma, começar a sentir-me mais preparada e motivada para iniciar uma nova etapa em relação ao trabalho como tradutora, quer seja ele dentro de uma empresa ou em regime *freelancer*.

Toda esta experiência permitiu-me relativizar a ideia de que o mercado de trabalho é um “bicho-de-sete-cabeças”, sem esquecer que, para desenvolver um trabalho de qualidade, é necessário ouvir e aprender com as críticas construtivas de quem já tem experiência e que nos pode ajudar a melhorar cada vez mais.

Parte 2

I. A tradução automática

1.1. Contextualização histórica

A tradução automática tem vindo a tornar-se uma ferramenta indispensável para os tradutores. Atualmente, desempenha um papel especialmente fulcral no plano empresarial, no qual é exigido o máximo de produtividade, proveniente de um trabalho mais rápido que não dispense a sua qualidade. No entanto, apesar dos avanços que hoje permitem a utilização da tradução automática de forma tão simples e económica, foi necessário um longo período de pesquisa e aperfeiçoamento no que toca à tecnologia e metodologia por trás desta ferramenta de tradução. Com efeito, proponho-me analisar esta evolução baseando-me, principalmente, nos trabalhos de autores como John Hutchins e Lane Schwartz.

Por surpreendente que possa parecer, a história da tradução automática remonta ao século XVII, com a idealização de uma linguagem universal e de dicionários “mecânicos” (Hutchins, 2010), tendo a sua concretização mais prática apenas em meados de 1940, quando o desenvolvimento de novas tecnologias permitiu começar a conceber formas automatizadas de combater as barreiras linguísticas. A influência destas ideias do século XVII refletem-se, vincadamente, nos sistemas de representação utilizados nas abordagens dos sistemas de tradução automática, nomeadamente na abordagem interlíngua, que consiste em converter o texto de partida em representações interlinguísticas que seriam comuns a mais do que uma língua, sendo estas representações semelhantes ao ideal da linguagem universal, em que um conceito deveria corresponder a um símbolo.

Em 1933 sugeriram, na Rússia e em França, as primeiras patentes relativamente à criação de sistemas para a tradução “mecânica”. Um francês, Georges Artsrouni, criou um dispositivo de armazenamento, utilizando fitas de papel perfuradas (na altura usadas para o armazenamento de informações), que, funcionando como um dicionário bilingue, permitiam encontrar o equivalente de certas palavras noutras línguas. Um russo, Petr Petrovich Troyanskii, por sua vez, além de conceber um dispositivo idêntico ao de

Artsrouni, apresentou ideias para uma máquina capaz de traduzir de forma mecânica, ainda que tivesse de contar com pré- e pós-edição, ou seja, a revisão e edição de alguém com conhecimentos aprofundados da língua de partida e de uma outra pessoa com conhecimentos aprofundados da língua de chegada (Hutchins, 1995). No entanto, o seu desejo relativamente à criação desta máquina, capaz de traduzir textos técnicos e científicos em massa e de permitir a comunicação entre pessoas que, dentro da União Soviética, falassem diferentes línguas, não foi tido em conta, tendo a invenção sido considerada “impractical and quite unnecessary” (Hutchins & Lovtskii, 2000, p. 11).

Desconhecendo a existência das patentes registadas por Artsrouni e Troyanskii em 1933, em 1949 é publicado um memorando, escrito por Warren Weaver, no qual constam as suas ideias relativamente à possibilidade da criação de um computador para tradução automática. A relevância deste acontecimento prende-se, entre outros aspetos, com o facto de se tratar da primeira publicação conhecida a propor a possibilidade de se utilizarem computadores modernos para a tradução automática de documentos (Schwartz, 2018) e com o interesse e incentivo que despertou noutros especialistas e estudiosos para prosseguirem com investigações baseadas nas suas ideias.

Weaver acreditava que a criptografia poderia ser útil para a concretização da máquina de tradução automática, tendo sido fortemente influenciado pela codificação de mensagens utilizada durante a guerra. No seu memorando, Weaver utiliza o exemplo desta codificação de mensagens para demonstrar que existem propriedades comuns a quase todas as línguas (por exemplo, a estrutura básica da frase) e que, por esse motivo, seria possível conceber uma máquina de “tradução-criptográfica” baseada nesse método, capaz de traduzir documentos a partir das características comuns às línguas e não diretamente de uma língua para a outra. Apesar de ter consciência de que poderiam surgir vários problemas relativamente ao contexto e à multiplicidade de significados de certas palavras, Weaver considerava que, mesmo que a tradução fosse “deselegante”, mas “inteligível”,⁴ não deixaria de ser útil, por exemplo, para situações em que era apenas necessário compreender, de forma generalizada, o conteúdo do texto original. (Weaver, 1949, p. 4)

⁴ Tradução realizada por mim. Original: “inelegant (but intelligible)”

De acordo com o memorando de Warren Weaver, as expectativas relativamente à criação de uma máquina capaz de traduzir automaticamente mostravam-se mais elevadas do que anteriormente, sendo a sua proposta mais bem recebida do que a de Troyanskii. Apesar de Weaver não acreditar que desta máquina resultasse uma tradução sem falhas, considerava perfeitamente possível uma tradução com uma certa margem de erro. Não se esperava, no entanto, que a tradução automática conseguisse traduzir textos literários, nos quais, segundo Weaver, “style is important, and in which the problems of idiom, multiple meanings, etc., are frequent”, sendo que, por esta razão, os textos de carácter técnico deviam ser o alvo da tradução automática. (Weaver, 1949, p. 7)

Em 1952 deu-se a primeira conferência relativamente ao futuro da tradução automática. A conferência foi organizada por Yehoshua Bar-Hillel, o “primeiro investigador da tradução automática a tempo inteiro” (Hutchins, 1995) e foram abordados vários pontos relevantes, como a conclusão de que não seria possível obter traduções de grande qualidade – uma consideração já levantada por Weaver – e que seria sempre necessária a intervenção humana para efeitos de pré- e pós-edição, conceitos já explicados anteriormente. Nesta conferência, foram também procuradas soluções para os problemas que mais se impunham à tradução automática, como, por exemplo, problemas de ambiguidade, para os quais foi sugerido que se utilizassem “microdicionários”, e a necessidade de algum tipo de análise da estrutura sintática. (Hutchins, 1995).

A conferência resultou em vários pedidos para a demonstração do efetivo funcionamento da tradução automática, pelo que em 1954 foi feita uma demonstração pública de uma tradução automática de algumas frases do Russo para o Inglês. Apesar de ter tido “pouco valor científico”, a demonstração encorajou investigadores de todo o mundo a apostarem no estudo e desenvolvimento da tradução automática. (Hutchins, 2010)

Embora houvesse expectativas elevadas relativamente à criação de sistemas para tradução automática, nas décadas de 1950 e 1960 ainda existia um grande problema no que toca a restrições tecnológicas, pelo que muito do trabalho foi dedicado à melhoria do *hardware* básico (Hutchins, 1995). No entanto, na década de 1950, começaram a surgir as primeiras abordagens à tradução automática, sendo que o modelo da tradução direta foi aquele que teve maior destaque nessa época. A abordagem consistia num sistema de

tradução direto (não era necessário nenhum tipo de codificação interlinguístico nem nenhuma análise sintática significativa do texto de partida e do texto de chegada), bilingue e unidirecional e a tradução era realizada através de dicionários bilingues extensos. Apesar de estas traduções serem, na sua maioria, de baixa qualidade e, por vezes, quase ininteligíveis, permitiam que os utilizadores compreendessem as informações básicas do seu conteúdo, tendo isso sido o suficiente em certos contextos.

A onda de otimismo que surgiu no início da década de 1950 começou a desaparecer com a publicação do relatório de Bar-Hillel (1960), um dos primeiros investigadores da tradução automática. Após vários anos de investigação, Bar-Hillel declarou que, em oposição às expectativas que surgiram após a primeira conferência sobre a tradução automática, em nenhuma circunstância, no presente ou no futuro, seria possível obter-se uma tradução completamente automática de alta qualidade.

As investigações na área da tradução automática prosseguiram em vários locais. No entanto, sem nenhum desenvolvimento substancial relativamente à melhoria da qualidade da tradução automática, a ALPAC (Automatic Language Processing Advisory Committee), comissão responsável por averiguar, entre outros, a evolução dos estudos sobre a tradução automática, publica um relatório, em 1966, que veio a afetar significativamente as investigações nesta área. O relatório referia que as traduções automáticas realizadas nas diversas áreas científicas tinham sempre menos qualidade e eram mais dispendiosas e demoradas do que as realizadas por pessoas (ALPAC, 1966). Ainda no seu relatório, a ALPAC recomendou que o financiamento do governo se concentrasse, por exemplo, em projetos relacionados com a criação de apoios à tradução humana, em vez de financiar projetos relacionados com a tradução automática. Por esta razão, a maioria das investigações na área da tradução automática estagnou durante a década de 1970, principalmente nos Estados Unidos.

Depois da publicação do relatório da ALPAC, a maioria das investigações ainda ativas tinha como base o sistema de tradução automática interlíngua, um conceito já explicado anteriormente. Um exemplo foi a criação de um sistema de tradução automática para textos nas áreas da matemática e da física, no par de línguas Russo-Francês, desenvolvido por um grupo da Universidade de Grenoble. Apesar de não poder ser considerado um sistema completamente “interlíngua”, as semelhanças com esta

abordagem eram substanciais. A única diferença relacionava-se com o facto de que a linguagem que servia de “ponte” entre as duas línguas, de acordo com Hutchins, “did not provide interlingual representations for lexical items” sendo que estes termos eram traduzidos a partir de um mecanismo de transferência bilingue (Hutchins, 2010). Também o otimismo relativamente a esta abordagem à tradução começou a desaparecer, tendo em conta graves problemas que vários grupos de investigação apontaram no final da década de 1970.

A estagnação do estudo da tradução automática teve o seu fim em finais da década de 1970 e inícios da década de 1980, quando vários novos sistemas de tradução automática começaram a tornar-se operacionais. Entre eles, tiveram destaque os seguintes sistemas: o sistema Systran, criado por Peter Toma, instalado ao longo da década de 1980 em várias grandes empresas, como a Dornier, e grandes organizações, como a NATO; o sistema da empresa Logos, desenvolvido por Bernard E. Scott, inicialmente utilizado para a tradução de manuais de aeronáutica; e o sistema METAL, criado por investigadores da Universidade de Texas no final da década de 1980, que utilizava, essencialmente, a abordagem de transferência. Nesta abordagem, em vez de existir apenas uma representação interlíngua para o texto da língua de partida, como na abordagem interlíngua, o texto da língua de chegada também é convertido em representações abstratas e, só depois, é criado o texto de chegada final. É este sistema de transferência que passa a ser o mais utilizado no início da década de 1980 (Hutchins, 2006).

A década de 1980 foi fortemente marcada pelo desenvolvimento de *software* para a tradução assistida por computador (do inglês *machine-aided human translation*), um processo em que “a tradução é da responsabilidade do tradutor, mas este tem o apoio de programas e ferramentas de tradução” (Costa, 2018). Estas ferramentas foram principalmente desenvolvidas no Japão, por grandes empresas na área computacional, e a sua maioria exigia uma grande atenção a nível de pré- e pós-edição. Nesta altura, surgiram ainda sistemas concebidos para utilização pessoal, ao contrário do que tinha sido feito até então.

Apesar do grande enfoque na investigação de ferramentas de auxílio à tradução, também foi dada uma certa atenção à criação de projetos para o desenvolvimento de sistemas para a tradução automática, sendo um dos mais importantes da época o projeto

Eurotra, concebido pela Comunidade Económica Europeia. Tinha como objetivo a criação de um sistema de transferência multilingue que permitisse a tradução entre as línguas da comunidade europeia, sem que fosse necessário qualquer tipo de intervenção humana. Apesar de não ter sido bem-sucedido, o projeto foi um grande incentivo para os estudos na área da linguística computacional.

Na década de 1990 reemergiram certos sistemas de tradução automática e começaram a surgir novos métodos e abordagens que ainda hoje são extremamente relevantes. É o caso dos sistemas baseados em estatística, inicialmente desenvolvidos ao longo das décadas de 1950 e 1960, que foram aperfeiçoados ao ponto de conseguirem obter traduções bastante legíveis e coerentes, utilizando apenas métodos puramente estatísticos. O sistema Candid, um sistema de tradução automática estatístico (Statistical Machine Translation, SMT), concebido por um grupo da empresa International Business Machines (IBM), é um exemplo de um sistema bem-sucedido criado na década de 1990. O sistema consistia no alinhamento de palavras ou expressões de textos paralelos, seguido do cálculo da probabilidade de essas palavras ou expressões corresponderem a certas palavras ou expressões na frase traduzida, já alinhada anteriormente com a frase do texto original, sem que fosse necessária a aplicação de quaisquer regras linguísticas, ao contrário do que acontecia com os sistemas baseados em estatística anteriores (Hutchins, 2010).

Ainda na década de 1990 é desenvolvida uma nova abordagem à tradução automática, a abordagem baseada em *corpora*. Apesar de ter sido proposta, inicialmente, durante a década de 1980, foi apenas colocada em prática durante a década de 1990, quando começou a ser mais fácil aceder a bases de dados extensas. Atualmente, esta abordagem é denominada “abordagem baseada em exemplos”, do inglês *example-based approach*. A abordagem baseada em *corpora* consiste numa base de dados de textos paralelos bilingues alinhados, sendo por isso necessária a tradução prévia de vários textos. Hutchins (2010) sublinha que a maior vantagem desta abordagem se relaciona com o facto de os textos utilizados nos *corpora* terem sido anteriormente traduzidos por tradutores profissionais, assegurando bons resultados a nível idiomático.

Principalmente a partir dos anos 2000, os progressos tecnológicos e o acesso à Internet permitiram grandes avanços no estudo da tradução automática e,

consequentemente, a utilização de sistemas de tradução automática em grande escala. Atualmente, para além do desenvolvimento de sistemas de tradução automática para utilização empresarial, tornou-se também imperativo desenvolver sistemas de tradução automática para utilização *online* em tempo real, de forma a que todas as pessoas possam facilmente combater as barreiras linguísticas resultantes da crescente globalização.

Além disso, em 2014 começou a surgir uma nova abordagem à tradução automática, denominada tradução automática neuronal (Neural Machine Translation, NMT). Esta abordagem descrita como “the most promising machine translation approach in recent years” (Koehn & Knowles, 2017, p. 1) é atualmente um dos maiores objetos de estudo a nível da tradução automática, tendo já obtido um melhor desempenho em relação aos sistemas de tradução automática estatística, como demonstram estudos como *Neural versus Phrase-Based Machine Translation Quality: a Case Study* (Bentivogli, Bisazza, Cettolo, & Federico, 2016). O processo de tradução deste novo sistema, descrito ainda por Koehn e Knowles (2017) como uma simplificação em relação às abordagens anteriores, pretende, de acordo com Bahdanau e Cho (2015) “build and train a single, large neural network that reads a sentence and outputs a correct translation”. Além disso, é o contexto das frases que, nestes sistemas, permite que seja assimilado o conhecimento linguístico necessário para a tradução (Crego, et al., 2016).

O grande desejo de uma máquina que conseguisse traduzir automaticamente qualquer tipo de texto, sem que fosse necessária qualquer intervenção humana, infelizmente ainda não foi realizado. No entanto, tendo em conta toda a evolução de ideias e de criações que testemunhámos desde os primeiros passos da tradução automática, os progressos substanciais nesta área que se têm visto nos últimos anos, e as rápidas evoluções tecnológicas, não seria de estranhar que no futuro estivéssemos próximos de o concretizar.

1.2. Noções básicas e problemas inerentes à tradução automática

Antes de iniciar uma análise mais aprofundada de certas noções relacionadas com a tradução automática, é importante, em primeiro lugar, definir o seu conceito, bem como explicar quais são os seus principais objetivos e problemas. De uma forma breve, pode

dizer-se que a tradução automática consiste num processo de tradução automático de certos conteúdos de uma língua para outra, realizado por uma máquina (atualmente, maioritariamente por computadores), que pode ou não incluir intervenção humana. É importante não confundir tradução automática com ferramentas de apoio à tradução, frequentemente denominadas *CAT tools*. Estas ferramentas, como o nome indica, apenas auxiliam o tradutor no processo da tradução, de forma a tornar o seu trabalho mais rápido e consistente, por exemplo. Pelo contrário, os sistemas de tradução automática são concebidos para traduzirem de forma independente, podendo o processo ser alvo de intervenções humanas, se necessário. Hutchins e Somers (1992) afirmam que o objetivo principal do desenvolvimento da tradução automática é a automatização de todo o processo de tradução, mas que, no entanto, o ideal seria produzir traduções de elevada qualidade que passassem por um processo de pós-edição.

A utilização da tradução automática é, hoje em dia, muito comum em empresas de tradução, nomeadamente em empresas multinacionais cujo fluxo de trabalho é extremamente elevado, como é o caso da SDL. Funciona como uma grande ajuda no aumento da produção, uma vez que, com o apoio de sistemas de tradução automática, o tradutor tem apenas de verificar se a tradução produzida é clara e efetuar as alterações que achar necessárias, semelhante àquilo que acontece num processo de revisão normal. A natureza destas alterações, contudo, difere das alterações que seriam feitas na revisão de uma tradução realizada por um tradutor – uma questão a ser abordada mais aprofundadamente na terceira parte deste relatório – e pode ser bastante variada, podendo estar relacionada, por exemplo, com problemas sintáticos ou semânticos. Portanto, mesmo com todos os desenvolvimentos na área da tradução automática que atualmente já permitem a produção de traduções de elevada qualidade, é relevante referir os principais problemas que ainda persistem, de forma a dar conhecer alguns dos impedimentos a um processo de tradução completamente automatizado.

Zakir e Nagoor (2017, p. 1) explicam que “the analysis of messages by humans in natural language relies to some extent on information which is not present in the words which make up the message”, podendo estas informações ser encontradas através do contexto ou do conhecimento que temos do que se passa no mundo. Sendo o significado um problema com que os tradutores lidam frequentemente, quer por falta de contexto ou de conhecimentos suficientes relativamente a certos assuntos, é razoável afirmar-se que

o significado será também um dos maiores desafios que se impõem aos sistemas de tradução automática. Este problema pode resultar, entre outros motivos, da multiplicidade de significados de uma frase ou palavra, da intenção com que certas frases foram escritas, de expressões idiomáticas, ou do contexto situacional. Todos estes aspetos dificultam o ótimo funcionamento dos sistemas de tradução automática, uma vez que estes sistemas não estão preparados para distinguir qual a interpretação correta para uma mesma palavra ou segmento frásico tendo em conta os inúmeros contextos possíveis em que podem estar inseridos.

A solução para a interpretação de frases ou palavras ambíguas é descrita por Zakir e Nagoor (2017, p. 1) da seguinte forma: “In order to infer (...) the correct meaning of an ambiguous sentence, computers will have to learn how to "remember" a context and make use of it to interpret the correct meaning of words and sentences within that context”. O facto de se tratar de uma solução complexa, devido às inúmeras possibilidades de interpretação de diferentes frases que o sistema de tradução automática teria de memorizar, demonstra que a questão do significado constitui um objeto de estudo essencial na área da tradução automática, de modo a que seja possível a produção de traduções de qualidade.

Desta forma, passo a apontar os problemas relacionados com o significado mais comuns à tradução automática. O desenvolvimento desta questão terá como apoio os trabalhos de Arnold et al. (1994) e Kay (1980), que identificam problemas que ainda hoje são atuais, e serão considerados os problemas com que lidei com mais frequência durante o estágio:

1.2.1. Problemas de ambiguidade

Os problemas de ambiguidade podem surgir tanto ao nível da palavra como ao nível da frase. Uma palavra pode ser lexicalmente ambígua, ou uma frase pode ser estruturalmente ambígua, de acordo com a terminologia utilizada por Arnold et al. (1994), quando puder ser interpretada de mais do que uma forma, devido à multiplicidade de significados que possa apresentar. Tal acontece, por exemplo, quando uma mesma palavra pode ser considerada um verbo ou um substantivo, conforme o contexto em que se insere, ou quando uma palavra pode ser considerada um verbo ou um adjetivo. Em situações como estas, se os sistemas de tradução automática não possuírem informações

gramaticais suficientes, tanto a nível sintático como de significado, a tradução gerada pelo sistema pode não corresponder ao sentido do texto original.

Um caso de ambiguidade lexical que me chamou a atenção durante o estágio na SDL foi o seguinte exemplo de uma tradução automática de um segmento que tive de editar:

a) Texto original: From the singer's breath to fingers squeaking on a fretboard (...)

Texto traduzido com tradução automática: Do hálito do cantor aos dedos a chiar num livre (...)

Tradução final: Desde a respiração do cantor aos dedos a passar nas cordas (...)

As palavras “breath” e “squeaking” possuem ambas mais do que um significado. Os significados mais comuns para “breath” seriam “respiração”, “hálito” ou “fôlego”. Fora do contexto, qualquer um destes significados seria possível sem que a frase perdesse sentido. No entanto, com a informação de que a tradução consiste num anúncio sobre colunas que reproduzem os mais pequenos sons, e sabendo que a restante frase explicaria isso mesmo, o termo mais adequado a este contexto seria “respiração”, uma vez que, entre as traduções possíveis, “hálito” e “fôlego”, é a palavra que mais transmite uma ideia de som. Conseguimos ouvir uma “respiração”, mas não conseguimos ouvir um “hálito” nem ouvir um “fôlego” e o que o anúncio pretende é transmitir a ideia de que as colunas conseguem reproduzir sons tão ínfimos como a respiração de alguém. Contudo, não tendo informações suficientes relativamente ao contexto, a tradução automática gerada pelo sistema mostrou-se incorreta, sendo a escolhida, como se pode observar, “hálito”.

O mesmo acontece com o verbo “squeaking” que, segundo o *Cambridge Dictionary*, pode significar “to only just succeed in something such as a test or competition” ou “to make a short, very high cry or sound”⁵. A tradução mais direta, neste contexto cujo objetivo é transmitir uma ideia de som, seria “ranger” ou “chiar”, esta última a palavra escolhida pelo sistema. Contudo, a construção “dedos a ranger” ou

⁵ Definições do verbo “squeak” em *Cambridge Dictionary*
<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/squeak?q=squeaking>

“dedos a chiar” não é natural em português, pelo que este tipo de conhecimento teria de ser introduzido nos sistemas de tradução automática para que conseguissem interpretar o sentido correto. O mesmo se aplica à tradução de “fretboard”, a parte correspondente à escala de instrumentos como a guitarra, por “livre”, que provavelmente aconteceu porque o sistema não possuía informações sobre o significado dessa palavra.

Um exemplo comum para uma frase ambígua estruturalmente, estudado em aula, pode ser o seguinte:

b) Visiting relatives can be boring.

Como é o caso, muitos dos exemplos de frases estruturalmente ambíguas incluem uma palavra que pode ser considerada tanto um adjetivo como um verbo. Neste exemplo, para uma das interpretações possíveis, a palavra “visiting”, considerada um adjetivo, estaria a qualificar o substantivo “relatives” e, por sua vez, o adjetivo “boring” estaria a qualificar o sujeito, “visiting relatives”. Interpretando a frase de outra forma, “visiting” passa a ser considerado um verbo, fazendo com que seja a ação a qualificada como “boring”. Sendo que na primeira interpretação o adjetivo “boring” qualifica um sujeito, enquanto na segunda interpretação o mesmo adjetivo qualifica uma ação, está presente um caso de ambiguidade estrutural. Apenas com algum contexto e informações relativamente a interpretações de casos semelhantes os sistemas de tradução automática seriam capazes de escolher qual a tradução correta.

Também os pronomes podem ser motivo para frases ambíguas. O inglês, que não possui distinções de género para o plural, por exemplo, pode dificultar a interpretação de certas frases e conseqüentemente trazer problemas na sua tradução para línguas que efetivamente tenham distinção de género para o plural. A frase “The police did not get closer to the protesters because they feared violence”⁶ demonstra esta situação. A frase em inglês é evidentemente ambígua, uma vez que, sem contexto, não é possível distinguir se o pronome “they” se refere à polícia ou aos manifestantes. Em português, e noutras línguas que não possuam um género neutro para a terceira pessoa do plural, é, no entanto, necessário entender a que se refere o pronome, uma vez que “polícia” consiste num nome

⁶ Este exemplo foi adaptado de uma frase frequentemente utilizada para exemplificar estas situações de ambiguidade. A frase comumente utilizada é “The police refused the students a permit because they feared violence”

feminino no singular e “manifestantes”, num nome masculino no plural. Desta forma, em línguas nas quais seja feita distinção de género para o plural, é essencial primeiro interpretar a frase corretamente para que se possa proceder à tradução de certos segmentos, enquanto em inglês, não existindo distinção de género para o plural, a frase pode permanecer ambígua. Este é apenas um exemplo mais específico de casos ambíguos, visto que podem existir frases ambíguas com qualquer tipo de pronome, mesmo com aqueles que possuem o mesmo género e número.

Contudo, numa frase ambígua como “Josh didn’t like James and he always knew that”, a tradução para português, por exemplo, não seria afetada pela ambiguidade entre os pronomes, uma vez que a tradução para “he” seria sempre “ele”, não havendo necessidade de mais especificações. Pelo contrário, uma frase como “women work the same as men but they get paid less” poderia ser ambígua para um sistema de tradução que não tivesse essa informação na sua base de dados. É de destacar que uma frase como esta poderia, de facto, ser ambígua para um sistema de tradução automática, mas não para a maioria das pessoas, por se tratar de um facto estatístico muito divulgado nos meios de comunicação social.

Por fim, ainda relativamente a questões de ambiguidade, existem os problemas de tradução relacionados com preposições. Estes problemas podem ser ilustrados no seguinte exemplo, retirado do artigo de Martin Kay (1980, p. 9):

c) The man looked at the girl with the telescope

Como se pode observar, a frase tem duas interpretações possíveis: ou a situação retrata um homem que olhou para uma rapariga que possuía um telescópio, ou um homem olhou para uma rapariga através de um telescópio. Esta situação de ambiguidade é semelhante à situação de ambiguidade relacionada com pronomes, explicada anteriormente, no sentido em que ambos os casos podem não causar problemas de tradução em certos contextos. O exemplo utilizado por Kay demonstra um desses casos, em que a tradução direta para o português não seria problemática, visto que manteria as duas possíveis interpretações do texto original.

Contudo, existem situações mais problemáticas em termos de interpretação, que podem causar dificuldades aos sistemas de tradução automática, quando a tradução de

certas preposições torna a frase passível de uma só interpretação. Nesses casos, é necessário conhecer qual a interpretação correta da frase do texto de partida para que a tradução reproduza o mesmo sentido do texto original. O exemplo que Kay (1980, p. 9) apresenta para situações como esta, “*The man looked at the girl with penetrating eyes*”, representa, efetivamente, um caso de ambiguidade que seria problemático para outras línguas, mas cuja tradução para português, “O homem olhou para a rapariga com olhos penetrantes”, também não seria afetada, tratando-se de uma situação semelhante à do exemplo c).

Um exemplo mais problemático para o português em termos de ambiguidade poderia ser o seguinte:

d) Clean the clothes on the floor.

Neste exemplo, para que seja possível fazer uma tradução mais precisa, é essencial perceber qual das interpretações é a correta. Um dos significados possíveis da frase no imperativo pode ser um pedido para que alguém limpe as roupas que estão no chão, ou então um pedido para que alguém limpe as roupas no local especificado, neste caso, o chão. Trata-se de uma distinção que dificilmente seria feita por um sistema de tradução automática, mas cuja tradução direta poderia trazer alguns problemas a nível de sentido. Assim sendo, se o sentido pretendido fosse o de limpar roupas que se situam no chão, apenas seria necessário acrescentar à expressão “roupas no chão”, “roupas que se encontram no chão” ou simplesmente “roupas que estão no chão” para que a sua leitura em português não fosse ambígua. Este é, por isso, um caso em que uma tradução automática com posterior revisão humana resolveria o problema sem que fossem necessárias muitas alterações.

1.2.2. Expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas⁷, segundo o portal Ciberdúvidas, consistem numa “locução ou modo de dizer privativo de uma determinada língua e que não é possível

⁷ “Expressões idiomáticas” in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-expressoes-idiomaticas/1183> [consultado em 29-09-2020]

traduzir literalmente em outras línguas”. A esta definição, acrescenta ainda que as expressões idiomáticas são “manifestações espontâneas da criatividade, do humor e da beleza de qualquer língua”. Estas expressões são um problema muito comum em traduções que envolvam uma abordagem mais criativa, como é o caso da tradução de *Marketing*. Algumas delas, como “curiosity killed the cat” ou “don’t judge a book by its cover” podem ser traduzidas palavra por palavra. Contudo, o mesmo não se aplica a uma grande quantidade de expressões idiomáticas, cuja tradução direta poderia resultar em frases sem sentido tendo em conta o contexto em que se inserem. A expressão “a piece of cake”, que significa algo simples, fácil de se fazer, é um exemplo pertinente de uma expressão idiomática que, traduzida literalmente por “um pedaço de bolo”, não estaria a reproduzir o sentido idiomático pretendido originalmente e resultaria num erro de interpretação grave no contexto da tradução.

O problema que as expressões idiomáticas levantam para os sistemas de tradução automática relaciona-se com o facto de não ser completamente possível entender o significado deste tipo de expressões, tendo em conta apenas os componentes que as constituem (Arnold, Balkan, Meijer, Humphreys, & Sadler, 1994). Desta forma, se os sistemas de tradução automática traduzirem as expressões idiomáticas sempre literalmente, haverá uma grande probabilidade de essa tradução não corresponder ao sentido pretendido pelo texto original e de causar extrema estranheza para o leitor que estiver a ler o texto na língua de chegada.

Como é explicado por Arnold et al. (1994), os sistemas de tradução automática normalmente não conseguem traduzir expressões idiomáticas, de forma eficaz, utilizando as mesmas regras que utilizam para outro tipo de palavras ou expressões. Arnold et al. explicam ainda o maior problema relativamente à tradução de expressões idiomáticas, demonstrando, desta forma, a dificuldade que os sistemas de tradução automática têm em traduzi-las de forma autónoma:

The real problem with idioms is that they are not generally fixed in their form, and that the variation of forms is not limited to variations in inflection (as it is with ordinary words). Thus, there is a serious problem in recognising idioms. (p. 115)

1.3. Abordagens à tradução automática

Neste ponto pretendo dar a conhecer as duas principais abordagens à tradução automática da atualidade, sendo elas a tradução automática estatística (SMT) e a tradução automática neuronal (NMT). O grande destaque destas duas abordagens deveu-se à rápida evolução dos sistemas de tradução automática na primeira década dos anos 2000. Esta evolução permitiu simplificar, cada vez mais, estes sistemas e torná-los menos dispendiosos, pelo que os sistemas mais rebuscados e dispendiosos a nível de manutenção passaram a ser gradualmente descartados. Durante o estágio, tive a oportunidade de trabalhar com estes dois principais sistemas e de compreender quais as qualidades e quais os limites dos sistemas de tradução automática mais modernos, em comparação com as abordagens à tradução automática mais antigas.

Na minha experiência, ambos os sistemas de tradução mostraram ser imensamente úteis no que toca à rapidez com que concluía as traduções e surpreendentemente bons a nível da qualidade de tradução para certos tipos de conteúdo. Por qualidade de tradução, entenda-se uma tradução completamente legível, cujas poucas alterações efetuadas se prendiam, principalmente, com aspetos estilísticos e preferências pessoais.

1.3.1. Tradução automática estatística

A primeira a surgir, entre estas duas abordagens, foi a tradução automática estatística, com início na década de 1950. Como já foi referido no ponto **1.1.** deste capítulo, relativo à contextualização histórica da tradução automática, os sistemas de SMT começaram a ter destaque apenas a partir do início da década de 1990, quando os desenvolvimentos tecnológicos permitiram aperfeiçoar este tipo de sistemas. Foi o sistema utilizado nos serviços de tradução de grandes empresas, como a Google⁸ e a Microsoft⁹, desde meados dos anos 2000 até 2016, sendo posteriormente substituído pelo

⁸ “Ten years ago, we announced the launch of Google Translate, together with the use of Phrase-Based Machine Translation. (...) Today we announce the Google Neural Machine Translation system (GNMT) (...)”, publicado em 2016, em: <https://ai.googleblog.com/2016/09/a-neural-network-for-machine.html>

⁹ “SMT has been used since the mid-2000s by all major translation service providers, including Microsoft. (...) [Neural Machine] translation technology started deploying for users and developers in the latter part of 2016”, em: <https://www.microsoft.com/en-us/translator/business/machine-translation/>

sistema de tradução automática neuronal. Atualmente, a tradução automática estatística continua a ser extremamente utilizada mundialmente e a ser objeto de estudo, com vista à melhoria dos problemas que ainda persistem.

Os sistemas de tradução automática estatística consistem, como o nome indica, em modelos estatísticos que têm como base a análise de *corpora* bilíngue de textos cujas frases passam por um processo de alinhamento e por um modelo de probabilidades. Este modelo é descrito por Mikel Forcada (2010) como sendo um modelo de tradução, com base em probabilidades lexicais e probabilidades de alinhamento, e um modelo de probabilidades da língua de chegada, que caracteriza a sua naturalidade.

De uma forma resumida, pode dizer-se que o processo de tradução estatística equivale a encontrar nos *corpora* de textos a tradução mais provável para um certo segmento do texto de partida, sendo que quantos mais dados existirem, melhores e mais completos serão os sistemas de tradução automática.

Os sistemas de tradução automática estatística funcionam de acordo com paradigmas específicos, dos quais se destacam a abordagem baseada em palavras, a abordagem baseada em frases e a abordagem baseada em sintaxe. Na abordagem baseada em palavras, a tradução é feita palavra por palavra, através de uma análise probabilística dos *corpora*. Neste tipo de tradução, não são consideradas informações contextuais, pelo que as probabilidades relativas ao léxico são baseadas apenas em palavras individuais (Zens, Och, & Ney, 2002). A abordagem baseada em sintaxe, ao contrário dos outros dois paradigmas, que não utilizam qualquer tipo de conhecimento linguístico, baseia-se em regras sintáticas retiradas automaticamente dos *corpora* paralelos¹⁰ (Schwartz, 2018). Por fim, a abordagem baseada em frases produz traduções a partir da segmentação frásica, utilizando também métodos estatísticos. É de realçar que estas frases correspondem a segmentos mais longos do que palavras, que podem ou não ser constituintes linguísticos

¹⁰ Os *corpora* paralelos são *corpora* que contêm textos numa certa língua, alinhados com as suas respetivas traduções para uma ou mais línguas. De acordo com Laviosa (2010), estes *corpora* podem ser divididos em *corpora* unidirecionais ou bidirecionais. O primeiro tipo de *corpora* contem textos originais de uma certa língua (Língua A) e as respetivas traduções desse texto para uma outra língua (Língua B). Em relação aos *corpora* bidirecionais, contêm textos originais da Língua A, as respetivas traduções para a Língua B, textos originais da Língua B e as respetivas traduções para a Língua A.

(Forcada, 2010). A seguinte tabela (Zens, Och, & Ney, 2002, p. 23) demonstra como funciona a tradução automática estatística baseada em frases:

SOURCE: abends würde ich gerne entspannen und vielleicht in die Sauna gehen .	
source segmentation	translation
abends	in the evening
würde ich gerne entspannen	I would like to relax
und	and
vielleicht in die Sauna gehen	maybe go to the sauna
.	.
TARGET: in the evening I would like to relax and maybe go to the sauna .	

Figura 2 – Exemplo de uma tradução automática estatística baseada em frases

A abordagem baseada em palavras e a abordagem baseada em sintaxe foram, no entanto, alvo de críticas num estudo realizado por Koehn et al. (2003), no qual explicam que a complexidade dos sistemas baseados em sintaxe pode ser um fator negativo no que toca à qualidade das traduções produzidas e que, segundo os resultados do seu estudo, os sistemas de tradução automática estatística baseada em frases possuem melhor desempenho do que os sistemas que se baseiam em palavras. Por este motivo, no contexto dos sistemas de tradução automática estatística, a abordagem baseada em frases é a mais utilizada desde meados dos anos 2000.

Apesar do sucesso dos sistemas de SMT e da sua utilização a nível mundial, ainda existem alguns problemas que impedem o seu melhor desempenho. Wang et al. (2019) referem que se trata de sistemas que requerem uma grande quantidade de pré-processamento, como a segmentação e o alinhamento de frases, e cujo desempenho diminui drasticamente quando surgem novos padrões de frase que não se encontram nos *corpora*. Além disso, apontam que este tipo de sistemas tem dificuldade em traduzir sequências de palavras estruturalmente mais complexas ou que contenham terminologia específica, ainda havendo, por isso, uma grande necessidade de pesquisa nesta área.

1.3.2. Tradução automática neuronal

O primeiro sistema de tradução automática neuronal surgiu em 2015, após os primeiros artigos publicados na área da tradução neuronal, em 2014. Começou por ser um sistema demasiado dispendioso a nível computacional e exigente a nível de recursos, problemas que, devido aos rápidos progressos na área da tradução neuronal, se tornaram menos acentuados já no final de 2015 (Bentivogli, Bisazza, Cettolo, & Federico, 2016). Atualmente, os sistemas de NMT são uma grande aposta das empresas que prestam serviços de tradução e os contínuos progressos no desenvolvimento deste tipo de sistemas demonstram que se trata de uma abordagem à tradução automática bastante promissora.

O sistema de tradução automática neuronal baseia-se num modelo de tradução de aprendizagem profunda, um tipo de rede neuronal que permite a criação de sistemas de previsão extremamente avançados. Esta rede tem como objetivo imitar a forma como a mente humana aprende, através de representações vetoriais das palavras, pelo que a compreensão do contexto do texto de partida é um processo essencial neste tipo de sistemas. Além disso, é o contexto das frases que permite que os sistemas de NMT assimilem todo o conhecimento linguístico necessário para a tradução, seja ele relativo à sintaxe ou à semântica (Crego, et al., 2016).

Em termos de complexidade, os sistemas de NMT são consideravelmente mais simples do que os sistemas de SMT e do que as restantes abordagens à tradução automática. Ao contrário destes dois últimos, os sistemas de tradução automática neuronal não exigem muitas fases de pré-processamento, nem modelos linguísticos ou de tradução, utilizando apenas uma única sequência de palavras cuja função consiste em prever uma palavra de cada vez (Maučec & Donaj, 2019).

Num estudo realizado por Bentivogli et al. (2016), que consistia em demonstrar em que aspetos as traduções com NMT tinham mais qualidade do que as traduções realizadas com SMT (em específico, a tradução automática estatística baseada em frases), observou-se que, além de os sistemas de NMT terem mais capacidade para lidar com diversidade lexical, uma das melhores qualidades da tradução com NMT em relação à tradução com SMT relacionava-se com um melhor

processo de reordenação das palavras na frase, tendo em conta as diferenças estruturais das línguas. A nível de pós-edição, as traduções geradas pelos sistemas de NMT não necessitavam que esse processo fosse tão acentuado como as traduções geradas por sistemas de SMT, uma vez que apresentavam uma percentagem de erros muito menor, por exemplo, a nível morfológico e lexical.

No mesmo estudo, além dos aspetos nos quais a tradução com NMT se destaca em relação à tradução com SMT, são também referidos os problemas que ainda requerem alguma investigação. É de realçar que vários dos problemas não afetam apenas os sistemas de tradução automática neuronal, mas também as restantes abordagens à tradução automática.

Um exemplo destes problemas, referido no estudo (pp. 260-261) como um dos maiores desafios para a tradução com NMT, é a tradução de frases longas. Apesar de estes sistemas apresentarem um melhor desempenho na tradução de frases deste tipo, em comparação com os sistemas de SMT, o seu desempenho piora muito mais marcadamente em frases com mais de 35 palavras do que o desempenho dos sistemas de SMT. Outro dos problemas referidos (pp. 262-263) consiste na reordenação de constituintes linguísticos que requeiram um conhecimento mais aprofundado de aspetos relacionados com a semântica do texto de partida, resultante da não utilização de quaisquer modelos linguísticos que servissem de apoio à tradução.

Um outro estudo que refere os principais desafios que se impõem à tradução automática neuronal, realizado por Koehn e Knowles (2017), enumera ainda problemas como a tradução de palavras que aparecem com pouca frequência nos *corpora*, denominadas “palavras raras”; o período de tempo longo e a grande quantidade de recursos necessários para treinar este tipo de sistemas; e a tradução de frases que se encontrem fora de um domínio específico. Esta última questão mostrou ser bastante problemática, tendo em conta que o conteúdo das traduções produzidas por um sistema treinado para um certo domínio, mas testado num outro completamente diferente, em nada correspondia ao sentido do conteúdo do texto de partida.

A seguinte tabela, retirada do mesmo estudo (Koehn & Knowles, 2017, p. 30), é um exemplo interessante da tradução fora de domínio nos sistemas de NMT e de SMT:

Source	Schaue um dich herum.
Ref.	Look around you.
All	NMT: Look around you. SMT: Look around you.
Law	NMT: Sughum gravecorn. SMT: In order to implement dich Schae .
Medical	NMT: EMEA / MB / 049 / 01-EN-Final Work programme for 2002 SMT: Schae by dich around .
IT	NMT: Switches to paused. SMT: To Schae by itself . \t \t
Koran	NMT: Take heed of your own souls. SMT: And you see.
Subtitles	NMT: Look around you. SMT: Look around you .

Figura 3 – Traduções de uma frase de um *corpus* específico, traduzido por sistemas treinados com outros *corpora*.

Neste exemplo, pode observar-se que a tradução com NMT dá preferência à fluência da frase e descarta por completo o sentido. Em comparação com a tradução com NMT, a tradução com SMT tenta manter ao máximo o sentido do texto de partida, mesmo que deixando algumas palavras da frase original por traduzir.

1.4. Análise de excertos com tradução automática

Nesta secção será feita uma análise de excertos de tradução automática com NMT, tendo em consideração os seus maiores problemas e as suas maiores qualidades, como as exploradas anteriormente. Não serão analisados excertos de tradução automática com NMT traduzidos durante o estágio, visto que a maioria dos projetos consistia em segmentos individuais que, unidos, não permitiam fazer grande sentido. Deste modo, serão analisados excertos traduzidos durante as aulas do mestrado, utilizando os sistemas de tradução automática que produziram a tradução de maior qualidade.

Exemplo 1

Englisch Bulgarisch Dänisch ▾

3. Recipient shall limit disclosure of Confidential Information within its own organization to its directors, officers, partners, members and/or employees having a need to know and shall not disclose Confidential Information to any third party (whether an individual, corporation, or other entity) without the prior written consent of Discloser. Recipient shall have satisfied its obligations under this paragraph if it takes affirmative measures to ensure compliance with these confidentiality obligations by its employees, agents, consultants and others who are permitted access to or use of the Confidential Information.

Portugiesisch Deutsch Französisch ▾ eTranslation ▾

3 O destinatário deve limitar a divulgação de informações confidenciais dentro da sua própria organização aos seus administradores, funcionários, parceiros, membros e/ou empregados que tenham necessidade de tomar conhecimento e não divulga informações confidenciais a terceiros (pessoa singular, coletiva ou outra entidade) sem o consentimento prévio, por escrito, de informações confidenciais. O destinatário deve ter cumprido as obrigações que lhe incumbem por força do presente número se tomar medidas positivas para assegurar o cumprimento dessas obrigações de confidencialidade pelos seus empregados, agentes, consultores e outras pessoas que possam aceder ou utilizar as informações confidenciais.

Figura 4 – Excerto de tradução traduzido através do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

Analisando a tradução acima, pode observar-se que os principais problemas se relacionam com falta de pontuação (sobretudo nas vírgulas), que torna o texto enfadonho e difícil de ler; com a tradução incorreta de termos específicos da área jurídica (como “recipient” traduzido por “destinatário”); e com a tradução incorreta de verbos modais, como “shall”, em alguns momentos do texto.

Durante o processo de tradução, além de se traduzirem palavras, também é necessário “traduzir” pontuação, uma vez que o recurso a certos sinais de pontuação varia muito de língua para língua. Como é natural, por ser necessário entender o contexto e ter uma certa noção de ritmo, os sistemas de tradução automática não estão preparados para

saber quando é que se torna necessário colocar sinais de pontuação, nomeadamente vírgulas não obrigatórias, pelo que, geralmente, se limitam a transferir a pontuação já existente no original. Isto pode fazer com que a leitura do texto se torne mais demorada e confusa, como é o caso da tradução acima.

Na secção **1.3.2.** deste capítulo, foi mencionado que um dos maiores problemas inerentes a todas as abordagens à tradução automática consiste na tradução de frases longas. Para os sistemas de tradução com NMT, como é o caso do sistema de tradução utilizado na tradução acima, este problema acentua-se sobretudo quando essas frases possuem mais do que 35 palavras. No exemplo acima, constituído por duas frases, pode observar-se que ambas possuem mais do que 35 palavras. É, portanto, possível que algumas das incorreções do texto produzido pelo sistema de tradução automática se devam a esse problema, como a tradução do verbo modal “shall”, no segmento “and **shall** not disclose”. Esta tradução, “e não divulga”, em vez de “e não deve divulgar”, não é consistente com a tradução do verbo modal no início da mesma frase, sendo que o sistema soube traduzir corretamente a expressão “**shall** limit disclosure”, por “**deve** limitar a divulgação”, mas não conseguiu traduzir este verbo da mesma forma já mais no final da frase, optando por simplesmente o omitir. De forma semelhante, o sistema de tradução automática também não conseguiu traduzir corretamente a última parte desta mesma frase. No texto original tem-se o segmento “without the prior written consent of **Discloser**”, traduzido por “sem o consentimento prévio, por escrito, de **informações confidenciais**”. A tradução de “Discloser” por “informações confidenciais” é relativamente ilógica, podendo estar aqui presente um exemplo no qual se verifica que, quanto maior for a frase, e principalmente a partir das 35 palavras, os sistemas de tradução automática terão tendência para produzir traduções de menor qualidade.

Verifica-se que o sistema de tradução automática teve alguma dificuldade na tradução de termos específicos, nomeadamente termos jurídicos. “Destinatário”, noutros contextos, é, efetivamente, uma tradução possível para o termo “recipient”, alguém a quem se dá alguma coisa. No entanto, neste contexto específico, “Recipient” refere-se a “uma das partes que intervém como interessado em escritura pública ou em contrato

particular”¹¹, nomeadamente ao Segundo Outorgante. A terminologia utilizada, em português, para “Discloser” e “Recipient” é, respetivamente, “Primeiro Outorgante” e “Segundo Outorgante”, contudo, nenhum destes termos consta da tradução produzida.

Por fim, podem observar-se outras questões menos agradáveis relacionadas com a escolha da tradução de algumas palavras, como a tradução de “empregados” para “employees”, uma vez que se trata de uma denominação que, atualmente, pode ser considerada pejorativa. Porém, não se trata de um problema tão relevante como os anteriores, na medida em que não se perde o sentido do original e não contribui para uma menor fluidez do texto.

É de notar que esta tradução também destaca algumas das qualidades da tradução automática com NMT. Apesar de a pontuação, por vezes, poder não ser a melhor, contribuindo para uma leitura do texto mais cansativa, o texto tem momentos de boa fluidez e de frases bem construídas, que não parecem ter sido alvo de uma tradução. É interessante reparar ainda que o sistema de tradução automática traduziu “confidential information” por “informações confidenciais” e não por “informação confidencial”, sendo que em português é, de facto, mais comum utilizar-se a palavra “informação” no plural, por ser mais raro falar-se apenas de uma informação. Os tradutores humanos têm, frequentemente, tendência para traduzirem “information” por “informação” devido à influência que o inglês exerce sobre eles, pelo que os sistemas de tradução automática parecem demonstrar uma vantagem neste sentido. Além disso, para terminar, a tradução está muito bem concebida em termos de registo, transmitindo impecavelmente o registo formal do texto original.

¹¹ “Outorgante” in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-07-24 00:21:26]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/outorgante>

Exemplo 2

Englisch Bulgarisch Dänisch ▼

Getting hot under the collar

Portugiesisch Deutsch Französisch ▼ eTranslation ▼

Ficar a quente ao abrigo da gola



Figura 5 – Excerto de tradução traduzido através do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

A figura 5 demonstra o caso de uma tradução literal de uma expressão idiomática da língua inglesa. Como mencionado no ponto anterior, a tradução de expressões idiomáticas continua a ser um grande problema para os sistemas de tradução automática, uma vez que as menos conhecidas poderão não ser reconhecidas por estes sistemas e também porque ligeiras variações nas expressões idiomáticas podem levar ao seu não reconhecimento como expressão idiomática por parte dos sistemas de tradução automática, resultando numa tradução literal. A expressão “Getting hot under the collar” pode referir-se a alguém ficar irritado, entusiasmado ou aborrecido. No entanto, a tradução literal em nada remete o leitor para esse tipo de emoções.

Além disso, é possível que aqui também esteja presente uma tradução que não pertence ao domínio específico para o qual o sistema de tradução automático foi treinado. Se o domínio específico para o qual o sistema de tradução automática tiver sido treinado estiver relacionado com terminologia jurídica, é natural que o sistema de tradução automática não reconheça expressões idiomáticas, visto que muito dificilmente estarão presentes em textos dessa área. Esta possibilidade é reforçada pela tradução de “under” por “ao abrigo de”, uma vez que se trata de uma expressão muito utilizada em documentos jurídicos.

Englisch Bulgarisch Dänisch ▼

Although likely to speak English, your French associates will appreciate an effort to conduct meetings in French - this might also help you gain an advantage over English-speaking competitors.

Portugiesisch Deutsch Französisch ▼ DeepL ▼

Embora seja provável que fale inglês, os seus associados franceses apreciarão um esforço para conduzir reuniões em francês - isto também o poderá ajudar a ganhar uma vantagem sobre os concorrentes de língua inglesa.



Figura 6 – Excerto de tradução traduzido através do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

Por último, este excerto serve para observar um caso em que o sistema de tradução automática se deparou com problemas de ambiguidade. Estes foram os tipos de problemas mais explorados na secção **1.2.** deste capítulo, visto poderem demonstrar-se de diversas formas. Neste caso, o sistema de tradução automática não conseguiu entender qual o sujeito a que a primeira oração se refere, traduzindo-o como se se referisse a um sujeito na terceira pessoa do singular (“que [**ele/ela**] fale inglês”), em vez de um sujeito na terceira pessoa do plural, uma vez que o sujeito da primeira oração são os sócios franceses (“French associates”). O sistema de tradução automática precisaria de entender bem o contexto da frase em questão, para que o texto pudesse ser traduzido de forma correta.

Em forma de resumo, a partir destes dois exemplos, pode observar-se que a tradução automática neuronal é capaz de traduzir textos de forma bastante fluida e de qualidade, possuindo, no entanto, alguns pontos fracos a nível da tradução de certas estruturas. Nos exemplos apresentados acima, verificaram-se, entre outros, alguns problemas que podem estar relacionados com frases ambíguas, expressões idiomáticas, frases longas e com o domínio específico dos *corpora* do sistema de tradução automática, todos eles já explorados na secção **1.2.** deste capítulo. Além destes principais problemas, ainda se verificaram alguns relacionados com a tradução incorreta de verbos modais, a tradução incorreta de termos específicos e a falta de pontuação. Apesar de tudo, e tendo em conta sobretudo o primeiro exemplo, pode observar-se o potencial da tradução

automática neuronal que, excluindo os problemas da tradução de algumas expressões, conseguiu criar um texto que, em termos de registo e de fluidez, pouco se parece com uma tradução, mas sim com um texto que foi escrito originalmente na língua de chegada.

II. A eficácia da tradução automática nas diferentes áreas de tradução

2.1. A tradução nas áreas de *Marketing*, *TI* e *Automotive*

Nesta secção pretendo abordar alguns aspetos que os tradutores têm de ter em conta ao realizarem traduções de textos nas áreas de *Marketing*, *TI* e *Automotive*, as três áreas nas quais trabalhei durante o estágio na SDL. Sendo que cada tipo de texto¹² possui características específicas, tanto a nível de estrutura frásica, como a nível de vocabulário, é natural que os sistemas de tradução automática se adaptem melhor ou pior a certos tipos de texto. Um exemplo será o da tradução de frases longas, um problema, já referido anteriormente, que se impõe a todos os sistemas de tradução automática. Se numa certa área forem, geralmente, traduzidos textos cujas principais características são frases longas, será de esperar que, por esse motivo, a tradução automática deste tipo de textos não tenha tanta qualidade, visto que, como se pôde observar na secção **1.3.2.** do capítulo anterior, os sistemas de tradução automática têm mais dificuldade em traduzir frases longas, principalmente aquelas com mais de 35 palavras.

É de notar, contudo, que apesar de haver certos tipos de texto traduzidos com mais frequência em cada uma destas áreas, em todas elas é traduzida uma grande variedade de conteúdos e, conseqüentemente, de tipos de texto. Por exemplo, embora normalmente sejam traduzidos textos de carácter mais técnico na área de *Automotive*, como manuais

¹² Ao longo deste relatório de estágio, não será utilizada a expressão “tipo de texto” em conformidade com a terminologia proposta por Katharina Reiss (1981). De acordo com a terminologia utilizada por Reiss, os “tipos de texto” são divididos em textos informativos, operativos ou expressivos. Contudo, neste relatório, a expressão será utilizada de uma forma mais geral, englobando apenas, como já referido acima, textos que partilhem características específicas, tanto a nível de estrutura frásica, como a nível de vocabulário. Assim sendo, “textos de *Marketing*”, por exemplo, serão tratados como “tipos de texto”, uma vez que os textos da área de *Marketing* serão muito semelhantes em termos de características textuais.

de instruções, é também comum fazerem-se traduções de descrições ou listagens de produtos e traduções de *software*.

Deste modo, passo a apresentar algumas características dos principais tipos de texto com os quais trabalhei durante o estágio, nas áreas acima mencionadas, para que, no tópico seguinte, seja possível relacionar estas características com os problemas inerentes à tradução automática.

2.1.1. A tradução de *Marketing*

A tradução de textos de *Marketing* consiste num processo geralmente criativo e requer uma compreensão sólida da intenção do texto de partida, tendo em conta fatores como as culturas inerentes ao texto de partida e ao texto de chegada. Este tipo de textos normalmente tem como objetivo levar alguém a adquirir um certo produto ou serviço, pelo que a linguagem utilizada deve ser persuasiva e chamar a atenção. Sobretudo, é essencial que o conteúdo do texto de chegada seja claro e facilmente compreendido pelo público alvo. Caso contrário, o texto não terá influência sobre as pessoas que o leram e, conseqüentemente, será menos provável que o produto ou serviço em questão seja adquirido.

É também necessário considerar as diferenças culturais entre o país da língua de partida e o país da língua de chegada para que possa ser feita uma tradução cujo sentido corresponda ao sentido pretendido inicialmente. Estas diferenças culturais podem estar relacionadas por exemplo com cores, animais ou crenças religiosas que podem ter significados muito diferentes de cultura para cultura. Nestes casos, é necessário um certo conhecimento do mundo para que possa ser feita uma tradução de qualidade, o que dificulta a tarefa de tradução dos sistemas de tradução automática.

Além de aspetos como as diferenças culturais, o tradutor deve ainda ter em conta quatro pontos relevantes para conseguir uma tradução eficiente: o público alvo, o meio de comunicação no qual será inserida a tradução, o registo da campanha e o material publicitário já existente, relacionado com o anúncio em questão (*website* da empresa, anúncios anteriores, etc.) (Alves, 2012). Para os sistemas de tradução automática é difícil assumir aspetos mais abstratos que não sejam perceptíveis, de forma direta, através do contexto ou de aspetos linguísticos relacionados com o texto, podendo resultar em

traduções de menor qualidade. Contudo, a aplicação de ferramentas de apoio à tradução, como bases terminológicas e memórias de tradução, poderá ser um bom apoio para o quarto ponto referido anteriormente, uma vez que permitem armazenar, respetivamente, terminologia específica e segmentos traduzidos anteriormente.

Em caso de impossibilidade tradutiva de textos que transmitam aspetos culturais característicos de um certo local, é necessário que os tradutores recorram a processos de transcrição, para que o efeito que o texto de partida obteve no público alvo seja o mesmo obtido pelo texto de chegada no público alvo correspondente. Apesar de ainda não existir uma definição sólida para “transcrição”, pode dizer-se que se trata de um processo no qual o tradutor reinterpreta o texto de partida e cria novos conceitos que se adequem à cultura do texto de chegada (Gaballos, 2012). Trata-se, mais uma vez, de um desafio para os sistemas de tradução automática, visto que não é possível programá-los para autonomamente criarem conceitos completamente novos.

Relativamente aos aspetos linguísticos, os textos inseridos na área de *Marketing* (excluindo textos com uma descrição objetiva dos produtos) possuem, muito frequentemente, os seguintes elementos, ilustrados com exemplos das traduções que realizei:

- **Frases curtas e objetivas** (muitas vezes com recurso a pontos finais no lugar de conjunções)¹³;

Exemplos:

Original:

- a. “Photography, without limits.”
- b. “Clear sound. Hear every word.”

Proposta de tradução:

- a. “Fotografia sem limites.”
- b. “Som cristalino. Ouça cada palavra.”

¹³ Numa descrição mais aprofundada dos produtos para venda, são utilizadas frases complexas, mais longas. Além disso, muitas das traduções de *Marketing* que realizei na SDL contavam ainda com entrevistas à figuras públicas influentes, sendo que, nestes casos, o discurso era mais livre e composto por diferentes características.

- **Frases coordenadas**

Exemplos:

Original:

- a. “Let you get connected wherever you are, and get your pictures to the client first”
- b. “Spend more time doing the activities you love, and stay in tune with your body”

Proposta de tradução:

- a. “Estabeleça ligação onde quer que esteja e envie as imagens para o cliente de imediato”
- b. “Passe mais tempo a fazer as atividades de que mais gosta e mantenha-se em sintonia com o seu corpo”

- **Recurso à adjetivação**

Exemplos:

Original: “unrepeatable moments”; “winning images”

Proposta de tradução: “momentos únicos”; “imagens vencedoras”

- **Adjetivos nos graus comparativo e superlativo**

Exemplos:

Original:

- a. “Your screen will feel bigger than it is”
- b. “Quite simply the fastest, most powerful”

Proposta de tradução:

- a. “O seu ecrã irá parecer maior”
- b. “Sem sombra de dúvidas, a mais rápida e potente”

- **Frases no imperativo**

Exemplos:

Original:

- a. “Stay in tune with your body”
- b. “Take your favorite playlists along on your wrist”

Proposta de tradução:

- a. “Mantenha-se em sintonia com o seu corpo”
- b. “Leve consigo as suas listas de reprodução favoritas no seu pulso”

- **Palavras e expressões do conhecimento geral**¹⁴
- **Palavras compostas**

Exemplos:

Original: “ready-for-anything”; “Lag-free real-time shooting”

Proposta de tradução: “pronta para tudo”; “Disparo em tempo real e sem atrasos”

Além destes elementos, uma outra característica comum neste tipo de texto é o recurso frequente a **expressões idiomáticas** ou a **colocações** típicas de cada língua, pelo que a tradução direta, palavra por palavra, raramente se mostra eficaz. Um exemplo de uma expressão idiomática inserida num dos anúncios que traduzi é “This stunning display turns heads and wrists alike”. A expressão “turn heads” significa chamar a atenção devido, por exemplo, à beleza de alguma coisa. Além disso, os criadores do anúncio aproveitaram para inserir uma referência a pulsos, na mesma expressão, sendo esse o sítio onde colocaríamos os relógios aos quais está a ser feita publicidade. Expressões deste género têm de ser reformuladas na tradução para português, caso contrário, o sentido transmitido será estranho para o público alvo.

Como já foi referido neste trabalho, este tipo de expressões é um desafio para os sistemas de tradução automática, uma vez que uma ligeira variação na sua estrutura pode

¹⁴ Normalmente não são utilizadas palavras raras ou menos conhecidas pelo público alvo, visto ser essencial que as pessoas percebam qual é a mensagem que está a ser transmitida.

fazer com que estes sistemas não consigam detetar que se trata de uma expressão idiomática e, por esse motivo, a traduzam literalmente.

2.1.2. A tradução de TI

Ao longo da minha experiência como estagiária, a área da Tecnologia de Informação consistiu, maioritariamente, no processo de localização de *software*. Para este processo, contribuí apenas com a tradução de ficheiros, realizando sempre as devidas adaptações a nível cultural e linguístico. A localização de *software* consiste num processo mais longo e complexo do que uma tradução “normal” de documentos, sendo este processo explicado, no site da SDL¹⁵, da seguinte forma:

Software localization is the process of adapting a software product to the linguistic, cultural and technical requirements of a target market (...) Traditional translation is typically an activity performed after the source document has been finalized. Software localization projects, on the other hand, often run in parallel with the development of the source product to enable simultaneous shipment of all language versions. For example, the translation of software strings may often start while the software product is still in the beta phase.

O objetivo da adaptação de *software* é, portanto, permitir que o utilizador do *software* consiga utilizá-lo sem que sinta estranheza relativamente a aspetos culturais ou linguísticos. Não faria sentido, para a maioria dos portugueses, saber quantas milhas percorre durante uma corrida, quando não é essa a unidade de medida a que está habituado. Neste sentido, algumas das adaptações que se fazem durante o processo de tradução, passam, por exemplo, pela alteração das unidades de medida em conformidade com as do país do texto de chegada, ou de vocabulário, como “state” ou “county”, em países que não utilizem estes termos para a sua organização geográfica e administrativa.

¹⁵ Texto retirado de <https://www.sdltrados.com/solutions/software-localization/>

As características do texto de *software* podem variar drasticamente de texto para texto, devido aos diferentes propósitos que os sistemas de *software* podem ter. Contudo, destacaram-se algumas características nos projetos traduzidos durante o estágio:

- **Expressões variáveis:** expressões que se encontram em vez de palavras ou frases e não devem ser traduzidas, como “diskName”, que irá variar conforme o nome do disco em questão, por exemplo;
- **Mensagens de erro:** estas mensagens notificam o utilizador da ocorrência de uma situação inesperada. Um exemplo, retirado de um dos projetos que realizei, é “Cluster connection error.”. A mensagem pode ser mais ou menos longa, uma vez que a situação pode requerer uma explicação também mais ou menos longa. Contudo, este tipo de mensagem é sempre claro e objetivo, de modo a que o utilizador entenda em que consiste o erro em questão.
- **Mensagens que requerem uma ação:** este tipo de mensagens aparece, frequentemente, a acompanhar mensagens de erro. Impelem o utilizador a realizar uma certa ação, geralmente, para tentar perceber qual a origem do erro. Um exemplo será “Please go to the camera edit page to check your RTSP settings”.
- **Mensagens de aviso/informação:** expressões como “NOTIFICATION_INFO” ou “NOTIFICATION_WARN”, que, tal como as expressões variáveis, também não podem ser traduzidas, uma vez que fazem parte do código do *software* que não deve ser alterado.

Gross (2006) refere alguns dos problemas que os tradutores encontram regularmente ao fazerem tradução de *software*, nomeadamente a incerteza em relação à tradução de certos elementos do código de *software*, a incerteza em relação à tradução de frases divididas em mais do que uma cadeia de caracteres¹⁶ (frequentemente denominadas

¹⁶ Gross (2006) dá o seguinte exemplo de uma frase dividida entre duas cadeias de caracteres “When this box is checked, Windows NT does not”/“automatically display the user name of the last person”.

“strings”) e a tradução de segmentos que contêm expressões variáveis (devido à falta de informação relativamente a elas¹⁷).

É de notar que todos estes pontos seriam igualmente problemáticos para os sistemas de tradução automática, caso não fosse previamente disponibilizada a informação necessária para a sua configuração. Por exemplo, se no ficheiro com a tradução do *software* existissem cadeias de caracteres com frases divididas em dois, o sistema de tradução automática traduziria estes segmentos como sendo segmentos individuais e não partes de uma frase, podendo resultar numa tradução sem sentido.

2.1.3. A tradução de *Automotive*

Enquadrada na tradução técnica, a tradução de *Automotive* consiste maioritariamente na tradução de documentos técnicos que, por norma, contêm descrições de produtos ou instruções de utilização. O texto técnico deve ser um texto claro e objetivo, fácil de entender e deve exigir o menor esforço de leitura ao público alvo (Byrne, 2006). Tal deve-se ao facto de este tipo de texto utilizar uma linguagem funcional, com o intuito de, muitas vezes, servir de guia ao utilizador de um produto, para que consiga colocá-lo em funcionamento e utilizá-lo de forma segura. Byrne realça ainda que o estilo é tão importante na tradução técnica como nos outros tipos de tradução, visto que a forma como o texto está traduzido, tendo em conta aspetos como a clareza e a fluidez, terá influência na sua compreensão por parte do leitor.

No contexto da SDL, as traduções realizadas nesta área abrangiam não só produtos da indústria automóvel, mas também produtos como máquinas agrícolas e equipamentos industriais. Além disso, muitas das traduções da área de *Automotive* são traduções de

¹⁷ Muitas vezes, o cliente disponibiliza informações relativamente às expressões variáveis a traduzir, facilitando a contextualização de certos segmentos. Algumas variáveis não podem ser traduzidas universalmente, visto que muitas línguas fazem distinção de género, o que consiste num problema para o tradutor. Gross (2006) explica esta situação, dizendo que: «The variable `szDelObject` can contain either a file, directory, or subdirectory (...) Such constructed sentences can not be translated universally, because file, directory and subdirectory can have different genders. In German for example “the file” is “die Datei”, “the directory” is “das Verzeichnis”».

software, pelo que as características desse tipo de texto foram já enumeradas no ponto anterior.

Com enfoque em textos como manuais de instruções, destacam-se as seguintes características:

- **Terminologia específica:** é frequente encontrarem-se termos específicos relacionados com a indústria automóvel ou equipamentos industriais, nomeadamente nomes de peças ou termos técnicos. Pode mostrar-se um problema para os sistemas de tradução automática, caso a terminologia inclua palavras raras. Contudo, se forem termos que se repetem frequentemente neste tipo de texto, a terminologia específica será, pelo contrário, um aspeto positivo para os sistemas de tradução automática.
- **Frases curtas e objetivas:** de forma a que a mensagem que se pretende transmitir seja facilmente entendida pelo público-alvo, é importante que as frases sejam objetivas. Para que isso seja possível, deve optar-se por frases curtas, que serão mais simples e diretas. Os manuais de instruções são um bom exemplo de texto que utiliza este tipo de frases, uma vez que uma estrutura frásica mais simples permitirá ao utilizador ler o texto com o menor esforço possível e compreendê-lo mais facilmente.
- **Repetições:** acontecem tanto a nível de vocabulário e de expressões regulares, como de estrutura frásica. Constantes variações de vocabulário, através de, por exemplo, sinónimos, podem confundir o leitor. Por este motivo, é importante manter a consistência, mesmo que resulte em frases mais repetitivas.
- **Imagens:** principalmente em manuais de instruções, esta é uma das características fundamentais dos textos de *Automotive*. As imagens são importantes para o utilizador na medida em que complementam o texto, ajudando-o a compreender melhor, por exemplo, uma certa instrução. São igualmente importantes para o tradutor que precisa de entender aprofundadamente a mensagem do texto para o poder traduzir corretamente. Ao contrário dos tradutores, os sistemas de tradução automática não estão configurados para entenderem estes elementos extratextuais, pelo que poderão traduzir certos segmentos de forma errada.

2.2. Estudo sobre a tradução automática de diferentes conteúdos

Depois de referidas as principais características dos textos nas áreas de *Marketing*, *TI* e *Automotive*, passo a apresentar um breve estudo sobre a eficácia da tradução automática nas diferentes áreas de tradução. Pretende-se, após a sua análise, relacionar os resultados obtidos e as respetivas conclusões com as características específicas das diferentes áreas de tradução exploradas no ponto anterior, de forma a verificar se, por exemplo, a estrutura frásica ou o vocabulário utilizado nas diferentes áreas podem ter influência na eficácia da tradução automática.

O estudo, realizado pela SDL e generosamente disponibilizado pela empresa para usufruto neste relatório de estágio, consiste num questionário efetuado em novembro de 2019, no qual participaram 73 tradutores dos diferentes escritórios da SDL, incluindo 45 pares de línguas. Estes tradutores trabalhavam diretamente com sistemas de tradução automática, pelo que a avaliação do desempenho destes sistemas foi feita tendo em conta a sua experiência pessoal em setores nos quais possuíssem uma vasta experiência de trabalho. Note-se que no estudo não são diferenciados os tipos de sistemas de tradução automática, sendo, por isso, baseado no desempenho da tradução automática de uma forma mais generalizada.

Foi pedido a cada participante que avaliasse a qualidade dos resultados da tradução automática nas respetivas línguas de chegada, considerando o melhor motor de tradução automática disponível para o seu idioma. Além disso, cada participante atribuiu um nível à frequência com que aplicava a tradução automática na sua equipa, sendo que aproximadamente metade utilizava sempre a tradução automática, exceto se houvesse problemas técnicos que os impedissem de o fazer; aproximadamente 48% utilizavam a tradução automática para certas contas e não para outras, devido a motivos relacionados com a qualidade da tradução; e apenas cerca de 2% dos participantes responderam que raramente utilizavam a tradução automática ou que nunca a utilizaram para o par de línguas em questão.

Por fim, foi pedido que avaliassem a qualidade da tradução automática para a sua língua, estando os resultados divididos por setor (turismo, *Automotive*, retalho, etc.) e por tipo de conteúdo (catálogos de produtos, FAQs¹⁸, *software*, etc.).

2.2.1. Análise do estudo e conclusões

Antes de iniciar uma análise mais aprofundada das tabelas com os resultados do estudo, é importante esclarecer a diferenciação feita entre “setor” e “tipo de conteúdo”. Por setor, entende-se uma área cuja terminologia será semelhante entre textos, mas que poderá abranger vários tipos de conteúdo e, conseqüentemente, vários tipos de texto. Deste modo, os tipos de conteúdo, por norma, partilharão as mesmas características textuais, como, por exemplo a estrutura do texto e aspetos gramaticais, enquanto os setores, como termo mais abrangente, partilharão aspetos mais relacionados com a terminologia.

Neste inquérito, *Marketing* foi considerado um tipo de conteúdo e não um setor, uma vez que qualquer um dos setores abaixo apresentados pode incluir textos com conteúdo de *Marketing*, nos quais toda a terminologia utilizada será típica da área em questão. Deste modo, apesar de na equipa de *Marketing* se fazerem traduções para setores como os da eletrónica e do turismo, *Marketing* não será considerado um setor na análise deste estudo. Além disso, textos de *Marketing*, no contexto do presente inquérito, consistem meramente em conteúdo criativo, não incluindo, por exemplo, listas de produtos.

Em forma de exemplo, setores como o de retalho poderão incluir tanto textos de *Marketing*, com carácter mais criativo, como listas de produtos, com frases simples e objetivas como “camisola com gola para mulher”. O mesmo se aplica ao setor do turismo, cujas frases podem ir de “Viva uma noite inesquecível no melhor quarto de hotel” até, simplesmente, “Quarto com cama individual”.

¹⁸ Do inglês “Frequently Asked Questions”, As FAQs consistem num texto no qual se encontra um conjunto de perguntas frequentes relacionadas com um certo assunto e as respetivas respostas. Em português, é geralmente utilizado o acrónimo “FAQs”, como em inglês, ou a tradução “Perguntas frequentes”.

Partindo agora para a análise das tabelas apresentadas no estudo, a tabela abaixo diz respeito à avaliação que os tradutores fizeram da qualidade da tradução automática **por setor**. Podem ser observados os seguintes resultados¹⁹:

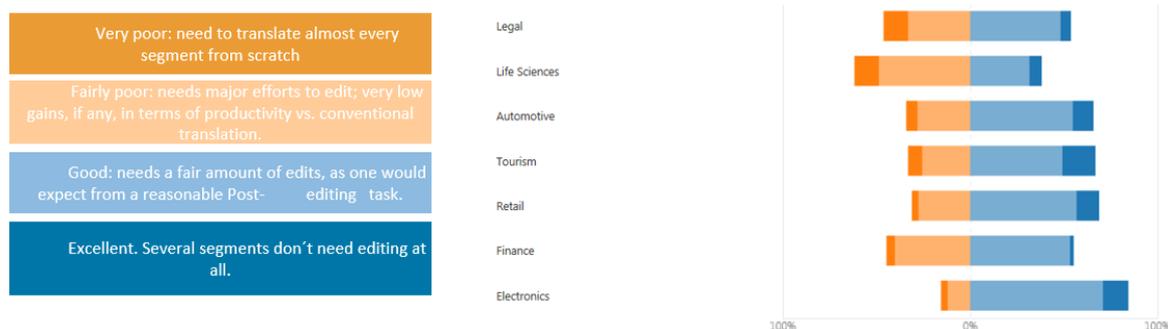


Figura 7 – Qualidade da tradução automática por setor

Ao analisar a tabela, é possível verificar que os setores nos quais a tradução automática obteve os melhores resultados foram os setores da eletrónica, do retalho, do turismo e de *Automotive*. À exceção do setor de *Automotive*, no qual a tradução será mais técnica, os restantes setores partilham de uma vertente comercial. Nestes setores, a maioria das traduções produzidas pelos sistemas de tradução automática, apesar de serem consideradas de boa qualidade, exigia algum trabalho de pós-edição. Em contraste, setores cuja tradução é extremamente técnica, como o setor jurídico, o setor de *Life Sciences* e o setor das finanças, obtiveram resultados bastante mais baixos relativamente à qualidade da tradução automática.

No que toca a avaliações negativas, são novamente os setores da eletrónica, do retalho, do turismo e de *Automotive* que apresentam as avaliações menos negativas, com destaque para o setor da eletrónica, que apresenta apenas aproximadamente 15% destas avaliações. Dos setores jurídico, das finanças e de *Life Sciences*, destaca-se negativamente este último, com aproximadamente 62% de avaliações negativas. É possível observar que, neste caso, as traduções produzidas pelos sistemas de tradução

¹⁹ As tabelas foram diretamente retiradas do estudo fornecido pela SDL, sem ter sido feito qualquer tipo de alteração.

automática requerem mais trabalho de pós-edição, por vezes não compensando em termos de produtividade.

No segundo quadro são apresentados os resultados do questionário relativos à qualidade da tradução automática **por tipo de conteúdo**:



Figura 8 – Qualidade da tradução automática por tipo de conteúdo

Neste quadro é possível verificar que os tipos de conteúdo mais fracos a nível de qualidade são *Marketing*, *packaging*, e avaliações/conteúdo gerado pelo utilizador. O conteúdo de *Marketing* destaca-se negativamente, com aproximadamente 70% de avaliações negativas, das quais cerca de 20% indicam que a tradução automática é muito fraca, ao ponto de ser necessário traduzir a maioria dos segmentos de raiz.

É ainda possível observar que os tipos de conteúdo mais bem traduzidos pelos sistemas de tradução automática são a documentação técnica, e-Learning e FAQs (perguntas frequentes), com destaque para este último. A tradução automática de perguntas frequentes mostra ter substancialmente mais qualidade do que a tradução de outros conteúdos. Possui cerca de 85% de avaliações positivas, das quais aproximadamente 30% consistem numa qualidade excelente, pelo que muitos segmentos a serem traduzidos não precisam de quaisquer alterações.

Considerando a análise realizada acima, as conclusões relativas a este estudo terão maior enfoque nas áreas de *Automotive*, *Marketing* e TI, já exploradas no ponto anterior. Para que as conclusões sejam claras, *Marketing* será, daqui em diante, referido como “área”, sempre que, de forma a facilitar a análise do estudo, seja pretendido agrupar setores de carácter comercial como turismo, eletrónica e retalho; e referido como “tipo de

conteúdo”, sempre que se pretenda falar sobre “*Marketing*” como tipo de texto, tal como aparece na tabela acima apresentada.

Começando pelo setor de *Automotive*, verificam-se cerca de 65% de avaliações positivas a nível da tradução automática, uma das melhores avaliações feitas no que toca à tradução automática nos diversos setores. Esta avaliação é ainda reforçada ao observar a tabela com as avaliações por tipo de conteúdo, visto que os principais tipos de conteúdo traduzidos nestas áreas serão documentação técnica, catálogos de produtos e *software*, nomeadamente o *software* utilizado para o funcionamento de certas máquinas. Todos estes tipos de conteúdo possuem avaliações muito positivas, principalmente a tradução automática de documentação técnica, que requer apenas alguma pós-edição, explicando, desta forma, as avaliações positivas da tradução automática neste setor.

Por outro lado, o facto de neste setor também serem traduzidos vários textos com conteúdo de *Marketing*, como anúncios para a venda de produtos, pode explicar por que motivo as avaliações neste setor não foram ligeiramente superiores, tendo em conta que o conteúdo de *Marketing* foi aquele com mais avaliações negativas.

Passando para uma perspetiva mais aprofundada desta questão da eficácia da tradução automática em diferentes áreas, é necessário considerar algumas das características da tradução técnica referidas no ponto **2.1.3** deste capítulo, bem como os problemas inerentes à tradução automática referidos no capítulo anterior. Assim sendo, recapitulam-se as principais características do texto técnico: terminologia específica, frases curtas e objetivas, repetições e imagens.

Tendo em conta os problemas inerentes à tradução automática já abordados, pode inferir-se que elementos como frases curtas e objetivas serão traduzidos com mais facilidade por sistemas de tradução automática, considerando que um dos maiores problemas destes sistemas consiste na tradução de frases longas. Além disso, o facto de se tratar de um tipo de texto mais repetitivo, tanto a nível de vocabulário, como de expressões, é também uma ajuda para os sistemas de tradução automática, uma vez que é mais provável que esse vocabulário ou expressões já estejam incluídos nos seus *corpora*. Por sua vez, e sendo esta uma questão já abordada anteriormente, as imagens serão apenas um ponto a favor do tradutor e não da tradução automática, simplesmente porque um tradutor poderá tê-las em conta como apoio à sua interpretação do texto, enquanto os

sistemas de tradução automática não o poderão fazer, por não serem capazes de interpretar imagens.

Relativamente à área de TI, por não constar de nenhum setor apresentado na tabela, será apenas analisada com base nos tipos de conteúdo. Assim sendo, é possível observar, na segunda tabela apresentada, alguns dos tipos de conteúdo traduzidos nesta área de teor informático, nomeadamente conteúdo de *e-Learning*, *Marketing* e *software*, este último o tipo de texto desta área mais traduzido durante o estágio.

Como acontece com as avaliações dos tipos de conteúdo de *Automotive*, também a maioria do conteúdo traduzido na área de TI possui avaliações muito positivas a nível da tradução automática, à exceção da tradução de conteúdo de *Marketing*. Tal é a discrepância de resultados em termos de avaliações, que se for feita a média das percentagens das avaliações apenas entre conteúdos de *e-Learning* e *software* se obtém um valor de aproximadamente 66% de avaliações positivas, enquanto ao incluir-se conteúdo de *Marketing*, este valor diminui mais de 10%, perfazendo apenas 54% de avaliações positivas.

No seguimento desta questão, volta a apresentar-se o resumo das características dos textos de TI, com destaque para a tradução de *software*: recurso a expressões variáveis, mensagens de erro, mensagens que requerem uma ação e mensagens de aviso/informação. Apesar de não ter traduzido conteúdo de *e-Learning* durante o estágio, pode dizer-se que consiste num tipo de texto cujas características podem ser muito variadas, tornando difícil defini-las. Contudo, este tipo de conteúdo pode ter uma linguagem mais coloquial, quando se trata de discurso oral, como por exemplo a tradução de vídeos com alguém a lecionar uma certa matéria; ou uma linguagem mais objetiva, bem estruturada e coerente, quando se trata, por exemplo, de ensino através de texto, visto que terá uma estrutura mais organizada, com possível recurso a títulos e frases simples e diretas.

Resumidas algumas das principais características de certos tipos de texto da área de TI, verifica-se que algumas delas, como o recurso a expressões variáveis e mensagens de aviso/informação, podem constituir um problema para os sistemas de tradução automática. Tal deve-se ao facto de consistirem em mensagens que, apesar de não poderem ser traduzidas para não afetarem o bom-funcionamento do *software*, poderão ser

traduzidas, erroneamente, por estes sistemas, considerando que, muitas vezes, a informação relativa aos tipos de mensagem que não devem ser traduzidas é apenas fornecida nas respetivas encomendas de tradução. Além disso, se num certo texto se encontrasse uma expressão variável como apenas “x”, numa frase do tipo “Copy text to x”, sendo “x” correspondente a um nome feminino, só seria possível sabê-lo, mais uma vez, se essa informação fosse explicitada na encomenda de tradução, dificultando o processo de tradução para um sistema de tradução automática. Este problema está também relacionado com as palavras raras, visto que as expressões variáveis, pertencentes a um domínio específico, raramente aparecerão em diferentes textos. Desta forma, é possível que muitas destas expressões não façam parte do vocabulário dos *corpora* do sistema de tradução automática, fazendo com que estes sistemas não consigam traduzir certas palavras.

No que toca às mensagens de erro e às mensagens que requerem uma ação, ambas têm em comum a clareza e a objetividade, uma vez que também ambas pretendem que o leitor entenda facilmente aquilo que lhe está a ser apresentado. Para que tal aconteça, o vocabulário utilizado será mais simples e a estrutura frásica, mais repetitiva, de forma a não gerar estranheza ao leitor. Todas estas características se mostram a favor da tradução automática, visto que os principais problemas dos sistemas de tradução automática resumem-se a frases complexas, terminologia específica e palavras raras que possam aparecer com pouca regularidade nos *corpora*, o que, neste caso, não acontece. Além disso, ainda relativamente às mensagens que requerem uma ação, o facto de a sua estrutura ser muitas vezes repetitiva (geralmente “please” + “verbo” + complemento direto) conta como mais um ponto a favor da tradução automática, pois será mais provável que esse tipo de estrutura já se encontre nos seus *corpora*.

Por fim, para tornar esta última análise mais simples, os setores de eletrónica, turismo e retalho, devido ao seu teor comercial, ao facto de, geralmente, serem traduzidos textos do mesmo tipo e por constituírem os setores traduzidos na equipa de *Marketing* durante o estágio, serão agrupados na área de *Marketing*. Assim sendo, verifica-se que a média dos resultados entre estes setores equivale a 73%, demonstrando que a tradução automática nestas áreas é, maioritariamente, de elevada qualidade. Em seguida, ao analisarem-se os tipos de conteúdo mais traduzidos na área de *Marketing*, abrangendo, como é claro, conteúdos de *Marketing*, catálogos de produtos, *software*,

avaliações/conteúdo gerado pelo utilizador e FAQs, é possível averiguar que, também neste caso, a maioria dos conteúdos tem potencial para ser traduzido com recurso à tradução automática, necessitando apenas de alguma tarefa de pós-edição.

O fraco resultado da avaliação de conteúdos de *Marketing* (como já explicado anteriormente, neste caso, *Marketing* como conteúdo de carácter mais criativo) era já bastante previsível devido ao facto de se tratar de conteúdo mais “livre” em termos de estrutura frásica e de vocabulário e, sobretudo, por recorrer a expressões idiomáticas e a colocações muito características de cada língua. Por consistir num tipo de texto persuasivo, no qual é imperativo soar o mais natural possível ao público de chegada, muitas das vezes são editados segmentos que, apesar de fazerem sentido e de um ponto de vista gramatical estarem corretos, chamam menos a atenção do público alvo, sendo necessário, por vezes, reformularem-se frases de raiz. Este pode ser um dos motivos pelos quais *Marketing*, como tipo de conteúdo, possui mais de 50% de avaliações negativas, significando que a maioria dos participantes achou que a tradução automática não era eficiente e que o tempo perdido na tarefa de pós-edição não compensava em termos de produtividade.

Os catálogos de produtos, já mencionados nos tipos de conteúdo do setor de *Automotive*, resumem-se apenas a listas de produtos, sendo que a maioria dos textos consiste em segmentos individuais de frases, principalmente constituídos por descrições breves como “Sapatos azuis com laço”. Um exemplo que demonstra a eficácia da tradução automática neste tipo de conteúdo é o site de compras *online* pt.aliexpress.com, que é integralmente traduzido através de sistemas de tradução automática e cujas traduções de listas de produtos raramente parecem traduções. Apesar de haver vários exemplos em que a tradução não será a melhor, devido à tradução “estranha” de certas expressões – ou à falta dela –, como “relógio inteligente dos homens tela led monitor de frequência cardíaca pressão arterial fitness rastreador esporte relógio à prova dwaterproof água”²⁰, normalmente as traduções são suficientemente boas para o propósito, e transmitem, quase sempre, o sentido da mensagem original. É, portanto, possível

²⁰ As descrições nos catálogos de produtos consistem em expressões individuais, como “tela led” e “monitor de frequência cardíaca”, e não em apenas uma só frase, como pode aparentar o exemplo utilizado acima. Exemplo retirado do site pt.aliexpress.com.

relacionar características deste tipo de texto, como frases simples e curtas com um certo recurso à adjetivação, com traduções automáticas de alguma qualidade.

Pelo contrário, ainda utilizando o mesmo *website* como exemplo, a tradução de avaliações/conteúdo gerado pelo utilizador, a par das avaliações feitas pelos participantes deste estudo²¹, é bastante mais fraca em termos de tradução automática. Uma vez que os comentários dos utilizadores não seguíam um padrão específico, e por poderem incluir todos os aspetos que dificultam o processo de tradução dos sistemas de tradução automática, como problemas de ambiguidade e frases mal escritas, as traduções podem variar entre “chegou bem antes do prazo, em perfeitas condições e o produto é simplesmente sensacional”, uma tradução inteligível e bastante fiel ao que é dito originalmente, e exemplos como “Tipo tempo do dia a todos! I usar relógios todo o tempo, os antigos falhou”²², que são completamente ininteligíveis.

Por fim, FAQs foi, de longe, o tipo de conteúdo mais bem traduzido pelos sistemas de tradução automática, de acordo com os participantes deste inquérito. O resultado pode parecer curioso, considerando que se trata de um tipo de texto que pode abranger um grande número de conteúdos diferentes, com vocabulário que pode ser mais ou menos específico conforme o texto a ser traduzido. Contudo, ao analisarem-se exemplos concretos, como as perguntas frequentes da Microsoft relativas ao Office – das quais serão dados exemplos a seguir – verifica-se que se trata de um texto muito repetitivo a nível de vocabulário e de estrutura frásica, seguindo, quase sempre, o mesmo padrão de pergunta-resposta.

Neste tipo de texto, as perguntas costumam ser diretas e concisas, para que o utilizador consiga facilmente encontrar a questão que procura. Além disso, uma outra característica consiste em que sua maioria se encontra na primeira pessoa. Exemplos deste tipo de perguntas, retirados do site da Microsoft²³, podem ser “What is a product key?” ou “I am having trouble downloading, what should I do?”. Para que o utilizador consiga encontrar facilmente a questão que pretende, as perguntas deste tipo, tal como as

²¹ Tal como o conteúdo de *Marketing*, também as avaliações/conteúdo gerado pelo utilizador possuem mais de 50% de avaliações negativas

²² Exemplos retirados do site pt.aliexpress.com

²³ <https://www.microsoft.com/en-us/software-download/faq>

exemplificadas, não podem criar problemas de ambiguidade e devem ser o mais simples e diretas possível.

No que toca à resposta às perguntas frequentes, podem observar-se as seguintes características:

- A repetição de vocabulário relevante, associado com a questão a ser colocada.

Exemplo: “What is a product key? A product key is a 25-character code that comes with a Microsoft Office product. The product key allows you to (...)”²⁴;

- A repetição parcial de estruturas frásicas, apenas com a variação de alguns termos.

Exemplo: “If you purchased Office on a traditional disc the product key should be located inside the package on a label on (...)/If you purchased an Office product key card the product key should be located inside the package on a label on(...)”;

- Frases claras e objetivas, sem recurso a expressões idiomáticas, colocações ou outro tipo de expressões que possam levar a mais do que uma interpretação.

Considerando estas características deste tipo de texto, e relacionando-as com os principais problemas da tradução automática abordados ao longo desta análise, pode concluir-se que FAQs consistem num tipo de conteúdo simples e repetitivo, muito acessível aos sistemas de tradução automática.

De forma resumida, pôde averiguar-se, através da análise do estudo, que a tradução automática é considerada razoável nas três áreas que este relatório se propôs a analisar, sendo elas a área de *Automotive*, TI e *Marketing*. É também possível concluir-se que, por a maioria das áreas de tradução incluir *Marketing* como tipo de conteúdo, é natural que as avaliações por área/setor sejam sempre mais baixas do que poderiam ser, uma vez que o conteúdo de *Marketing* é aquele que possui avaliações mais negativas.

²⁴ Exemplo retirado do site <https://www.microsoft.com/en-us/software-download/faq>

Além disso, verifica-se que os principais problemas da tradução automática, referidos no capítulo anterior deste relatório, podem ser relacionados com a fraca qualidade na tradução de alguns tipos de conteúdo, como por exemplo *Marketing*, devido às características específicas deste tipo de texto. Pode também verificar-se que as principais características de cada tipo de texto, enumeradas no ponto anterior, estão associadas ao melhor ou pior desempenho dos sistemas de tradução automática.

Em conclusão e com base neste estudo, pode, portanto, dizer-se que, apesar de a tradução automática não ser excelente em todos os tipos de conteúdo, tem potencial em qualquer área ou setor. Mais do que isso, com os avanços tecnológicos que temos vindo a testemunhar, a tendência será para que os sistemas de tradução automática cada vez se tornem mais úteis, necessários e aprimorados e, conseqüentemente, mais eficientes em todos os diferentes tipos de conteúdo.

Parte 3

I. O papel do tradutor no mundo da tradução automática

Principalmente para quem já teve a oportunidade de trabalhar numa empresa de tradução, é do conhecimento geral que a tradução automática marcou fortemente a metodologia de trabalho dos tradutores, sobretudo nesta última década de grandes desenvolvimentos tecnológicos, incluindo desenvolvimentos na área da tradução automática. Desde a altura em que o processo de tradução contava apenas com o apoio de dicionários em papel e em que o acesso à *Internet* ainda era escasso, houve mudanças substanciais, sendo que, atualmente, os sistemas de tradução automática ou dicionários *online*, por exemplo, encontram-se ao alcance de qualquer pessoa. Espera-se, portanto, que o papel do tradutor se vá alterando ligeiramente, de forma a conseguir acompanhar todas estas mudanças e avanços tecnológicos que permitem que o tradutor realize um trabalho mais rápido e eficiente. Contudo, estarão estas alterações a modificar, gradualmente, o papel do tradutor, ao ponto de a sua metodologia de trabalho se encontrar bastante mais próxima da metodologia de trabalho de um revisor?

Esta questão surgiu quando ainda me encontrava a estagiar, sendo que a primeira tradução que realizei bastou para que me apercebesse de que o trabalho que, até então, tinha vindo a realizar durante o mestrado seria substancialmente diferente daquele que viria a encontrar no mercado de trabalho. Todos os segmentos do projeto que tinha em mãos estavam já traduzidos e, depois de uma leitura rápida destes segmentos, pude verificar que a tradução, no geral, tinha qualidade, e que não teria de fazer quase nenhuma alteração. Cheguei até a perguntar ao meu orientador se não se tinham enganado no projeto, uma vez que pensei que já alguém o tivesse traduzido. Foi aí que me deparei com o potencial da tradução automática e com as mudanças que isso traria ao meu processo de tradução normal.

Durante o mestrado, a maioria das traduções que realizei contava, quando necessário, apenas com o apoio do Google Tradutor como sistema de tradução automática. Mesmo este sistema era somente utilizado em último recurso, sobretudo na tradução de alemão, quando surgiam dúvidas relativamente a alguma estrutura frásica e servia para entender, de uma forma geral, em que consistia uma certa frase. Todos os

textos que me propunham para tradução eram traduzidos de raiz, sendo que, para isso, procedia sempre a uma pesquisa inicial sobre a matéria em questão e, em seguida, utilizava dicionários bilingues e bases terminológicas *online* sempre que aparecesse alguma dúvida em relação a um dado termo. Só quando concluída a tradução iniciava o processo de revisão, revendo tanto a parte gramatical como dúvidas que tivessem permanecido em termos de vocabulário ou de segmentos que não soassem naturais, alterando, depois, tudo aquilo que achasse pertinente.

O processo de tradução na empresa, por sua vez, passou a ser mais rápido, mas também mais “passivo”, devido à utilização da tradução automática em todos os projetos. Tal como no processo de tradução utilizado durante o mestrado, também na empresa iniciava a tarefa de tradução com uma pesquisa breve sobre o projeto em questão. Esta pesquisa, no entanto, prendia-se mais com a procura de traduções já feitas anteriormente para a entidade que fez a encomenda de tradução, de forma a verificar, por exemplo, qual o registo utilizado, do que com pesquisa relacionada com o conteúdo a traduzir. Isto acontecia porque os segmentos já traduzidos com tradução automática tornavam a minha tradução mais tendenciosa, visto que, involuntariamente, ao ler estes segmentos, muitas vezes não questionava a tradução de alguns termos ou expressões que provavelmente teria questionado se estivesse a traduzi-los de raiz, não fazendo, por esse motivo, uma pesquisa tão intensiva em relação a certos conteúdos.

De facto, a tradução automática traz vantagens importantes, como a aceleração do processo de tradução, a diminuição da carga de trabalho do tradutor e ainda, citando Taivalkoski-Shilov (2019, p. 691), “release[s] their cognitive resources for complex tasks by relieving them of repetitive and boring tasks”. Contudo, além de trazer algumas desvantagens, como a diminuição da rapidez da tradução quando o tradutor é confrontado com frases que tem de traduzir de raiz, o processo de tradução com acesso a tradução automática não corresponde àquilo que muita gente entende por tradução, definida pelo *Cambridge Dictionary* como “to change words from one language to another”²⁵, visto que, muitas vezes, o tradutor que utiliza tradução automática não necessita sequer de alterar nenhuma palavra em certos segmentos. Assim sendo, e admitindo que, muitas vezes, o processo de tradução automática exige apenas algum trabalho de pós-edição,

²⁵ Definição de “translate” retirada de <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/translate>.

dependendo, como é claro, da qualidade do sistema de tradução automática, não se estará o tradutor a tornar numa espécie de revisor?

Após a exposição daquela que é, meramente, a minha experiência pessoal, e das questões a que tentarei dar resposta neste capítulo, passo a fazer referência a alguns estudos que abordam questões ligadas ao processo de tradução para, em seguida, relacionar as respetivas definições e metodologias de trabalho mais relevantes com o trabalho do tradutor que utiliza tradução automática e, posteriormente, relacionar isso mesmo com o trabalho de um revisor.

1.1. O tradutor como novo revisor?

Para aprofundar a questão mencionada neste ponto, “o tradutor como novo revisor?”, é primeiro necessário entender alguns aspetos relacionados com o processo de tradução – nomeadamente processos que incluam a utilização da tradução automática, ou seja, o processo de tradução com pós-edição – e aspetos relacionados com o processo de revisão. Desta forma, será possível fazer-se uma análise comparativa entre estes três processos e tentar chegar a uma resposta para a questão deste ponto. Para esse efeito, servirão maioritariamente de apoio os livros *The Routledge Companion to Translation Studies* (2009) e *Handbook of Translation Studies* (2010), com enfoque nos capítulos *Translation as a Cognitive Activity* (Albir & Alves, 2009, pp. 54-74), do primeiro livro, e *Translation Process*, do segundo livro (Dimitrova, Translation process, 2010, pp. 406-412), a propósito dos quais farei referência aos autores mais pertinentes no que toca aos processos de tradução. Para o processo de tradução com pós-edição, serão sobretudo explorados os trabalhos de Jeffrey Allen, *Post-Editing* (2003), e de H. P. Krings, *Repairing Texts: Empirical Investigations of Machine Translation Post-editing Process* (2001). Por fim, relativamente ao processo de revisão, os trabalhos mais relevantes serão *Revision* (Mossop, 2011), *The GREVIS Project: Revise or Court Calamity* (Brunette, Gagnon, & Hine, 2005) e *Translation Revision: Correlating Revision Procedure and Error Detection* (Ipsen & Dam, 2017).

1.1.1. O processo de tradução

De acordo com Dimitrova (2010, p. 406) o processo de tradução pode ser definido como “the cognitive activity of producing a target text in one language, based upon a source text in another language”. Estas atividades cognitivas são descritas como “complexas”, uma vez que, para além de exigirem uma compreensão inicial do texto de partida, requerem ainda a produção de um texto – a tradução – na língua de chegada. Dimitrova afirma ainda que o processo de tradução está dividido em três fases distintas: “an initial phase of planning, orientation and reading, a phase of drafting or generating the target text, and a revision phase” (Dimitrova, 2010, p. 409). Estas três fases são a base de muitos modelos descritivos do processo de tradução, alguns deles a serem referidos posteriormente.

Um dos autores referidos por Dimitrova, Lörscher (2002), afirma que este processo cognitivo envolve estratégias para a resolução de problemas de tradução encontrados numa primeira fase desta tarefa, bem como um subprocesso de tomada de decisões que irá permitir obter uma espécie de primeira versão daquela que será a tradução final. Relativamente às estratégias de tradução utilizadas durante este processo, Lörscher afirma que têm início “in the realization of a problem by a subject, and their termination in a (possibly preliminary) solution to the problem or in the subject’s realization of the insolubility of the problem at the given point in time” (Lörscher, 2002, p. 99). Depois de utilizadas as estratégias de resolução de problemas que se aplicam a uma certa tradução e feitas as devidas correções, pode dar-se por concluída a primeira versão da tradução. Caso esta primeira versão não seja considerada completamente adequada, por exemplo devido a estruturas que não soem naturais na língua de chegada, o tradutor poderá ter de produzir várias versões para conseguir obter o resultado final.

Um outro autor mencionado no artigo de Dimitrova é Hansen (2013), que descreve o processo de tradução como tudo o que acontece desde que o tradutor começa a trabalhar no projeto a si atribuído, até ao momento em que termina a produção do texto de chegada. Hansen afirma que este processo envolve todos os passos seguidos pelo tradutor, incluindo as alturas em que recorre a qualquer tipo de apoio à tradução e os subprocessos de tomada de decisões e de resolução de problemas, estes últimos também abordados por Lörscher. Além disso, para Hansen o processo de tradução envolve ainda

as correções realizadas ao longo da tarefa de tradução, equivalentes aos processos de revisão (tanto durante a tradução, como no final da primeira versão) utilizados pelos tradutores nos seus próprios trabalhos. É ainda interessante notar que Hansen menciona a importância de entender o que vai na cabeça dos tradutores durante o processo de tradução, de forma a desenvolver e melhorar os sistemas de tradução automática. Neste sentido, pode inferir-se que a utilização da tradução automática irá já englobar alguns dos passos que os tradutores sem este tipo de apoio seguem durante o seu processo normal de tradução, tornando o processo de tradução com tradução automática ligeiramente diferente de um processo no qual os textos sejam integralmente traduzidos de raiz.

Albir e Alves (2009), no seu artigo sobre a atividade cognitiva durante o processo de tradução, exploram alguns dos principais modelos de análise do processo de tradução, dos quais será referido o modelo interpretativo da tradução.

Foram Seleskovitch e Lederer (1984) as precursoras do modelo interpretativo, um modelo pensado originalmente para o contexto da interpretação simultânea e consecutiva, mas que passou também a incluir fortemente a tradução escrita. As autoras do modelo dividem-no em três fases: compreensão, desverbalização e reexpressão. Na primeira fase o objetivo é entender o sentido do texto de partida através de todos os elementos linguísticos e não-linguísticos, de forma a que corresponda àquilo que o texto de partida pretende transmitir originalmente; a segunda fase é o resultado da fase de compreensão e o início da fase de reexpressão, no qual se desverbaliza o sentido compreendido na fase anterior; e a última corresponde à fase em que se associam os conhecimentos linguísticos com os não-linguísticos, até à verbalização na língua de chegada daquilo que foi escrito originalmente (Albir & Alves, 2009). Por fim, Albir e Alves acrescentam ao modelo interpretativo uma última fase, proposta por Jean Delisle no artigo *L'analyse du discours comme méthode de traduction*, em 1980, que consiste numa espécie de processo de revisão. Nesta fase do processo de tradução, é exigida ao tradutor uma segunda interpretação, esta com foco na primeira versão do texto de chegada produzida pelo tradutor. O objetivo é garantir que o texto de chegada expressa exatamente o sentido que o texto de partida pretende transmitir.

Explorados estes modelos do processo de tradução, é possível perceber que este processo consiste, resumidamente, num processo de leitura e interpretação, de resolução

de problemas – no qual são utilizadas estratégias específicas para a sua resolução – e de tomada de decisões, ainda acompanhado ou seguido de um processo de autorrevisão²⁶ com o objetivo de zelar pela qualidade da tradução produzida.

Apesar de o processo de tradução poder variar de pessoa para pessoa, uma vez que nem todas as pessoas utilizam as mesmas estratégias de tradução, nem pensam da mesma forma enquanto traduzem, as etapas do processo de tradução mencionadas acima são essenciais para que seja possível produzir uma tradução de qualidade. Por exemplo, se um tradutor decidir passar à frente o primeiro passo do processo de tradução, a leitura e interpretação do texto de partida, e começar a traduzir o texto imediatamente, está sujeito a que, mais à frente, se aperceba de que a tradução que fez até então não corresponde ao sentido pretendido originalmente, tendo de voltar a traduzir parte do que já tinha feito e, desta forma, perder tempo desnecessário e diminuir a sua produtividade. O mesmo acontece se o tradutor decidir ignorar a fase de autorrevisão, podendo entregar ao cliente uma tradução de fraca qualidade, com gralhas, erros ortográficos ou falhas na interpretação, por exemplo.

1.1.2. O processo de tradução com pós-edição

O termo pós-edição refere-se, resumidamente, à edição de texto traduzido por sistemas de tradução automática. Uma definição possível poderá ser “the act of correcting a translation proposal (from a single word or character to a complete document)” (Silva, 2014, p. 26) e uma outra, com enfoque no que será o trabalho de um pós-editor, “the post-editor is to edit, modify and/or correct pre-translated text that has been processed by an MT system from a source language into (a) target language(s)” (Allen, 2003, p. 297). Ambas as definições são semelhantes, mostrando que se trata de um processo de correção que pode implicar a modificação de frases ou textos integralmente, caso a qualidade da tradução automática seja muito fraca.

²⁶ Daqui em diante, para tornar a leitura mais simples, será utilizado o termo autorrevisão (*self-revision*) – um termo utilizado por autores como Mossop (2011), Robert e Waes (2014) e Ipsen e Dam (2017) – quando se estiver a fazer referência à revisão realizada pelo próprio tradutor que fez a tradução. O termo “revisão”, por outro lado, será utilizado quando se pretender mencionar o processo de revisão levado a cabo por um tradutor/revisor que não aquele que fez a tradução.

Apesar de haver um certo consenso no que toca à definição de pós-edição, vários trabalhos ainda têm visões diferentes relativamente a este ser ou não um processo à parte da tradução. Tal se observa, por exemplo, através do artigo *Translating by post-editing: Is it the way forward*, escrito por Ignacio Garcia, em 2011, no qual logo a partir do título se pode inferir que a pós-edição é uma forma de tradução; também através do *website* da SDL, no qual é explicado que “Post-editing replaces conventional translation for MT projects”²⁷, é mostrado que a pós-edição efetivamente substitui os métodos de tradução convencionais, mas não implica que este seja um processo à parte da tradução; e, por fim, o exemplo encontrado em *Computers and Translation: A translator's guide*, no capítulo sobre pós-edição, no qual o autor afirma que “post-editing is a different task from translating or revising” (Allen, 2003, p. 298). Uma vez que no contexto do estágio na SDL era normalmente utilizada a expressão “tradução com pós-edição” para se fazer referência a projetos nos quais era necessário editar segmentos com tradução automática e porque o trabalho de pós-edição raramente descarta por completo um trabalho de tradução, neste relatório o termo pós-edição será utilizado como sendo apenas um processo de tradução não convencional.

De acordo com Krings, um dos autores mais relevantes na área da pós-edição, existem duas formas possíveis de pós-edição: uma delas focada no texto gerado pelo sistema de tradução automática, pelo que o tradutor apenas recorre ao texto de partida quando a tradução automática for problemática (um pouco do que acontece em alguns processos de revisão) e uma outra com enfoque no texto de partida, na qual o texto gerado pelo sistema de tradução automática será utilizado na tradução que o tradutor estiver a fazer de raiz, apenas quando for necessário (Krings, 2001).

O processo de pós-edição existe, então, como uma mistura entre o processo de tradução e o processo de revisão (que, por sua vez, também têm aspetos em comum), embora as semelhanças com o processo de revisão sejam mais evidentes. Tal como o processo de tradução, o processo de pós-edição também deve englobar o processo de leitura e interpretação do texto de partida, de forma a que não sejam ignoradas omissões ou traduções incorretas por parte do sistema de tradução automática. Contudo, a leitura e interpretação do texto de partida pode não ser feita logo no início do processo de pós-

²⁷ Esta e outras informações sobre pós-edição podem ser encontradas no *website* da SDL em <https://www.sdltrados.com/learning/training/post-editing-machine-translation.html>

edição, visto que, a partir do texto gerado pela tradução automática, a pessoa que estiver encarregada de o editar pode facilmente aperceber-se de falhas de interpretação, por exemplo, sem ter de ler o texto gerado pela tradução automática logo no início do processo de pós-edição. Além disso, comum também ao processo de revisão está a fase de resolução de problemas através da aplicação de estratégias relevantes. Contudo, a procura e a resolução de problemas estarão mais focadas no texto produzido pelo sistema de tradução automática e não no texto de partida, como acontece no processo de tradução, no qual o tradutor tem de traduzir textos de raiz.

Por fim, a autorrevisão, um subprocesso do processo de tradução, é também parte do processo de pós-edição, uma vez que, no fim da tradução com pós-edição, o tradutor/pós-editor deve certificar-se de que as suas correções e edição do texto são consistentes e tornam o texto fluido e de qualidade, antes de a tradução final ser alvo de revisão por parte de outro tradutor.

Além de alguns passos do processo de pós-edição serem semelhantes aos passos do processo de tradução, o processo de pós-edição é também muito semelhante ao processo de revisão, como aliás foi já referido anteriormente. De acordo com Ana Costa (2018), “A pós-edição segue os ideais da revisão, uma vez que a primeira tem como objetivo a correção de conteúdo, neste caso produzido por sistemas de tradução automática, de modo a atingir um nível de qualidade aceitável”. Não deixando de ser um processo parecido com o da tradução, um dos maiores objetivos da pós-edição é, de facto, a correção de conteúdo, como acontece na revisão. Ainda no que toca às correções feitas durante este processo, Dimitrova (2005, p. 31) afirma que o tradutor/pós-editor tem duas formas de resolver algum segmento que se mostre mais problemático: reescrevê-lo na íntegra ou apenas revê-lo. Não existindo nenhuma forma de pós-edição considerada a melhor, o tradutor/pós-editor pode escolher aquela que achar mais adequada para que a sua tradução final tenha o máximo de qualidade possível.

1.1.3. O processo de revisão

Relativamente ao processo de revisão, trata-se de um processo essencial para o controlo de qualidade da tradução, de forma a garantir que a tradução final é enviada ao

cliente sem qualquer tipo de erros. Como já mencionado anteriormente, revisão, no contexto deste relatório, abrangerá apenas o tipo de revisão no qual uma pessoa que não o tradutor que realizou a tradução em questão analisará esse texto com o intuito de detetar erros (por exemplo gramaticais e de interpretação) e de garantir a máxima qualidade possível.

Apesar de ainda não haver uma definição consensual e de serem necessárias mais investigações nesta área (Brunette, Gagnon, & Hine, 2005), existem várias tentativas de definição do termo “revisão”. Mossop (2011, p. 1), por exemplo, define revisão como “the process of looking over a translation to decide whether it is of satisfactory quality, and making any needed changes”. Por sua vez, Ipsen e Dam, num artigo mais atual, definem revisão como:

The process by which a person other than the translator checks a translation for errors and makes any necessary corrections in order to prepare the translation for delivery to the client. Note that this definition excludes revision of non-translated texts, sometimes referred to as ‘editing’ or ‘reviewing’

(Ipsen & Dam, 2017, p. 143)

Como se pode observar, as duas definições são semelhantes, sendo a definição de Ipsen e Dam apenas mais completa no que toca ao objetivo final da revisão – o de entregar uma tradução de qualidade ao cliente – e à exclusão da revisão de textos não traduzidos. É de notar que estes últimos autores definem revisão conforme o contexto do seu trabalho, sendo que, apesar de a sua definição, no geral, corresponder à definição de outros autores relevantes como Mossop, outros estudos nem sempre referem a revisão como um processo no qual uma pessoa que não o tradutor deve rever a tradução, mas sim, por exemplo a um processo de revisão realizado pelo próprio tradutor, muitas vezes denominado autorrevisão.

A este propósito, é também importante fazer-se referência à Norma ISO 17100:2015, que propõe a sua própria definição de revisão e esclarece qual deve ser o papel do revisor que trabalhe em conformidade com esta Norma. Segundo o seu ponto 2.2.5, “[revision is a] bilingual examination of target language content against source language content for its suitability for the agreed purpose” (International Organization for Standardization, 2015). De acordo com esta definição, é exigida uma revisão bilingue

(conceito a ser explicado mais aprofundadamente em seguida), uma exigência que não é feita nas definições dadas por Mossop e Ipsen e Dam. Em comum com a definição de Ipsen e Dam, contudo, está a exigência feita no ponto 5.3.3 da Norma, que diz que o revisor tem de ser alguém que não o tradutor.

É interessante notar que o revisor será, normalmente, a primeira pessoa, além do próprio tradutor, a ler e analisar a tradução realizada e, por isso, pode até ser considerado um leitor “especial”. Segundo Scocchera (2017) o revisor destaca-se como leitor por desempenhar dois papéis distintos enquanto lê o texto pela primeira vez: o de leitor “ingênuo” e o de leitor “profissional”. Ingênuo, por estar a ser exposto pela primeira vez àquele texto, não tendo nenhuma opinião prévia sobre ele, como qualquer outro leitor; e profissional, por ter de analisar o texto profundamente de forma a detetar qualquer tipo de problema que possa diminuir a qualidade da tradução.

Assim sendo, relativamente aos problemas a que um revisor normalmente tem de estar mais atento para proceder a correções, destacam-se:

(...) sentences that don't make sense, omissions, unidiomatic language, awkwardly constructed sentences, a word whose level of language is not consistent with the rest of the text, incorrect terminology or failure to use the client's preferred terms, paragraph divisions that are not suitable in the target language and much more

(Mossop, 2011, p. 137)

À exceção das omissões, os restantes problemas mencionados podem ser encontrados ao ler, simplesmente, o texto de chegada. No entanto, é sempre preferível que o revisor alterne entre uma revisão monolíngue e uma revisão bilingue. Isto é, que alterne entre um processo de revisão focado apenas no texto de chegada e um processo de revisão que inclua tanto uma análise do texto de chegada como uma análise do texto de partida. Como forma de exemplo, se o revisor optar por realizar apenas uma revisão monolíngue, poderá deixar escapar certas omissões que o tradutor possa ter feito, como já observado acima. Além disso, não comparando o texto de chegada com o texto de partida, poderá deixar passar erros de interpretação, uma vez que não tem nenhum conhecimento do texto de partida. A abordagem bilingue permitirá, portanto, que a versão final da tradução seja de melhor qualidade. Segundo um estudo realizado por Brunette et al. (2005, p. 43), no qual a revisão bilingue provou dar origem a traduções de “qualidade

superior” e ser o único processo “rentável” e “indispensável para a tradução”, é ainda salientado que a revisão monolíngue mostrou ser “an irrational practice, even less helpful than no revision”, devendo ser feita apenas em contextos específicos, por exemplo quando o revisor não tem tempo suficiente para comparar os dois textos.

Quanto à ordem que o revisor deve utilizar durante o processo de revisão – primeiro a leitura do texto de partida e depois a leitura do texto traduzido ou vice-versa – Ipsen e Dam (2017) afirmam que é uma escolha muito importante para que se consiga obter uma tradução de qualidade. Num estudo realizado pelas autoras em 2017, com vista a encontrar “the optimal order of monolingual and comparative operations” (p. 145) foi possível concluir que o resultado da revisão pode ser afetado pelo texto em que os revisores se concentram inicialmente. Neste estudo, demonstrou-se que os revisores que inicialmente se focavam no texto de partida obtiveram resultados mais baixos a nível de deteção de erros do que aqueles que inicialmente se concentravam no texto de chegada. É, portanto, um dos aspetos que os revisores podem ter em conta durante o processo de revisão, uma vez que, em alguns casos, o texto de partida pode influenciar o revisor em termos de estruturas frásicas da língua de partida, por exemplo, que poderá fazer com que o revisor ignore certos erros do texto de chegada.

Mais especificamente relacionadas com o processo de revisão, estão por exemplo as diretrizes da Direção-Geral da Tradução (DGT) da Comissão Europeia, que visam garantir a qualidade das traduções e algumas notas relevantes que tirei durante uma formação sobre revisão a que pude assistir durante o estágio na SDL.

As diretrizes propostas pela DGT têm como objetivo “clarify the purpose, risks and specific quality requirements of the various texts we translate” (European Commission, 2015). Neste contexto, são referidos três aspetos considerados essenciais para o processo de revisão: não deixar escapar nenhum erro, não corrigir aquilo que não está errado e não introduzir erros. Apesar de parecerem aspetos básicos, nem sempre são seguidos por todos os revisores, sobretudo no que toca a “não corrigir aquilo que não está errado”. Muitos revisores tendem a embelezar a tradução, tendo em conta apenas as suas preferências pessoais. Para além de esse procedimento não se enquadrar em nenhuma das definições de revisão aqui analisadas, uma vez que essas modificações não são necessárias nem consistem em correções de erros, pode fazer com que o tradutor sinta

que o trabalho “não é seu”, ou seja, sendo o tradutor por si só já “invisível”²⁸ quando faz as suas próprias traduções, com a sobreposição das preferências do revisor, o tradutor passa a ser ainda mais impercetível, podendo até sentir-se desmotivado. Esta referência ao trabalho de L. Venuti, *The Translator’s Invisibility*, é evidente e influenciadora de outros trabalhos como *O Escritor Invisível*, de Pinho, J. A., que também muito se debruça sobre a questão da desvalorização do trabalho do tradutor. Em suma, ignorar qualquer um dos três aspetos essenciais referidos pela DGT terá sempre consequências negativas, tanto a nível da qualidade da tradução, como a nível da motivação do tradutor, que poderá não ver o seu trabalho reconhecido.

No contexto da SDL, o processo de revisão tinha como principais objetivos fazer a tradução soar natural, não reescrever tudo sempre que não fosse estritamente necessário e detetar e corrigir gralhas, problemas de estilo e erros de interpretação. O revisor deveria começar o processo de revisão lendo e compreendendo as instruções que lhe tinham sido fornecidas (normalmente pelo cliente ou pelo *lead* da conta), entendendo qual o âmbito da revisão (se se tratava de uma revisão integral, por exemplo), tendo em atenção qual o público final e tendo em conta ficheiros de referência que pudessem conter informações úteis. Em seguida, deveria passar a uma análise comparativa entre o texto de chegada e o texto de partida, focando-se, sobretudo, na terminologia utilizada – se estaria em conformidade com as memórias de tradução, se o seu uso era consistente e se se tratava da terminologia mais adequada para o contexto –, em encontrar problemas que o cliente tivesse sugerido serem frequentes e possíveis omissões em que o tradutor pudesse ter incorrido. Por fim, o revisor deveria proceder às alterações estritamente necessárias para garantir a qualidade da tradução e só aí a tradução ficava pronta a enviar ao cliente.

1.1.4. Exemplos práticos

De forma a, posteriormente, poder fazer-se uma comparação entre o processo de tradução sem tradução automática e o processo de tradução com tradução automática, serão dados exemplos mais práticos de como funciona este processo, baseados puramente

²⁸ Em referência ao artigo de Lawrence Venuti, *The Translator’s Invisibility*, publicado em 1986, no qual é explorada a ideia de que a personalidade do tradutor não deve ser percetível através da leitura de uma tradução, mas sim a personalidade do autor, sendo que quanto menos visível for a intervenção do tradutor, melhor será a tradução feita.

naquela que é a minha experiência pessoal com a tradução. Assim sendo, será primeiro mencionado o processo de tradução **sem** tradução automática.

Exemplo 1 – Processo de tradução sem tradução automática

CHINA

Up close and personal

Friday, May 13, 2005 Posted: 1013 GMT (1813 HKT)

(TIME) -- Developing close personal relationships or "guanxi" is an essential part of doing business in the People's Republic of China

When conducting business in China, always abide by the Confucian principles of showing humility, sincerity and courtesy in dealing with others and be sensitive to the concept of saving face.

Never criticise or question counterparts in front of others and be aware that the Chinese find it difficult to say no, as this is seen to entail a loss of face.

Establishing business contacts can be a challenge for the foreigner. Try to find a third party or intermediary, such as a small business association, to introduce you to potential business partners.

Figura 9 – Exemplo de um texto de partida posteriormente traduzido no contexto da unidade curricular de “Tradução de Inglês-Português” no Mestrado em Tradução da FLUC.

Primeiro passo – Leitura do documento com o texto de partida. Durante a leitura, começo já a traduzir mentalmente algumas expressões e a sublinhar outras que poderão ser problemáticas. Quando necessário, é nesta altura que faço alguma pesquisa sobre por exemplo o *website* no qual a tradução será publicada. Após estar segura de que entendi qual o sentido que o texto de partida pretende transmitir, passo à próxima fase.

Segundo passo – Início da produção textual. Neste passo, por já ter sublinhado expressões que sabia poderem ser problemáticas, como “Up close and personal”, “saving face”, ou “loss of face”, passo à frente aquelas que forem “independentes”, como “Up close and personal”, ou seja, aquelas que não são essenciais para a compreensão de mais do que uma oração. Como não tenho acesso à tradução automática, a tradução do texto de partida é feita frase por frase, de raiz. Para palavras das quais desconheço o significado, ou que não me esteja a lembrar da correspondência para português, procuro o respetivo significado em dicionários *online*, normalmente bilingues.

Terceiro passo – Depois de concluída a tradução da parte que considero mais acessível, passo à resolução dos problemas que encontrei anteriormente. Neste caso, a resolução destes problemas passa por uma pesquisa mais profunda sobre as expressões que me suscitaram dúvidas. Esta pesquisa pode englobar, por exemplo, dicionários monolíngues. Depois de resolvidos os problemas encontrados, posso dar início ao último passo.

Quarto passo – Este passo consiste numa leitura atenta do texto de chegada que acabei de produzir. Nesta leitura tenho principalmente em conta questões como a naturalidade e a fluidez do texto de chegada, mas também questões relacionadas com possíveis gralhas. Neste passo dou especial atenção às expressões ou estruturas que tenha achado problemáticas no passo anterior, para me certificar de que as decisões que tomei foram as mais corretas. Em seguida, faço as correções que achar pertinentes e dou por concluída a tradução.

No que toca ao processo de tradução **com** tradução automática (**pós-edição**), pode ser observado o seguinte:

Exemplo 2 – Processo de tradução com tradução automática

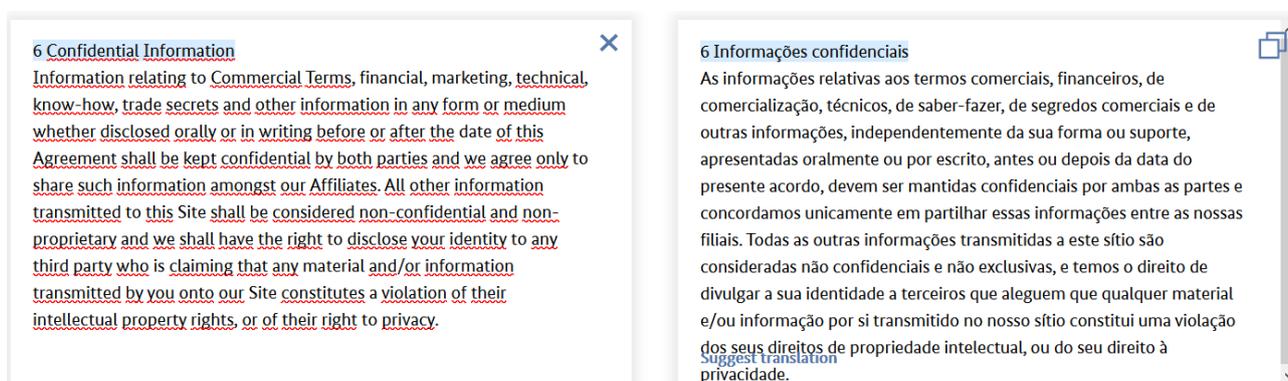


Figura 10 – Exemplo de um texto traduzido no contexto da unidade curricular de “Tradução de Inglês-Português” do Mestrado em Tradução da FLUC. Do lado esquerdo, um excerto do texto original e do lado direito a tradução automática desse mesmo excerto, pelo sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia.

Primeiro passo – Tal como no processo de tradução sem tradução automática, procedo à leitura do texto de partida de forma a entender de uma forma geral de que trata o texto. Também neste passo começo a apontar eventuais expressões que possam ser problemáticas. Como se trata de um texto com vocabulário mais técnico e com expressões que provavelmente já terão uma tradução definida na língua de chegada, como “non-

proprietary”, sublinho estas expressões para, quando estiver a ler o texto traduzido com tradução automática, estar mais atenta a estes possíveis problemas.

Segundo passo – Leitura do texto traduzido com tradução automática, frase por frase, de modo a verificar se a tradução contém erros e se corresponde àquilo que é pretendido no texto de partida. Este passo funciona como um processo de revisão e só procedo à tradução de certas frases de raiz se o seu sentido em nada corresponder ao sentido do texto original. Caso contrário, corrijo apenas as expressões ou estruturas que não achar as mais adequadas para o contexto. Muitos dos termos traduzidos pela tradução automática estão corretos. Contudo, para me certificar de que são aqueles que mais se adequam ao contexto (como “know-how” traduzido por “saber-fazer”, ou “disclosed” traduzido por “apresentado”), ou para encontrar termos sinónimos que penso serem mais adequados, recorro a dicionários de sinónimos ou pesquisa as traduções dos termos, como “saber-fazer”, para verificar se a palavra é comumente utilizada por fontes seguras.

Terceiro passo – Como a tradução automática do excerto é de razoável qualidade, a maioria dos problemas que surgiram nos passos anteriores foi já sendo resolvida durante o segundo passo. Não foi necessária nenhuma pesquisa mais profunda sobre uma expressão específica. Portanto, neste passo, concentro-me apenas nas soluções que encontrei para os problemas anteriores, para me certificar de que foram, efetivamente, as mais corretas.

Quarto passo – Por último, procedo a um processo de revisão mais geral, uma vez que, com a tradução automática, o processo consistiu já, sobretudo, na revisão do texto. Esta última revisão, contudo, serve para me certificar de que o texto é fluido e de fácil leitura e também para verificar se ainda persistem gralhas ou qualquer outro tipo de incorreções. É de notar que, como apenas precisei de proceder à pós-edição da tradução gerada pelo sistema de tradução automática, fui já fazendo algumas modificações nas estruturas fráscas, para que o texto soasse o mais natural possível na língua de chegada. Por fim, realizei as alterações necessárias, resultantes da última leitura pormenorizada do texto de chegada.

Em seguida serão apresentados os passos do processo de revisão, usando uma tradução feita por uma colega do mestrado:

Exemplo 3 – Processo de revisão

3. How to use ZACIN CREAM

Always use this medicine exactly as your doctor or pharmacist has told you. Check with your doctor or pharmacist if you are not sure.

ZACIN should be applied to the affected area 4 times a day, with a gap of at least 4 hrs between each application.

A small amount of cream (about the size of a pea) should be rubbed onto the area to be treated with your fingers. Make sure that all the cream is rubbed in so it is no longer visible.

Wash your hands immediately after application of ZACIN, unless you are treating arthritic hand joints, when you should wait 30 minutes before washing your hands.

Figura 11 – Excerto de um texto de partida utilizado no contexto da unidade curricular de “Tradução de Inglês-Português” do Mestrado em Tradução da FLUC.

3. Como utilizar Neodor creme

Utilizar Neodor creme sempre de acordo com as indicações do médico. Fale com o seu médico ou farmacêutico se tiver dúvidas.

Neodor creme deve ser aplicado na área afetada 4 vezes por dia, com uma diferença de pelo menos 4 horas entre cada aplicação.

Aplique uma pequena quantidade (do tamanho de uma ervilha) de creme, com a ajuda dos dedos, na área afetada. Certifique-se que o creme está devidamente espalhado.

Lave imediatamente as mãos depois da aplicação de Neodor creme, exceto no tratamento de artroses. Nesse caso, as mãos devem ser lavadas 30 minutos depois da aplicação.

Figura 12 – Excerto de uma tradução realizada por uma colega do mestrado.

Primeiro passo – Começo por fazer uma revisão monolíngue, ou seja, focada no texto de chegada, de forma a não ser influenciada por certas expressões do inglês. O objetivo é encontrar estruturas que soem pouco naturais em português, que sejam inconsistentes com o restante texto, ou qualquer outro problema mais relacionado com aspetos gramaticais e nem tanto com possíveis interpretações erradas do texto de partida, por exemplo. Neste texto, é um exemplo de inconsistência a utilização do imperativo, como em “aplique” e “fale”, e do infinitivo, como “utilizar”, simultaneamente, pelo que é necessário escolher entre o modo verbal de imperativo, ou a forma nominal de infinitivo.

Como se trata de um problema mais simples, decido já neste passo que alterarei apenas a única palavra que se encontra no infinitivo, “utilizar”, para o modo imperativo, “utilize”. Além disso, para melhorar a fluidez do texto, coloco a expressão que se encontra entre parêntesis, “(do tamanho de uma ervilha)”, a seguir à palavra “creme”, ficando “uma pequena quantidade de creme (do tamanho de uma ervilha)” e assim assegurando uma leitura mais simples. Por fim, acrescento a preposição “de” a “certifique-se”, uma vez que a regência do verbo exige essa preposição.

Segundo passo – Depois de resolvidos os problemas mais visíveis, passo a fazer uma análise mais aprofundada do texto de chegada, ao mesmo tempo que o vou comparando com o texto de partida. É nesta fase que decido se expressões que me chamaram à atenção, como “30 minutos depois da aplicação”, em vez de “30 minutos após a aplicação” ou “exceto no tratamento de artroses”, em vez de “durante o tratamento/se estiver a tratar de artroses”, devem ser alteradas ou se apenas consistem em preferências pessoais, não necessitando de ser alteradas. Também aqui confirmo se vocabulário mais específico, como “arthritic hand joints”, está traduzido conforme fontes seguras, uma vez que “artrite” e “artrose”, tanto em português como em inglês, têm significados distintos. Procedo às devidas correções, tendo sempre em mente que não devo fazer alterações preferenciais se não forem estritamente necessárias.

Terceiro passo – Faço uma nova leitura do texto de chegada, já com as minhas correções aplicadas, de forma a confirmar que não existe mais nenhum problema que comprometa a qualidade da tradução. Em seguida, para terminar, faço também uma nova leitura comparativa do texto de partida e do texto de chegada, frase por frase, mais uma vez para me assegurar de que não ignorei nenhuma omissão ou alguma falha na interpretação do texto de partida. Caso tenha persistido algum problema, procedo à sua resolução e termino o processo de revisão.

1.1.5. Conclusões

A partir da análise dos processos de tradução, de tradução com pós-edição e de revisão feita na secção **1.1** deste capítulo, pode observar-se que os três processos partilham de várias características, sobretudo estes dois últimos, que se centram,

principalmente, na correção de erros. É devido a estas semelhanças que se coloca a questão “O tradutor como novo revisor?”, o título desta secção, para a qual se tentará obter uma resposta neste ponto. É importante notar, no entanto, que apesar de o processo de tradução com pós-edição se aproximar muito do processo de revisão, esta aproximação dependerá fortemente do bom desempenho dos sistemas de tradução automática. Deste modo, o processo de tradução com pós-edição estará tanto mais próximo do processo de revisão quanto melhor for o desempenho do sistema de tradução automática e, por sua vez, tanto mais próximo do processo de tradução convencional, quanto pior for o desempenho do sistema de tradução automática. Isto deve-se ao facto de um bom sistema de tradução automática permitir que o tradutor/pós-editor não tenha de proceder a muitas alterações no texto por ele produzido, enquanto um fraco sistema de tradução automática, pelo contrário, muito provavelmente leva a que o tradutor/pós-editor tenha de proceder a várias alterações no texto por ele gerado, nomeadamente a tradução integral de certos segmentos.

Relativamente às semelhanças entre processos, verifica-se que os três partilham várias fases, mesmo que não se realizem pela mesma ordem:

1. Fase de leitura e interpretação do texto de partida

Durante o processo de tradução, o tradutor é obrigado a ler o texto de partida logo na fase inicial do processo, visto que é ele próprio que tem de fazer uma tradução de raiz. No que toca aos processos de tradução com pós-edição e de revisão, o tradutor/pós-editor pode escolher em que fase do processo pretende ler o texto de partida tendo em conta o método mais eficaz para si próprio, uma vez que já possui uma tradução pela qual se pode guiar. No entanto, é de notar que se se tratar de uma revisão monolíngue, o revisor não necessita de ler o texto de partida.

2. Procura e resolução de problemas

Enquanto nos processos de revisão e de tradução com pós-edição o enfoque estará mesmo nesta procura de possíveis problemas nos textos de chegada que o revisor e o pós-editor têm de analisar, de forma a poderem corrigi-los, no processo de tradução convencional, por sua vez, não haverá tanta necessidade de encontrar problemas, uma vez que irão surgindo ao longo da tradução. Além disso, a procura de problemas no processo de tradução convencional estará inicialmente mais centrada no texto de partida, por

exemplo relativamente a expressões ou vocabulário que o tradutor desconheça e que necessitem de uma pesquisa mais aprofundada. Pelo contrário, nos processos de revisão e de tradução com pós-edição a procura de problemas estará, inicialmente, mais vezes ligada ao texto de chegada. Os problemas encontrados neste contexto estarão sobretudo relacionados com a fluidez do texto e vocabulário, por exemplo, sendo, nestas ocasiões, necessária uma comparação entre o texto de chegada e o texto de partida. É ainda importante notar que a resolução de problemas nos processos de revisão e de pós-edição passará muito por apenas confirmar se certas palavras ou estruturas são as mais adequadas para o contexto correspondente, enquanto no processo de tradução convencional o tradutor terá de encontrar soluções “originais” para certas palavras ou estruturas presentes no texto original, uma vez que estará a lidar com um texto que nunca foi traduzido.

Nos três processos, contudo, após encontrar certos problemas, o tradutor ou revisor define estratégias para a resolução destes problemas, passando, em seguida, por um processo de tomada de decisões que lhe permitirá obter uma primeira versão final da tradução.

3. Autorrevisão

Uma vez que os processos de revisão e de tradução com pós-edição são já mais focados na revisão em si, o procedimento de autorrevisão dentro destes processos não será tão pormenorizado e extenso como poderá ser o procedimento de autorrevisão durante o processo de tradução convencional, caso o tradutor não proceda a nenhum tipo de autorrevisão durante o processo de tradução e o deixe exclusivamente para o final. Durante o processo de revisão, por exemplo, depois de ter já revisto a tradução, o revisor terá, então, de focar-se maioritariamente em possíveis inconsistências de vocabulário ou estruturas fráscas que possa ter deixado no texto de chegada, bem como em erros que possa ter introduzido involuntariamente. O processo de tradução com pós-edição terá enfoque em problemas semelhantes aos do processo de revisão, tendo o tradutor/pós-editor de se certificar de que o texto é de fácil leitura e que soará natural ao público de chegada. Por outro lado, o tradutor durante o processo de tradução convencional irá ter de fazer uma revisão mais complexa, uma vez que a primeira fase do processo de tradução está focada na tradução integral de frases e palavras e na construção de estruturas fráscas com sentido, não havendo uma dedicação tão grande à autorrevisão durante esse período.

As maiores diferenças entre o processo de tradução convencional e os processos de revisão e de tradução com pós-edição assentarão, sobretudo, na tradução integral de quase todo o texto, que acontece apenas no processo de tradução convencional. Apesar de a tradução integral de certas palavras ou segmentos poder ser necessária em qualquer dos processos, a frequência com que um revisor ou pós-editor terá de o fazer será muito menor do que a frequência com que um tradutor o fará. No caso do processo de tradução com pós-edição, a frequência com que o pós-editor terá de fazer traduções integrais no texto de chegada será apenas elevada se o desempenho do sistema de tradução automática for muito fraco. O mesmo acontecerá no processo de revisão, caso o tradutor responsável pela tradução tenha produzido uma tradução de fraca qualidade, podendo o revisor ter de traduzir frases de raiz.

Como se pode observar, apesar de os três processos terem muito em comum em termos de procedimentos, o processo de tradução mais convencional é o que mais se afasta dos processos de revisão e de tradução com pós-edição. Além disso, pode verificar-se que as semelhanças entre o processo de tradução convencional e o processo de tradução com pós-edição são quase todas as mesmas que o processo de revisão também partilha com o processo de tradução convencional, servindo como exemplo qualquer dos três pontos acima mencionados. Contudo, apesar de os processos de revisão e de tradução com pós-edição serem tão semelhantes, de partilharem vários passos que não são comuns ao processo de tradução e de o processo de revisão, por vezes, também exigir a tradução integral de certos segmentos, apenas o processo de tradução com pós-edição é considerado um processo de tradução, ainda que não convencional.

Assim sendo, a questão de “o tradutor como novo revisor?” estará relacionada com o nível de proximidade que a tradução com pós-edição terá com o processo de revisão. Exploradas as semelhanças entre estes dois processos, é ainda necessário explorar as suas diferenças, de forma a averiguar se são muito vincadas. É possível verificar que estas diferenças estarão sobretudo relacionadas com o tipo de problemas que um revisor ou pós-editor irá encontrar durante a fase da procura de problemas. Durante o processo de tradução com pós-edição, o tipo de problemas estará relacionado com os problemas da tradução automática no geral, tais como a tradução de frases longas e de frases ambíguas. Estes tipos de erros não serão tão comumente cometidos por tradutores, uma vez que se espera que tenham conhecimento do mundo, que os sistemas

de tradução automática não têm, que lhes permita traduzir frases ambíguas ou expressões idiomáticas sem dificuldade. De acordo com Koby (2001, p. 7), a tradução incorreta de certos segmentos por parte de sistemas de tradução automática será, no entanto, consistente ao longo do texto, pelo que o pós-editor poderá logo ter em atenção certo vocabulário ou certas estruturas durante o processo de tradução com pós-edição.

No que toca ao processo de revisão, os problemas do texto de chegada serão ligeiramente diferentes dos que surgem num texto gerado a partir de sistemas de tradução automática, sendo problemas relacionados, por exemplo, com dificuldades tradutivas ou distrações/falhas de memória de tradutores humanos. As falhas de memória, por exemplo, poderão levar a inconsistências ao longo da tradução por parte de um tradutor, um problema que não será tão frequente em sistemas de tradução automática. Koby (2001, p. 7) afirma que o revisor terá de estar atento principalmente a possíveis “omissões inadvertidas” (um erro que os sistemas de tradução automática com qualidade mais baixa também poderão cometer) e falhas de interpretação relacionadas com o texto de partida. Este tipo de problemas variará consoante as dificuldades dos tradutores responsáveis pelas traduções que terão de rever, problemas esses aos quais o revisor se poderá moldar se, por exemplo, tiver de rever, com alguma frequência, textos de um mesmo tradutor.

Neste sentido, pode ver-se que a maior diferença entre estes dois processos assentará, maioritariamente, no tipo de problemas a serem procurados. No entanto, tendo em conta que os progressos tecnológicos na área da tradução automática têm sido exponenciais ao longo desta última década, e considerando a possibilidade de que, no futuro, a qualidade dos sistemas de tradução automática seja tal que o pós-editor necessitará apenas de fazer algumas modificações a nível estilístico ou de registo no texto de chegada, será esta diferença entre processos o suficiente para que o processo de tradução com pós-edição seja um processo independente do processo de revisão? Como já vimos, o próprio processo de revisão pode ser visto de diferentes formas, como um processo de autorrevisão, por exemplo, ou como um processo de revisão por parte de outrem, processos esses que também terão como alvo diferentes tipos de problemas. Desta forma, e tendo em conta os progressos que se têm obtido a nível de tradução automática nos últimos anos, como aliás já foi referido, é uma possibilidade que o processo de tradução passe a ser mais frequentemente uma espécie de processo de revisão, passando o processo de tradução convencional a ser utilizado apenas em último recurso.

Pôde observar-se que a pós-edição ainda é considerada por muitos um processo de tradução, realizada por um tradutor, e que a existência de erros, que muito dificilmente deixarão de ser cometidos pelos sistemas de tradução automática, exige o olhar de um profissional experiente em tradução, por, frequentemente, ser necessário encontrarem-se soluções de raiz para a tradução de certos segmentos ou palavras. Assim sendo, para responder à questão “o tradutor como novo revisor?”, pode dizer-se que, mesmo que a nomenclatura utilizada para alguém que traduza com tradução automática seja a de tradutor ou de pós-editor, é evidente que a metodologia de trabalho por eles utilizada será, no entanto, essencialmente a metodologia de trabalho de um revisor. Neste sentido, e considerando a possibilidade de que a metodologia de trabalho de um tradutor só tenderá a aproximar-se ainda mais da metodologia de trabalho de um revisor enquanto as novas tecnologias se continuarem a desenvolver de uma forma tão rápida, a formação de novos tradutores deverá sobretudo incidir numa abordagem mais ligada à procura e correção de erros, do que numa abordagem ligada à procura de vocabulário e estruturas equivalentes às do texto de partida. No contexto da evolução de ferramentas eletrónicas como a tradução automática, Hansen (2013) afirma que “text revision will become increasingly important, especially as machines can never be made liable for translation errors”, estando aqui demonstrada a relevância que a revisão e interação de humanos e máquinas ganhará nos próximos anos e a possível sobreposição do processo de revisão ao processo de tradução em várias áreas e setores.

II. As tendências deformadoras na tradução automática

Neste capítulo pretende-se, inicialmente, dar a conhecer a análise proposta por Antoine Berman em *Translation and the Trials of the Foreign* (2000), relativamente à deformação textual resultante da tradução, uma análise denominada pelo autor como *analytic of translation* (analítica da tradução²⁹). O objetivo desta exposição inicial será uma posterior análise de excertos traduzidos através dos sistemas de tradução automática

²⁹ Para facilitar a leitura do texto, a minha proposta de tradução, “analítica da tradução”, será utilizada ao longo deste Relatório de Estágio, em vez da expressão original, “analytic of translation”

da presidência do Conselho da União Europeia e do Google Tradutor, segundo estas tendências deformadoras, de forma a poder verificar-se se, por exemplo, entre outros aspetos, a tradução automática tende a ser demasiado explicativa ou se reduz ou aumenta frases do texto de partida.

2.1. A analítica da tradução

Como mencionado acima, na breve introdução a este capítulo, Antoine Berman, no seu artigo *Translation and the Trials of the Foreign* (2000), propõe uma forma de análise textual direcionada à tradução, à qual dá o nome de “analítica da tradução”. No contexto desta análise, Berman afirma que todos os tradutores são, ainda que inconscientemente, influenciados por tendências ou forças deformadoras, que resultam numa tradução descentralizada do seu principal objetivo (Berman, 2000, p. 286). Neste sentido, a analítica da tradução tem como objetivo descobrir que forças são essas e encontrar as diferentes partes do texto traduzido em que foram involuntariamente aplicadas, de modo a “neutralize, or attenuate, the[se] negative tendencies” (Berman, 2000, p. 286). Só desta forma é possível que uma tradução não reprima a “essência individual” de um texto. Esta essência é, no entanto, mais própria de textos literários, e é sobretudo para esses que esta análise de Berman é concebida. Contudo, o conhecimento destas tendências, que muitas vezes não são óbvias para muitos tradutores, pode ser útil para qualquer tipo de tradução, nem que seja para o tradutor compreender melhor a forma como traduz. Além disso, na minha opinião, este conhecimento das deformidades textuais poderá até ser uma mais-valia para um revisor que esteja ciente delas, uma vez que lhe permitirá avaliar melhor se, à tradução que revê, fez modificações que poderão ser desnecessárias, como o enobrecimento do texto, ou a clarificação de segmentos que não precisavam de uma explicitação (exemplos de tendências deformadoras a enumerar em seguida).

Neste sentido, e realçando que algumas delas poderão ser sobretudo relevantes para a tradução de francês ou para certos espaços linguístico-culturais (Berman, 2000, p. 288), Berman enumera doze tendências deformadoras:

1. Racionalização

Esta tendência deformadora relaciona-se com a ordem discursiva, nomeadamente com a forma como as palavras podem ser reordenadas na frase. Berman afirma que esta tendência pode ocorrer “wherever the sentence structure is relatively free” (Berman, 2000, p. 288), ou seja, sempre que se trate de uma estrutura frásica que não tenha de obedecer apenas a uma ordem e que possa ser variável. Apesar de não influenciarem o sentido do texto, estas alterações, por vezes, são obrigatórias, uma vez que diferenças gramaticais entre as línguas o podem exigir. É o caso de os adjetivos em inglês estarem antes do nome, enquanto em português os adjetivos podem estar antes ou depois do nome (embora esta última forma seja mais comum), que fará com que, inevitavelmente, sejam feitas mudanças na ordem das palavras.

2. Clarificação

Como o nome indica, esta tendência relaciona-se com a explicitação de certos elementos, com o objetivo de tornar mais clara a mensagem a ser transmitida ao público de chegada. Isto pode acontecer, por exemplo, caso se trate de conteúdo tão específico a nível da cultura de partida, que o público de chegada não fosse capaz de compreender o seu significado, nem mesmo pelo contexto. Contudo, esta tendência para a clarificação de elementos textuais pode resultar na introdução de alterações que não deviam ser acrescentadas, “render[ing] “clear” what does not wish to be clear in the original” (Berman, 2000, p. 89). Por este motivo, Berman considera negativa esta forma de explicitação.

3. Expansão

Podendo ser um resultado das duas tendências deformadoras anteriores, a tendência para a expansão consiste em expandir texto na tradução que, originalmente, é mais curto. Berman explica este acontecimento como sendo “an unfolding of what, in the original, is “folded”” (Berman, 2000, p. 90). Normalmente não é acrescentado nada de novo, no sentido em que esta tendência não acrescenta significado ao texto, apenas o aumenta em tamanho, tornando-o, por vezes, menos claro. De acordo com Berman, este fenómeno é frequentemente denominado *overtranslation*, uma vez que se traduz mais do que o necessário. Esta tendência é, no entanto, por vezes necessária, visto que existem línguas que, como o português, são mais explicativas e que, por esse motivo, farão com que o texto traduzido seja inevitavelmente mais longo do que o texto de partida.

4. Enobrecimento e popularização

O enobrecimento consiste em reescrever, de forma mais elegante, o texto original. Relaciona-se com a tendência que o tradutor tem de embelezar o texto e que faz com que, muitas vezes, a essência do original não seja captada na tradução. Neste sentido, são feitas modificações sobretudo a nível de estética, cuja tentativa é a de tornar o texto mais belo. Por outro lado, Berman menciona também a tendência para a popularização, o oposto de enobrecimento, que ocorre quando o tradutor considera que um texto e a sua linguagem são muito “populares”, como afirma em

The logical opposite of ennoblement—or its counterpart—occurs in passages judged too “popular”: blind recourse to a pseudo-slang which popularizes the original, or to a “spoken” language which reflects only a confusion between oral and spoken. The degenerate coarseness of pseudo-slang betrays rural fluency as well as the strict code of urban dialects.

(Berman, 2000, p. 291)

5. Empobrecimento qualitativo

Como se pode inferir pelo nome, esta tendência resulta num texto mais pobre em termos de qualidade. Isto pode acontecer devido à tradução de certos termos ou expressões que, no texto de chegada, possuem um valor sonoro ou significativo inferior ao dos termos ou expressões do texto de partida. Berman defende que “the meaning can certainly be rendered, but none of the word’s phonetic-signifying truth” (Berman, 2000, p. 291). Um exemplo poderá ser a tradução de uma expressão ou conceito que não tenha tradução na língua de chegada, havendo necessidade de traduzir essa expressão ou conceito por algo semelhante em termos de sentido e perdendo-se, desta forma, o seu valor estético, por exemplo.

6. Empobrecimento quantitativo

O empobrecimento quantitativo está relacionado com a “perda lexical”. É uma tendência deformadora que torna os textos menos variados em termos de léxico. Com base nos exemplos fornecidos por Berman, tem-se, por exemplo, os sinónimos “cara”, “rosto” e “face” que, ao traduzirem-se para inglês por “face”, ao longo do texto, fará com que se perca uma grande variedade lexical. Berman afirma que uma tradução que não

respeite uma possível multiplicidade de sinónimos, resultará num texto “mais pobre” e “mais longo”, pelo que o tradutor deve, sempre que possível, utilizar sinónimos para as variações lexicais que um texto de partida possa apresentar.

7. Destruição de ritmos

Mais relacionada com a poesia está esta tendência deformadora de destruição de ritmos. Esta tendência, que provoca a perda do ritmo e da sonoridade de um texto, pode acontecer através de uma “arbitrary revision of the punctuation” (Berman, 2000, p. 292) ou de, por exemplo, mudanças na ordem das palavras que tornem o texto menos bonito em termos de sonoridade ou que resultem na perda de rimas. Esta será uma das tendências menos relevantes para uma análise focada na tradução técnica, por exemplo, uma vez que se trata de traduções não literárias cujo ritmo não será tão essencial. Por outro lado, poderá ser uma tendência muito relevante e até essencial no que toca à análise de traduções de *Marketing*, nas quais o ritmo e a sonoridade podem desempenhar um papel fundamental.

8. Destruição de redes subjacentes de significado

Berman afirma que existe um texto subjacente ao texto original que transporta uma rede de significantes ligados entre si. O autor considera esta rede como uma rede de “word-obsessions”, palavras como verbos, substantivos ou adjetivos, que o autor do texto de partida utiliza ao longo do texto para demonstrar a sua perceção pessoal das coisas, por exemplo, ou até para simplesmente demonstrar as suas preferências. Mesmo que estas palavras não tenham importância a nível de significado e até a nível estilístico, foram essas as escolhidas pelo autor do texto de partida e são essas que, para Berman, devem ser mantidas ao máximo no texto de chegada.

9. Destruição de padrões linguísticos

Esta tendência deformadora está relacionada com o tipo de frases e a construção frásica que o autor utiliza no texto de partida e que são traduzidas de uma forma que não corresponde à utilizada pelo autor do texto original. Estes padrões frásicos, segundo Berman, “may include the use of time or the recourse to a certain kind of subordination” (Berman, 2000, p. 293). O autor explica ainda que a racionalização, clarificação e expansão podem destruir os padrões frásicos do texto original, uma vez que introduzem elementos que, originalmente, não faziam parte do texto.

10. Destruição de redes vernáculas ou a sua exotização

A destruição de redes vernáculas consiste no apagamento da linguagem local, mais popular, durante o processo de tradução. De acordo com Berman, “vernacular clings tightly to its soil and completely resists any direct translating into another vernacular” (Berman, 2000, p. 294), pelo que a sua tradução danificará sempre o sentido do texto original. Berman afirma que esta deformação pode resultar do apagamento de diminutivos, que em português e alemão, por exemplo, correspondem apenas a uma palavra (como “cãozinho” e “Hündchen”), mas que em inglês correspondem a duas (como little dog); ou resultar da substituição de verbos por construções nominais, entre outros. O autor afirma ainda que pode ocorrer uma exotização do texto de chegada, quando, por exemplo, o tradutor decide não traduzir certos termos por não haver nenhuma correspondência adequada na língua de chegada, colocando essas palavras em itálico.

11. Destruição de expressões idiomáticas

A tradução de expressões idiomáticas da língua de partida por expressões idiomáticas equivalentes da língua de chegada resultará, inevitavelmente, na perda de certos elementos transmitidos pelo texto original. Por exemplo, a tradução do provérbio “kill two birds with one stone” pelo provérbio equivalente em português “matar dois coelhos de uma cajadada só”, embora transmita o mesmo sentido, não transmitirá a mesma imagética, uma vez que no original visualizam-se pássaros e pedras e na tradução visualizam-se coelhos e cajados.

12. Apagamento das sobreposições de línguas

Esta tendência deformadora está relacionada com casos em que, num texto, seja falado mais do que um dialeto ou estejam representadas variedades da mesma língua. Berman afirma que, ao suprimir esta variedade linguística, o texto tornar-se-á homogéneo e não captará certas nuances que o texto original pretende transmitir. Berman dá o exemplo de duas personagens do livro *The Magic Mountain*, de Thomas Mann, que comunicam entre si em francês, apesar de uma das personagens ser alemã e a outra russa. O autor refere que, sendo de nacionalidades diferentes, ambas as personagens falam de uma forma particular, pelo que esta particularidade deve ser mantida na tradução.

2.2. Análise de excertos com tradução automática de acordo com as tendências deformadoras

Os seguintes excertos dizem respeito a traduções realizadas no âmbito das unidades curriculares de “Tradução de Alemão-Português” e de “Tradução de Inglês-Português” do Mestrado em Tradução da FLUC. Os excertos foram traduzidos, alternadamente, a partir dos sistemas de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia e do Google Tradutor. É importante ter em conta que algumas traduções poderão não fazer sentido ou estarem parcialmente incorretas. Porém, o enfoque estará em procurar e assinalar as passagens que possam ter sido alvo de tendências deformadoras por parte do sistema de tradução automática.

Neste sentido, têm-se os primeiros exemplos de tradução:

Exemplos de Alemão-Português

1.

Wissen Sie, mit dem Übersetzen ist es genau so wie mit dem Autofahren: Es gibt Leute, die lernen es einfach nie. Und diese ‚Trockenschwimmkurse‘, diese ‚Einführungen in die Theorie‘, die helfen dem Unbegabten am allerwenigsten. Was wir brauchen, das ist Praxis: Übersetzen, übersetzen und nochmal übersetzen

Traduzir é exactamente como conduzir um carro: Algumas pessoas simplesmente nunca aprendem. E estes "cursos de natação seca", estas "introduções à teoria", são de menor ajuda para os sem talento. O que precisamos é de prática: traduzir, traduzir e traduzir novamente



Figura 13 – Excerto de uma tradução traduzida a partir do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

Imediatamente no início da tradução, pode observar-se que a expressão “Wissen Sie” (sabe) foi omitida. Como se trata de um sistema de tradução automática criado pela presidência do Conselho da UE, é possível que tenha sido configurado para ignorar elementos que não são imprescindíveis para a compreensão do texto e que apenas reforçam o seu carácter informal e as suas características associadas à oralidade. De

qualquer das formas, esta omissão pode enquadrar-se em, pelo menos, duas tendências deformadoras: empobrecimento quantitativo e destruição de ritmos. O empobrecimento qualitativo deve-se ao facto de haver uma certa perda lexical, uma vez que não está presente uma expressão do original, que podia ser traduzida por uma palavra apenas, e que faria uma grande diferença em termos de registo. Isto leva-nos à segunda tendência deformadora, a destruição de ritmos, visto que, omitindo esta expressão, o texto fica mais fraco em termos de ritmo e sonoridade.

A tradução de “Autofahren”, cuja tradução literal é “condução”, traduzida pelo sistema de tradução automática por “conduzir um carro”, é considerada por Berman o resultado de uma tendência deformada – a destruição de redes vernáculas. O motivo consiste no facto de “Autofahren” consistir num substantivo no texto original e de ter sido traduzido por um verbo mais um substantivo. Trata-se de um problema que será comum a muitas traduções do alemão, por ser uma língua na qual é frequente criarem-se palavras a partir da junção de outras palavras já existentes, cuja tradução para outras línguas ou não existe, ou então poderá não corresponder à mesma classe de palavras da palavra original, por exemplo. Além disso, a tradução de “Autofahren” por “conduzir um carro” torna o texto de chegada mais longo do que o texto original, estando aqui presente a tendência deformadora denominada expansão. Estas mesmas tendências deformadoras estão presentes na tradução de “Trockenschwimmkurs”, aulas de natação em seco, expressão traduzida literalmente por “cursos de natação seca” pelo sistema de tradução automática, pelos mesmos motivos mencionados acima.

2.

Sie packten mich am Arm und schleppten mich in den Biergarten.

Agarraram-me pelo braço e arrastaram-me para o jardim da cerveja.



Figura 14 – Excerto de uma tradução traduzido a partir do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

Neste exemplo, o termo *Biergarten*, que se refere a uma área ao ar livre na qual se servem bebidas, como cerveja, ou gastronomia típica da Alemanha, foi traduzido literalmente por “jardim da cerveja”. Esta seria uma situação em que, caso o tradutor pretendesse dar a conhecer um pouco da cultura alemã, esta expressão não seria traduzida,

mas apenas deixada em itálico, estando, nesse caso, presente a tendência deformadora relacionada com a exoticização de redes vernáculas. Como se trata de uma tradução produzida por um sistema de tradução automática, é natural que a expressão tenha sido traduzida literalmente, uma vez que pode não estar inserida no dicionário do sistema. Além disso, os sistemas de tradução automática geralmente omitem certas palavras, ou traduzem-nas literalmente quando não têm conhecimento do seu significado, não estando preparadas para deixarem expressões deste tipo por traduzir, nem as colocar em itálico.

Exemplos de Inglês-Português

1.

INGLÊS - DETECTADO

(TIME) -- In France, be prepared for a passionate business encounter.
The French are passionate about good food and wine.

PORTUGUÊS

(TIME) - Na França, esteja preparado para um encontro de negócios apaixonado.
Os franceses são apaixonados por boa comida e vinho.



Figura 15 – Excerto de tradução traduzido através do sistema de tradução automática Google Tradutor

No presente excerto, verifica-se a presença de apenas uma tendência deformadora: a racionalização. Berman afirma que a alteração da ordem das palavras na frase durante o processo de tradução conta como uma forma de racionalização. Esta alteração é visível na tradução de “passionate business encounter” por “encontro de negócios apaixonado”. Enquanto no texto original o adjetivo se encontra antes do nome – como, aliás, é obrigatório em inglês – no texto traduzido o adjetivo encontra-se depois do nome. Apesar de, em português, o adjetivo se encontrar, por norma, depois do nome, também é possível colocá-lo antes, embora a frase passe a soar de forma diferente. A utilização constante da

estrutura “adjetivo + nome” seria, no entanto, estranha para o público português, pelo que é natural o uso mais frequente da estrutura “nome + adjetivo”.

É interessante notar que o sistema de tradução automática respeita o uso específico da palavra “passionate”, traduzindo o termo de forma semelhante nos dois momentos em que aparece. A tradução produzida, “apaixonado/s”, não foi, portanto, influenciada pela tendência deformadora da destruição de redes subjacentes de significado, uma vez que mantém a preferência do autor em utilizar a mesma palavra em diferentes momentos do texto. Um tradutor humano poderia ter tendência a tornar o texto menos repetitivo, traduzindo, por exemplo, “the French are passionate about (...)” por “os franceses adoram (...)” e, como consequência, alterar um elemento que, para o autor do texto, poderia ser essencial.

Por fim, ainda relativamente a alterações mais propícias a serem feitas por tradutores humanos, tem-se a tradução de “(TIME)” (referente à revista TIME), por apenas “(TIME)”, quando poderia ter sido acrescentada a informação adicional “revista”, antes da palavra “TIME”. Apesar de poder ser necessário clarificar a que se refere a palavra em parêntesis, de forma a que o público de chegada consiga entendê-lo mais facilmente, esta clarificação não é feita pelo sistema de tradução automática, uma vez que é um sistema configurado para traduzir exclusivamente o texto que lhe é pedido, não tendo conhecimentos suficientes para acrescentar informações adicionais. Pelo contrário, os tradutores humanos, possuidores de um vasto conhecimento do mundo, têm tendência a acrescentar informação, sendo ela realmente necessária ou não. Se o sistema de tradução automática o tivesse feito, estaria aqui presente, então, a tendência deformadora designada por clarificação.

2.

Translators and interpreters are voracious and omnivorous people who are typically in the middle of four books at once, in several languages, fiction and nonfiction, technical and humanistic subjects, anything and everything.



Tradutores e intérpretes são pessoas vorazes e omnívoras que estão tipicamente no meio de quatro livros ao mesmo tempo, em várias línguas, ficção e não-ficção, assuntos técnicos e humanistas, tudo e mais alguma coisa.

Figura 16 – excerto de tradução traduzido a partir do sistema de tradução automática da presidência do Conselho da União Europeia

Como já mencionado no ponto anterior, relativamente às tendências deformadoras, Berman refere-se à tendência designada como empobrecimento qualitativo como sendo “the replacement of terms, expressions and figures in the original with terms, expressions and figures that lack their sonorous richness” (Berman, 2000, p. 291). Neste sentido, é possível observar esta tendência deformadora a partir da tradução de “voracious and omnivorous” por “vorazes e omnívoras”, uma vez que na tradução se perde a sonoridade do original.

Uma das últimas tendências deformadoras observáveis neste excerto é a destruição de expressões idiomáticas. Neste caso, não se trata de uma expressão idiomática em si, mas de uma colocação típica do inglês, “anything and everything”. A solução do sistema de tradução automática para este segmento foi a sua tradução por uma colocação equivalente em português, “tudo e mais alguma coisa”. Contudo, apesar de se manter o sentido que o texto de partida pretendia transmitir, perder-se-á sempre algum valor do texto original, nomeadamente o valor sonoro através da perda de rima (anything/everything). Além disso, para além de a tradução para português ser mais longa do que o texto original, estando conseqüentemente presente a tendência deformadora designada por extensão, perde-se também o ritmo da expressão original, estando, por isso, também presente a tendência deformadora denominada destruição de ritmos.

Algumas tendências deformadoras dificilmente estarão presentes na tradução automática, como a clarificação, uma vez que se trata de uma máquina que, ao contrário dos tradutores humanos, não possui qualquer conhecimento (autónomo) do mundo. Outras, como o apagamento da sobreposição de línguas, poderão estar mais presentes na tradução de textos literários, que, devido a todas as suas nuances, por norma, não são traduzidos por sistemas de tradução automática.

Em forma de conclusão, pode verificar-se que a tradução automática será menos alvo de tendências deformadoras que estejam mais relacionadas com preferências pessoais, e nas quais, por vezes, seja pretendida uma tradução mais direta e fiel ao original, como o empobrecimento qualitativo, e será mais alvo de tendências deformadoras relacionadas com a variedade lexical e com a sonoridade/ritmo dos segmentos, como o empobrecimento quantitativo e a destruição de ritmos. Isto acontece porque a tradução automática terá tendência para traduzir palavras sinónimas por uma só palavra com o mesmo significado e não terá em atenção expressões que possam ser ricas em termos de sonoridade, traduzindo-as apenas por uma qualquer palavra que equivalha à palavra original em termos de sentido.

Conclusões

Para terminar a redação deste relatório de estágio, procederei à exposição de algumas considerações finais, relacionadas com os resultados divulgados e com as conclusões que podem ser retiradas das três partes do relatório.

Por este ser um relatório de estágio, é essencial dar a devida importância à sua primeira parte, diretamente relacionada com o trabalho realizado durante o período de estágio. Uma das conclusões que posso retirar dessa experiência é que mostrou ser a melhor escolha a nível de preparação para o mundo de trabalho. Para além de me proporcionar uma perspetiva realista daquela que será uma grande parte do meu futuro – o mundo da tradução no contexto empresarial –, não deixei de ter a oportunidade de fazer um trabalho mais teórico, de pesquisa, como se pode observar após a leitura deste relatório. Neste sentido, sinto que o relatório de estágio envolve um pouco dos dois métodos de avaliação possíveis para a conclusão do mestrado: a dissertação e o trabalho de projeto. Semelhante ao que acontece na redação de uma dissertação, também para este relatório de estágio foi necessário propor uma tese e realizar algum trabalho de investigação nesse contexto; e, tal como acontece no trabalho de projeto, que possui uma vertente mais prática, também durante o estágio pude dedicar-me à prática da tradução, apesar de as traduções não terem sido escolhidas por mim. O estágio foi ainda uma forma de conseguir encontrar alguma área relacionada com a tradução pela qual me interessasse realmente: a tradução automática. E foi assim que surgiram as questões fundamentais deste relatório, a serem mencionadas nos parágrafos seguintes.

A partir dos capítulos sobre a contextualização histórica da tradução automática e as suas noções básicas/os seus problemas pode observar-se que os sistemas de tradução automática foram alvo de um desenvolvimento exponencial até aos dias em que nos encontramos. O que na década de 1950 não passava ainda de uma ideia, de uma possibilidade, é hoje em dia uma ferramenta funcional e, mais do que isso, essencial, sobretudo no contexto empresarial. Contudo, mesmo com todos os desenvolvimentos tecnológicos que se têm testemunhado, pôde verificar-se que alguns problemas inerentes aos sistemas de tradução automática ainda persistem nos sistemas mais modernos, como problemas na tradução de frases ambíguas, de expressões idiomáticas e de frases muito longas, por exemplo.

No seguimento da exploração dos problemas mais comuns aos diferentes sistemas de tradução automática, foram referidas as principais características dos textos de *Marketing*, *Automotive* e de TI, tendo em conta algumas das características que já se sabia serem problemáticas para a tradução automática. Deste modo, analisando depois o estudo estatístico que demonstrava em que setores e tipos de conteúdo a tradução automática era mais ou menos eficiente, foi possível tentar relacionar os resultados do estudo com as principais características textuais de cada tipo de conteúdo. Neste sentido, verificou-se que a tradução automática obteve um desempenho bastante razoável em todas as três áreas referidas anteriormente, mostrando que tem potencial para traduzir qualquer tipo de conteúdo e que este potencial só terá tendência a evoluir a par dos desenvolvimentos futuros na área da tradução automática. É, no entanto, importante realçar que os resultados obtidos com a análise deste estudo têm limitações, podendo não corresponder totalmente à realidade. Isto deve-se ao facto de o número de participantes ser relativamente pequeno, com um total de apenas 73 participantes. Além disso, é provável que a sua maioria utilize um sistema de tradução automática semelhante, uma vez que todos os inquiridos são trabalhadores da SDL, pelo que é possível que tal tenha alguma influência nos resultados obtidos.

A última parte do relatório serviu para explorar o papel do tradutor na atualidade e o papel que poderá passar a ter no futuro, uma das questões fundamentais do relatório. Através da comparação entre os processos de tradução convencional, de tradução com pós-edição e de revisão, foi possível concluir que, apesar de haver aspetos comuns a todos estes processos, o processo de tradução com tradução automática encontra-se muito mais próximo do processo de revisão do que do processo de tradução convencional. Foi possível observar-se que até no processo de revisão, por vezes, é necessário traduzir frases de raiz, quando a tradução em questão não tem qualidade, e que a qualidade das traduções produzidas com tradução automática será cada vez melhor, não necessitando o pós-editor de realizar quase nenhuma alteração. Neste contexto, fica em aberto a questão “será que no futuro será mesmo necessário continuar a haver uma distinção entre o processo de tradução com pós-edição e o processo de revisão?”.

Sublinho que não acredito que a profissão de tradutor deixe de existir, pelo menos num futuro próximo, uma vez que haverá sempre o caso da tradução literária, uma área da tradução que, na minha perspetiva, precisará sempre de profissionais humanos

sensíveis e qualificados para tal – trata-se de uma tradução que considero mais delicada e com nuances demasiado complexas para serem traduzidas por sistemas de tradução automática. Além disso, adquirir sistemas de tradução automática de qualidade pode ser dispendioso, pelo que empresas cujo aspeto central não seja a tradução, ou mesmo trabalhadores em regime *freelance*, que tenham de adquirir todo este tipo de ferramentas através dos seus próprios meios, poderão optar pelos métodos de tradução convencionais em detrimento da tradução com pós-edição. Contudo, acredito que o papel do pós-editor se torne cada vez mais semelhante ao papel do revisor e que, por esse motivo, no futuro, não faça sentido haver uma distinção entre os dois processos, passando o pós-editor a ser o “revisor final” dos textos produzidos pela tradução automática.

Ainda relativamente à última parte do relatório, decidi introduzir algum contexto teórico com base num autor que tivesse estudado durante o Mestrado em Tradução, nomeadamente na cadeira de Teoria da Tradução. O autor escolhido foi Antoine Berman, visto que procurava um autor cuja teoria pudesse ser aplicada à tradução automática, a grande temática deste trabalho. Neste contexto, ao analisar excertos de textos produzidos com tradução automática em conformidade com a analítica da tradução, proposta por Antoine Berman, considerando sobretudo as tendências deformadoras, foi possível verificar que também a tradução automática é alvo de algumas destas tendências. No entanto, os resultados mostraram que as tendências deformadoras que afetam o tradutor humano não são iguais às tendências que afetam os sistemas de tradução automática, sendo este último mais alvo de tendências que afetam a sonoridade, o ritmo e a variação lexical e menos alvo de tendências que advenham de preferências pessoais, por exemplo. Neste sentido, nos exemplos analisados, foi possível verificar que tendências deformadoras, tais como a destruição de ritmos, o empobrecimento quantitativo e qualitativo, a destruição de redes idiomáticas e a destruição de redes vernáculas são frequentes em textos produzidos com tradução automática. Por sua vez, no que toca à tradução humana, foram referidas algumas situações em que o tradutor poderia ser alvo de tendências deformadoras, sendo a clarificação, a destruição de redes subjacentes de significado e a exotização de redes vernáculas algumas das que poderiam ser mais frequentes.

Para finalizar, espero que o presente trabalho seja útil para aqueles que pretendem adquirir conhecimentos sobre a tradução automática, nomeadamente conhecimentos

sobre o seu ponto de situação atual. Além disso, poderá ainda ser útil para aqueles que pretendam adquirir conhecimentos relacionados com a forma como esta vertente da tradução evoluiu até hoje, a partir de um resumo dos marcos mais importantes na evolução da tradução automática, baseado nas investigações dos autores mais relevantes nessa área, como Hutchins. Mais ainda, no contexto da tradução automática, um tema sobre o qual existe cada vez mais informação, foram explorados subtemas sobre os quais não existe uma grande variedade de informação. Entre eles, foram investigados tópicos como os tipos de conteúdo nos quais a tradução automática pode ser mais ou menos eficiente e a ideia do tradutor como próximo revisor. Todo o relatório foi escrito a pensar naquilo que eu teria prazer de ler como leitora. Nesse sentido, espero ter proporcionado uma leitura interessante.

Bibliografia

- Albir, A., & Alves, F. (2009). Translation as a Cognitive Activity. Em J. Munday, *The Routledge Companion to Translations Studies* (pp. 54-74). London and New York: Routledge.
- Allen, J. (2003). Post-editing. Em H. Somers, *Computers and Translation: A Translator's Guide* (pp. 297-318). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- ALPAC. (1966). *Language and Machines: Computers in Translation and Linguistics*. Obtido em 5 de março de 2020, de Machine Translation Archive: <http://www.mt-archive.info/ALPAC-1966.pdf>
- Alves, T. (2012). Transcreation: Desafios e potencialidades da tradução do texto publicitário. Obtido em 10 de maio de 2020, de <https://run.unl.pt/handle/10362/7615>
- Arnold, D., Balkan, L., Meijer, S., Humphreys, R., & Sadler, L. (1994). *Machine Translation: An Introductory Guide*. London: NCC Blackwell. Obtido em 15 de maio de 2020, de https://www.researchgate.net/publication/233967760_Machine_Translation_an_Introductory_Guide
- Bahdanau, D., & Cho, K. (2015). Neural Machine Translation by Jointly Learning to Align and Translate. *International Conference on Learning Representations*. San Diego. Obtido em 3 de junho de 2020, de <https://arxiv.org/pdf/1409.0473>
- Bar-Hillel, Y. (1960). The Present Status of Automatic Translation of Languages. Em F. Alt., *Advances in Computers* (Vol. 1, pp. 91-193). New York/London: Academic Press. Obtido em 2 de março de 2020, de Machine Translation Archive: <http://www.mt-archive.info/Bar-Hillel-1960.pdf>
- Bentivogli, L., Bisazza, A., Cettolo, M., & Federico, M. (2016). Neural versus Phrase-Based Machine Translation Quality: a Case Study. *Proceedings of the 2016 Conference on Empirical Methods in Natural Language Processing* (pp. 257–267). Austin, Texas: Association for Computational Linguistic. Obtido em 10 de junho de 2020, de <https://www.aclweb.org/anthology/D16-1025.pdf>
- Berman, A. (2000). Translation and Trials of the Foreign. Em L. Venuti, *The Translation Studies Reader* (pp. 284-297). London: Routledge.
- Brunette, L., Gagnon, C., & Hine, J. (2005). The GREVIS Project: Revise or Court Calamity. *Across Languages and Cultures*, 6(1), 29-45. Obtido em 13 de julho de

-
- 2020, de <https://akjournals.com/view/journals/084/6/1/article-p29.xml?body=contentSummary-14915>
- Buchicchio, M. (2017). *Português Controlado para a Tradução Automática: Português-Italiano*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Obtido em 30 de abril de 2020, de https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28715/1/ulfl233817_tm.pdf
- Byrne, J. (2006). *Technical translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation*. The Netherlands: Springer.
- Canteiro, A. (2013). *Tradução técnica - A tradução de instruções*. (U. d. Coimbra, Ed.) Obtido em 22 de fevereiro de 2020, de <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/35957>
- Costa, A. (2018). *Uma (re)visão da tradução automática*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Obtido em 23 de maio de 2020, de https://eg.uc.pt/bitstream/10316/82032/1/Versa%CC%83o%20final_%20Relato%CC%81rio_Ana%20Costa.pdf
- Crego, J., Kim, J., Klein, G., Rebollo, A., Yang, K., Senellart, J., . . . Priori, A. (2016). *SYSTRAN's Pure Neural Machine Translation Systems*. Obtido em 16 de março de 2020, de <https://arxiv.org/abs/1610.05540>
- Dimitrova, B. (2005). *Expertise and Explicitation in the Translation Process*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Dimitrova, B. (2010). Translation process. Em Y. Gambier, & L. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 406-412). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- European Commission. (2015). *DGT Translation Quality Guidelines*. Obtido de https://ec.europa.eu/translation/maltese/guidelines/documents/dgt_translation_quality_guidelines_en.pdf
- Forcada, M. (2010). Machine Translation Today. Em Y. Gambier, & L. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 215-223). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/326381184_Handbook_of_Translation_Studies_-_Vol_1
- Gaballo, V. (2012). Exploring the Boundaries of Transcreation in Specialized Translation. Obtido de https://www.researchgate.net/publication/256446051_Exploring_the_boundaries_of_transcreation_in_specialized_translation
- Gross, S. (2006). *Internationalization and Localization of Software*. Obtido em 8 de fevereiro de 2020, de

<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.175.2883&rep=rep1&type=pdf>

- Hansen, G. (2013). The Translation Process as Object of Research. Em C. Millán, & F. Bartrina, *The Routledge Handbook of Translation Studies* (pp. 88-101). Abingdon: Routledge.
- Hutchins, W. J. (1995). Machine Translation: A Brief History. Em E. F. Koerner, & R. E. Asher, *Concise History of the Language Sciences: From the Sumerians to the Cognitivists* (pp. 431-445). Oxford: Pergamon Press. Obtido de John Hutchins: Publications on machine translation, computer-based translation technologies, linguistics and other topics.
- Hutchins, W. J. (2006). Machine Translation: History. Em K. Brown, *Encyclopedia of Language & Linguistics* (2^a ed., Vol. 7, pp. 375-383). Oxford: Elsevier.
- Hutchins, W. J. (2010). Machine Translation: a Concise History. Obtido em 13 de março de 2020, de John Hutchins: Publications on machine translation, computer-based translation technologies, linguistics and other topics: <http://www.hutchinsweb.me.uk/CUHK-2006.pdf>
- Hutchins, W. J., & Lovtskii, E. (2000). Petr Petrovich Troyanskii (1894–1950): A Forgotten Pioneer of Mechanical Translation. *Machine Translation*, 15(3), 187-221. Obtido em 10 de março de 2020, de s: <http://www.hutchinsweb.me.uk/MTJ-2000.pdf>
- Hutchins, W. J., & Somers, H. (1992). *An Introduction to Machine Translation*. London: Academic Press. Obtido de John Hutchins: Publications on machine translation, computer-based translation technologies, linguistics and other topics.
- International Organization for Standardization. (2015). *ISO 17100:2015 Translation services — Requirements for translation services*. Obtido de ISO: <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:17100:ed-1:v1:en>
- Ipsen, A., & Dam, H. (2017). Translation Revision: Correlating Revision Procedure and Error Detection. *HERMES - Journal of Language and Communication in Business*(55), 143-156. Obtido em 2 de junho de 2020, de <https://tidsskrift.dk/her/article/view/24612>
- Kay, M. (1980). The Proper Place of Men and Machines in Language Translation. Obtido em 13 de abril de 2020, de Machine Translation Archive: <http://www.mt-archive.info/Kay-1980.pdf>
- Koby, G. S. (2001). Editor's Introduction: Post-Editing of Machine Translation Output: Who, What, Why, and How (Much). Em H. P. Krings, *Repairing texts: Empirical Investigations of Machine Translation Post-editing Process* (pp. 1-23). The Kent State University Press.

-
- Koehn, P., & Knowles, R. (2017). Six Challenges for Neural Machine Translation. Em T. Luong, A. Birch, G. Neubig, & A. Finch, *Proceedings of the First Workshop on Neural Machine Translation* (pp. 28-39). Vancouver: Association for Computational Linguistics. Obtido em 30 de maio de 2020, de <https://www.aclweb.org/anthology/W17-3204/>
- Koehn, P., Och, F., & Marcu, D. (2003). Statistical Phrase-Based Translation. *Conference: Proceedings of the 2003 Conference of the North American Chapter of the Association for Computational Linguistics on Human Language Technology. 1*, pp. 127-133. Association for Computer Linguistics. Obtido em 12 de abril de 2020, de <https://www.aclweb.org/anthology/N03-1017/>
- Krings, H. P. (2001). *Repairing Texts: Empirical Investigations of Machine Translation Post-editing Process*. Kent: The Kent State University Press.
- Laviosa, S. (2010). Corpora. Em Y. Gambier, & L. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 80-86). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Lennon, B. (2014). Machine Translation: A Tale of Two Cultures. Em S. Bermann, & C. Porter, *A Companion to Translation Studies* (1ª ed., pp. 135-147). Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.
- Levy, J. (2012). Translation as a Decision Process. *Scientia Traductionis*(11). Obtido em 3 de junho de 2020, de *Scientia Traductionis*: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p72/22525>
- Lörscher, W. (2002). A Model for the Analysis of Translation Processes within a Framework of Systemic Linguistics. *Cadernos de Tradução*, 2(10), 97-112. Obtido em 21 de abril de 2020, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6146>
- Maučec, M., & Donaj, G. (2019). *Machine Translation and the Evaluation of its Quality*. Obtido em 3 de julho de 2020, de <https://www.intechopen.com/online-first/machine-translation-and-the-evaluation-of-its-quality>
- Mossop, B. (2011). Revision. Em Y. Gambier, & L. Doorslaer, *Handbook of Translation Studies* (Vol. 2, pp. 135-139). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Munday, J. (2016). *Introducing Translation Studies*. New York: Routledge.
- Pinho, J. A. (2006). *O Escritor Invisível*. Porto: Quidnovi.

-
- Reiss, K. (1981). Type, Kind and Individuality of Text: Decision Making in Translation. *Poetics Today*, 2(4), 121-131. Obtido em 10 de julho de 2020, de <https://www.jstor.org/stable/1772491>
- Robert, I., & Waes, L. (2014). Selecting a Translation Revision Procedure: Do Common Sense and Statistics Agree? *Perspectives*, 22(3), 304-320. Obtido em 6 de julho de 2020, de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2013.871047>
- Schwartz, L. (2018). The History and Promise of Machine Translation. Em R. Jääskeläinen, & I. Lacruz. Urbana. Obtido em 7 de fevereiro de 2020, de <http://dowobeha.github.io/papers/history18.pdf>
- Scocchera, G. (2017). Translation Revision as Rereading: Different Aspects of the Translator's and Reviser's Approach to the Revision Process. *Mémoires du livre/ Studies in Book Culture*, 9(1). Obtido de <https://www.erudit.org/en/journals/memoires/2017-v9-n1-memoires03394/1043122ar/>
- Seleskovitch, D., & Lederer, M. (1984). *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier.
- Silva, R. (2014). Integrating Post-Editing MT in a Professional Translation Workflow. Em S. O'Brien, L. Balling, M. Carl, M. Simard, & L. Specia, *Post-Editing of Machine Translation: Process and Applications* (pp. 24-50). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing.
- Taivalkoski-Shilov, K. (2019). Ethical Issues Regarding Machine(-assisted) Translation of Literary Texts. *Perspectives*, 27(5), 689-703. Obtido em 17 de março de 2020, de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0907676X.2018.1520907>
- Wang, X., Chen, C., & Xing, Z. (2019). Domain-specific Machine Translation with Recurrent Neural Network for Software Localization. *Empirical Software Engineering*, 4. doi:<https://doi.org/10.1007/s10664-019-09702-z>
- Weaver, W. (1949). *Translation*. Obtido em 15 de fevereiro de 2020, de Machine Translation Archive: <http://www.mt-archive.info/Weaver-1949.pdf>
- Zakir, M., & Nagoor, M. (2017). A Brief Study of Challenges in Machine Translation. *International Journal of Computer Science Issues*, 14(2). Obtido em 12 de maio de 2020, de <https://www.ijcsi.org/papers/IJCSI-14-2-54-57.pdf>
- Zens, R., Och, F., & Ney, H. (2002). Phrase-Based Statistical Machine Translation. *KI 2002: Advances in Artificial Intelligence* (pp. 18-32). Springer.